

**A IMPORTÂNCIA DA OBSERVAÇÃO DA ESTRUTURA TEXTUAL DURANTE A
CATALOGAÇÃO DE ASSUNTO DE LIVROS CIENTÍFICOS EM BIBLIOTECAS
UNIVERSITÁRIAS: uma análise realizada a partir da técnica de Protocolo Verbal.**

DANIELA MAJORIE DOS REIS

**A IMPORTÂNCIA DA OBSERVAÇÃO DA ESTRUTURA TEXTUAL DURANTE A
CATALOGAÇÃO DE ASSUNTO DE LIVROS CIENTÍFICOS EM BIBLIOTECAS
UNIVERSITÁRIAS: uma análise realizada a partir da técnica de Protocolo Verbal.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Área de Concentração: Informação, Tecnologia e Conhecimento.

Linha de Pesquisa: Produção e Organização da Informação.

Orientadora: Prof^{ra}. Dr^a. Mariângela Spotti Lopes Fujita

Agência financiadora: FAPESP

**Marília
2012**

Reis, Daniela Majorie dos.

R375i A importância da observação da estrutura textual durante a catalogação de assunto de livros científicos em bibliotecas universitárias: uma análise realizada a partir da técnica de protocolo verbal / Daniela Majorie dos Reis. – Marília, 2012.

132 f. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2012.

Orientador: Mariângela Spotti Lopes Fujita.

1. Análise de conteúdo (Comunicação). 2. Catalogação por assunto - Metodologia. 3. Indexação. 4. Bibliotecas universitárias. 5. Livros técnicos e científicos. 6. Protocolo verbal. I. Autor. II. Título.

CDD 025.47

DANIELA MAJORIE DOS REIS

**A IMPORTÂNCIA DA OBSERVAÇÃO DA ESTRUTURA TEXTUAL DURANTE A
CATALOGAÇÃO DE ASSUNTO DE LIVROS CIENTÍFICOS EM BIBLIOTECAS
UNIVERSITÁRIAS: uma análise realizada a partir da técnica de Protocolo Verbal.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Membros da banca examinadora:

Nome: Mariângela Spotti Lopes Fujita (orientadora)
Titular do Departamento de Ciência da Informação
Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP - Universidade Estadual Paulista - Marília/SP

Nome: Carlos Cândido de Almeida
Titulação: Doutor em Ciência da Informação
Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP - Universidade Estadual Paulista - Marília/SP

Nome: Milena Polsinelli Rubi
Titulação: Doutora em Ciência da Informação
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Campus Sorocaba

Universidade Estadual Paulista - UNESP
Marília, 30 de julho de 2012

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a professora Mariângela Fujita pelas orientações e amizade, aos membros da banca de qualificação pelas recomendações importantes feitas ao meu trabalho, aos membros da banca de defesa e a FAPESP por financiar minha pesquisa. Em segundo lugar, mas não menos importante, agradeço a minha família (de casa), aos meus amigos de Marília, aos meus amigos de São Paulo e ao Thiago.

RESUMO

A indexação consiste em uma forma de descrição que busca determinar conceitos expressos em um documento e representá-los de acordo com uma linguagem documental. Existem fatores que influenciam neste processo, podendo contribuir para uma seleção mais completa dos termos que representarão o documento dentro de um sistema de informação, que são o conhecimento prévio sobre o assunto do documento e o domínio em que este profissional está inserido. Outro fator importante a ser considerado é a estrutura textual dos documentos que são indexados. Cada tipo de documento apresenta uma estrutura própria, porém, quando o documento em foco é o livro, a análise da estrutura textual pode ser realizada de forma a facilitar a catalogação de assuntos, pois o profissional que realiza este processo pode buscar os termos nos locais mais apropriados. Assim, buscou-se compreender e investigar o indexador enquanto leitor profissional mediante a observação de suas experiências adquiridas com a profissão, dentro do domínio específico de bibliotecas universitárias, e o uso que faz da estrutura textual durante a catalogação de assunto. Para tanto foi usada uma técnica introspectiva de coleta de dados, o Protocolo Verbal, que consiste na exteriorização de pensamentos durante a gravação de algum processo, no caso, a análise de assunto, procedimento que leva a categorização dos assuntos. Com os resultados obtidos por meio de pesquisa bibliográfica e coleta de dados durante a catalogação de assunto foi possível observar quais partes da estrutura textual dos livros científicos são mais consultadas pelos bibliotecários nas universidades analisadas, contribuindo para a elaboração de um “Modelo de ensino de leitura documentária para análise de assunto de livros científicos”, metodologia aprimorada com base no “Modelo de Leitura Documentária para indexação artigos científicos” e “Modelo de leitura documentária para indexação na catalogação de assuntos de livros em bibliotecas”. O Modelo apresentado no final da pesquisa é recomendado para uso em disciplinas do curso de biblioteconomia da UNESP tendo em vista o ensino da catalogação de assunto para os discentes do curso.

Palavras-Chave: Análise de Assunto. Indexação. Bibliotecas Universitárias. Estrutura Textual de Livros. Protocolo Verbal.

ABSTRACT

Indexing is a form of description that looks to define concepts expressed in a document and to represent them according to a documental language. Some factors influence this process and can contribute to a more complete selection of terms that represent the document within an information system, which is previous knowledge about the subject of the document and the area where the professional is inserted. Another important factor to consider is the textual structure of documents that are indexed. Each document type has its own structure, but when the document in focus is the book, the textual structure analysis can be performed in order to facilitate the subject cataloging, because the professional who performs this procedure can get the terms in more appropriate spots. Thus, we seek to understand and investigate the indexer as a professional reader through the observation of their professional experiences acquired through the specific domain of university libraries, and the use of textual structure for the subject cataloging. To achieve this, an introspective technique for data collection, the Verbal Protocol, which is the manifestation of thoughts during the recording of any proceedings in this case, subject analysis, a procedure that leads to determination of issues will be applied. With the results obtained through literature research and data collection during subject cataloging, it was possible to observe which parts of the textual structure of scientific books are most frequently consulted by librarians at the analyzed universities and contributed to plan the “Modelo de ensino de leitura documentária para análise de assunto de livros científicos”, improved methodology based on the “Modelo de Leitura Documentária para indexação artigos científicos” and “Modelo de leitura documentária para indexação na catalogação de assuntos de livros em bibliotecas”. The model presented in the end of the study is recommended for use in disciplines of the course of librarianship at UNESP with a view to teaching subject cataloging for the students of the course.

Keywords: Subject Analysis. Indexing. University Libraries. Books Textual Structure. Verbal Protocol.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Relação entre os objetivos e os capítulos da pesquisa	16
Quadro 2 – Visão geral das etapas no processo de indexação, tal como apresentado por Chan (1981, 1994), Langridge (1989), Lancaster (1991), Taylor (1999), e ISO 5963 (1985).	23
Quadro 3 – Quadro comparativo das sugestões para exploração de estrutura textual de livros.	65
Quadro 4 – Bibliotecas escolhidas para coleta dos PVIs.	66
Quadro 5 – Partes consultadas na estrutura textual do livro durante a análise de assunto.	82
Quadro 6 – Comparação das sugestões de estrutura textual por autores e das partes consultadas durante a análise de assunto pelas bibliotecas pesquisadas.	83
Quadro 7 – Modelo de ensino de leitura documentária para análise de assunto de livros científicos.	85
Figura 1 – Modelo de Indexação proposto por Mai.	24
Figura 2 – Concepção orientada ao documento e concepção orientada ao domínio.	26

SUMÁRIO

Introdução	9
2 Tratamento da informação: A catalogação de assunto	18
2.1 Os processos de indexação e de catalogação de assunto	19
2.1.1 A indexação	20
2.1.2 A catalogação de assunto	29
2.2 A análise de assunto nos processos de indexação e catalogação de assunto	32
2.2.1 O “aboutness” de um documento	36
3 A leitura documentária em bibliotecas universitárias	42
4 O livro e sua estrutura textual	55
5 Metodologia	66
6 Análise dos dados	74
7 Considerações finais	87
Referências	89
APÊNDICES	94
APÊNDICE A - PROTOCOLO VERBAL INDIVIDUAL – IB – Biblioteca do Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo – USP	95
APÊNDICE B - PROTOCOLO VERBAL INDIVIDUAL – IME – Instituto de matemática e estatística da Universidade de São Paulo – USP	101
APÊNDICE C - PROTOCOLO VERBAL INDIVIDUAL – IFCH – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP “Biblioteca Prof. Dr. Octávio Ianni”	106
APÊNDICE D - PROTOCOLO VERBAL INDIVIDUAL – IMECC – Instituto de Matemática, Estatística e Computação Científica da UNICAMP “Biblioteca do IMECC” (BIMECC)	111
APÊNDICE E - PROTOCOLO VERBAL INDIVIDUAL – IA – Instituto de Artes da UNESP – Biblioteca “Prof. Dr. José de Arruda Penteado”	119
APÊNDICE F – PROTOCOLO VERBAL INDIVIDUAL – “Biblioteca – Honório Monteiro” da Faculdade de Odontologia da UNESP – Universidade Estadual Paulista Campus de Araçatuba	124
ANEXOS	129
ANEXO A – Notações para a transcrição de Protocolos Verbais adaptadas de Cavalcanti (1989) – retiradas de (FUJITA, NARDI e FAGUNDES, 2003)	130
ANEXO B – MODELO DE LEITURA PARA INDEXAÇÃO DE TEXTOS CIENTÍFICOS	131

Introdução

Esta pesquisa insere-se na área da Ciência da Informação, especificamente na linha de pesquisa – Produção e Organização da Informação.

Na Biblioteconomia existem duas formas de tratamento da informação, o temático e o descritivo. O tratamento temático analisa o documento do ponto de vista do conteúdo dos documentos, o tratamento descritivo analisa sua parte física.

A primeira etapa do tratamento temático da informação é a análise de assunto, tarefa que está sujeita à interferência de diversos fatores relacionados ao profissional, como o contexto em que está inserido, seu conhecimento prévio, experiência na área e estratégias próprias. Silveira (2006, p. 10) entende a indexação¹ como “algo maior e mais abrangente que a análise de assunto, pois além da análise do tema, ainda comporta sua síntese e representação”.

Atualmente, algumas bibliotecas universitárias cooperam registros bibliográficos entre si², facilitando nas bibliotecas o processo de importação de dados para a catalogação descritiva, e conseqüentemente, a catalogação de assunto de livros. A representação de um documento, segundo Mey (1995, p.5) “deve ser elaborada uma única vez [...]”, poupando tempo da equipe e padronizando a forma de apresentação dos registros.

Do ponto de vista da catalogação descritiva do livro, a cooperação pode trazer grandes benefícios para todas as bibliotecas que fazem parte da rede cooperante, já que a parte física do livro será a mesma em todas as bibliotecas, porém, a catalogação de assuntos poderá ser realizada de formas diferentes de acordo com o domínio em que a biblioteca está inserida e com os interesses de seus usuários.

Em uma Universidade cuja maioria dos cursos insere-se na área de Exatas, o catalogador de assuntos dessa biblioteca universitária provavelmente, mesmo que de forma inconsciente poderá realizar a catalogação de assuntos de livros desta área de forma mais completa que um catalogador de outra biblioteca. Isso ocorre devido ao constante contato deste catalogador de assuntos com a bibliografia específica da área de Exatas, e com o

¹ [...] é apropriado esclarecer que o catalogador, quando realiza a análise de assunto, deverá ser entendido como indexador, uma vez que a própria área de pesquisa reconhece a indexação e a catalogação de assuntos como conceitualmente equivalentes na concepção de Lancaster (1993), Silva e Fujita (2004) e Milstead (1983) entre outros (FUJITA, RUBI e BOCCATO 2009, p. 4).

² A rede de bibliotecas da UNESP iniciou o seu processo de automação por volta de 1993/1994 com a participação na Rede BIBLIODATA mantida pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). (FUJITA, RUBI E BOCCATO, 2009, p. 6).

ambiente (discentes e docentes buscando documentos específicos ou tirando dúvidas na biblioteca) fazendo com que absorva mais conteúdo na área do que qualquer outro bibliotecário que não esteja familiarizado com esse ambiente.

Em trabalho de conclusão de curso, Reis (2009) realizou “estudo do contexto de bibliotecas universitárias pela abordagem da cognição profissional de catalogadores e referente à estrutura do documento livro”³, vinculado ao projeto de pesquisa: “O contexto da leitura documentária de indexadores de bibliotecas universitárias em perspectiva sócio-cognitiva para a investigação de estratégias de ensino” de 2007 a 2010 coordenado pela Prof^a. Dr^a. Mariângela Spotti Lopes Fujita. Na ocasião, foram analisados Protocolos Verbais Individuais de bibliotecários durante a catalogação de livros, coletados em seis bibliotecas universitárias da UNESP com o intuito de observar quais partes de livros das áreas de Pedagogia e Odontologia durante a catalogação de assunto foram mais consultadas, e quais levaram à identificação do maior número de termos. A análise da transcrição dos Protocolos Verbais foi desenvolvida com as categorias:

- Uso de estratégias próprias do catalogador de assuntos (meios não presentes no padrão para agilizar e facilitar a indexação);
- Observação da estrutura textual do livro;
- Apresentação de conhecimento prévio sobre o assunto do documento;
- Uso de regras específicas para indexação determinadas pela instituição, biblioteca ou padrões para indexação.

Como resultados da pesquisa em questão, Reis (2009) observou que os profissionais catalogadores de assunto seguem naturalmente um processo de indexação determinado pelo acúmulo de experiência e pelas regras da biblioteca, e todos seguem os padrões da UNESP⁴ determinados pela CGB⁵. Também, a minoria dos bibliotecários apresentou conhecimento

³ REIS, Daniela Majorie dos. **Estudo do contexto de bibliotecas universitárias pela abordagem da cognição profissional de catalogadores e referente à estrutura do documento livro**. 2009. 116f. Trabalho de Conclusão de Curso de Biblioteconomia (bacharelado em biblioteconomia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2009. Com bolsa de iniciação científica CNPq/PIBIC de janeiro de 2007 a janeiro de 2010.

⁴ Em bibliotecas universitárias da UNESP, os bibliotecários podem seguir padrões como o AACR2 e o MARC 21, mas alguns usam padrões próprios baseados nestes de acordo com as necessidades de cada biblioteca.

⁵ Coordenadoria Geral de Bibliotecas da UNESP - http://www.unesp.br/cgb/index_cat3_areas.php

prévio durante a prática da indexação, mas todos mostraram interesse pela estrutura textual dos livros, a partir de comentários e opiniões construtivas.

As partes mais consultadas pelos sujeitos que foram observadas nos seis protocolos verbais individuais na área de Humanas (A, B e C) e Biológicas (D, E e F) em trabalho de conclusão de curso (REIS, 2009):

Área: Humanas

Biblioteca A: Título; Autor; Imprensa; Anverso da folha de rosto; Resumo; Orelhas do livro;

Biblioteca B: Última capa; Catalogação na fonte; Anverso da folha de rosto; Título; Imprensa;

Biblioteca C: Anverso da folha de rosto; Verso da folha de rosto; Sumário; Prefácio; Catalogação na fonte.

Área: Biológicas

Biblioteca D: Título; Sumário; Catalogação na fonte;

Biblioteca E: Capa; Última capa; Verso da folha de rosto;

Biblioteca F: Sumário; Título; Anverso da folha de rosto; Verso da folha de rosto; capítulos do livro.

Os resultados obtidos mostram que o uso da folha de rosto (verso e anverso) foi feito pela maioria dos catalogadores. Outros elementos pré-textuais são consultados e apenas um catalogador usou os capítulos do livro.

A partir destes resultados observou-se a necessidade em pesquisa atual, de estudar catalogadores em domínios específicos, pois com a observação da catalogação de assunto de livros científicos nas três áreas do conhecimento, será possível revelar estratégias de catalogadores experientes durante este processo sem a interferência da cooperação de registros entre bibliotecas, desvendando quais partes da estrutura dos livros científicos são mais consultadas, e quais são mais relevantes para o processo de catalogação de assunto.

É importante lembrar que foi solicitado aos catalogadores que realizassem a catalogação de assunto sem a interferência do uso de registros encontrados em bases de dados com o intuito de aproveitar seus dados. Este foi o fator que mais prejudicou as análises sobre exploração de estrutura textual durante o desenvolvimento do trabalho de conclusão de curso em 2009, pois os sujeitos aproveitavam todos os dados, incluindo os termos para a catalogação de assunto.

Assim, visando a obtenção de resultados mais satisfatórios do que os obtidos em trabalho de conclusão de curso, observou-se a necessidade de delimitar o campo de investigação dentro da catalogação de assunto, trazendo subsídios para o desenvolvimento de uma metodologia que auxilie no processo de ensino da catalogação de assunto de livros científicos.

O “Modelo de ensino de leitura documentária para análise de assunto de livros científicos” é uma fusão de dois modelos já existentes e tem ênfase no ensino da catalogação de assunto. Sua estrutura será baseada no “Modelo de leitura documentária para indexação de artigos científicos⁶” e no “Modelo de leitura documentária para indexação na catalogação de assuntos de livros em bibliotecas⁷”, incluindo dados importantes obtidos com a análise nesta pesquisa. O processo para elaboração das sugestões do modelo será mais detalhado na metodologia.

Assim, define-se como problema, a investigação de uma metodologia que indique na estrutura textual as partes em que é possível identificar os conceitos para realizar a catalogação de assunto em um livro científico em contexto de bibliotecas universitárias.

Desta forma, propõe-se a investigação em leitura documentária de catalogadores para a exploração de estrutura textual na catalogação de assunto de livros com abordagem sociocognitiva⁸ em contexto de bibliotecas universitárias.

⁶ Em: FUJITA, M. S. L., RUBI, Milena Polsineli. Um modelo de leitura documentária para a indexação de artigos científicos: princípios de elaboração e uso para a formação de indexadores. **DataGramZero**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, p.1-18, 2006.

⁷ Resultado de projeto de pesquisa de 2007 a 2010: O contexto da leitura documentária de indexadores de bibliotecas universitárias em perspectiva sócio-cognitiva para a investigação de estratégias de ensino (PQ/CNPq- 2)

⁸ A perspectiva sociocognitiva em indexação é necessária porque o objetivo do tratamento da informação é a recuperação da informação e envolve, além do catalogador, seu contexto sociocognitivo de produção composto por usuários, métodos, técnicas, materiais e ambiente desse processo. [...] A abordagem sociocognitiva, portanto, tem como foco o sujeito que realiza uma determinada atividade e sua cognição em relação ao seu contexto de produção (FUJITA, RUBI e BOCCATO, 2009, p. 4).

A proposta apresentada deriva de pesquisa de iniciação científica CNPq/PIBIC, iniciada em janeiro de 2008 a janeiro de 2010, por duas vigências, e os respectivos relatórios deram origem ao trabalho de conclusão de curso (REIS, 2009c), cujos resultados evidenciaram a necessidade de investigar a estrutura textual de livros dentro de outras áreas do conhecimento.

Esta pesquisa fornece referenciais teóricos e metodológicos quando se trata da representação e recuperação de documentos, além de relacionar-se com o projeto de pesquisa “O contexto da leitura documentária de indexadores de bibliotecas universitárias em perspectiva sócio-cognitiva para a investigação de estratégias de ensino”, período de março de 2007 a fevereiro de 2010, coordenado pela Prof^a. Dr^a. Mariângela Spotti Lopes Fujita (2007), com os resultados de pesquisa apresentados por: Fujita, Nardi e Fagundes (2005) e Fujita e Rubi (2006), e publicações que envolvam a leitura documentária de catalogadores de assunto proficientes ou em formação: Fujita (2003, 2004 e 2006a).

Como objetivo geral busca-se oferecer contribuições para a área de tratamento temático da informação a partir de investigações dentro da abordagem sociocognitiva visando a adaptação de dois modelos (FUJITA; RUBI, 2006 e FUJITA, 2010), contribuindo para o aprimoramento de metodologias para catalogação de assunto de livros científicos em bibliotecas universitárias.

Como objetivos específicos serão realizadas investigação teórica e metodológica da leitura documentária para análise de assunto de livros considerando sua estrutura e tipologia textual e o estudo de observação da leitura documentária para análise de assunto de livros por catalogadores em abordagem sociocognitiva no contexto de bibliotecas universitárias.

Essa pesquisa se justifica na medida em que contribui diretamente para a área de leitura documentária, especificamente para a catalogação de assunto e também para um crescimento teórico-metodológico desta área. Busca-se contribuir para a elaboração de um “Modelo de ensino de leitura documentária para análise de assunto de livros científicos”, baseado no “Modelo de leitura documentária para indexação de artigos científicos”, e no “Modelo de leitura documentária para indexação na catalogação de assuntos de livros em bibliotecas”, a partir de resultados obtidos com levantamento bibliográfico e análise de dados coletados, ampliando o escopo de atuação da pesquisa.

É por meio da leitura que o catalogador de assunto realiza a compreensão do conteúdo de determinado documento a partir da análise das partes de sua estrutura visando identificar conceitos sem que seja necessário realizar sua leitura completa. Para Fagundes (2001, p.76):

O processo de indexação [...] inicia-se no momento da leitura do documento e é realizado pelo sujeito-leitor caracterizado pelo indexador que pode ser um bibliotecário-indexador (um indivíduo com formação superior no curso de Biblioteconomia e Documentação) ou, um indexador-especialista (indivíduo com formação superior em determinada área do conhecimento a qual pertencem os documentos).

Complementando a citação acima, segundo Mai (2005, p. 599), a principal função da indexação é determinar o assunto dos documentos e representá-los através de descritores, cabeçalhos de assunto, entre outros, tornando a recuperação do assunto possível. Basicamente, o indexador deve realizar a determinação de assuntos baseando-se apenas na análise do documento em si, cuja intenção é representar o documento da forma mais fiel possível, garantindo que sua representação seja válida por um longo período.⁹

A idéia acima apresentada por Mai (2005), mostra que é necessário realizar a análise de assunto de documentos de forma atenta, se concentrando na estrutura do documento, quando o objetivo é representá-lo de forma adequada. Atualmente, os catálogos on-line que permitem a cooperação entre bibliotecas (principalmente universitárias), e a catalogação na fonte de livros, tornam a catalogação de assunto um processo que gera produtos pouco confiáveis do ponto de vista da recuperação pelo usuário, principalmente quando esse está inserido em um domínio¹⁰ específico.

Em domínios como bibliotecas universitárias, os documentos devem ser representados com cuidado pelos catalogadores de assunto, principalmente pelo fato de muitas universidades apresentarem cursos inseridos em áreas específicas do conhecimento, exigindo que o acervo da biblioteca apresente especificidade sobre a bibliografia dos cursos, assim como com relação à representação temática de seus documentos. No livro “A indexação de livros: a percepção de catalogadores e usuários de bibliotecas universitárias” (FUJITA; BOCCATO; RUBI; GONÇALVES, 2009) apresenta pesquisas com temática diretamente relacionada às perspectivas aqui estudadas.

⁹ MAI, Jens-erik. Analysis in indexing: document and domain centered approaches. **Information Processing And Management**, Seattle, n. 41, p.599-611, 7 fev. 2004

¹⁰ Mai (2004b, p. 211) explica que “domínio” é um conceito muito amplo e em evolução, que se desenvolve conforme seu uso é aplicado na prática. Mai usa o termo “domínio” para se referir a um grupo de pessoas que trabalham juntas em uma organização, ou a organização inteira.

Desta forma, as bibliotecas universitárias brasileiras, segundo Fujita (2007, p.19) são consideradas “sistemas de informação que produzem bases de dados cujas formas de representação documentária estão organizadas em metadados com possibilidade de acesso múltiplo. São, portanto, instrumentos plurifuncionais porque dão acesso, confirmam dados e possibilitam avaliação”.

Em bibliotecas universitárias existe uma grande variedade de documentos, mas o livro especificamente apresenta um tipo de estrutura que difere de outros documentos, como os artigos de periódicos.

O aperfeiçoamento das técnicas de produção do livro ao longo dos séculos mudou sua estrutura textual para uma forma de apresentação mais padronizada, tanto com relação a sua forma, quanto ao seu conteúdo. O que era uma boa forma de apresentação dos livros para os editores desde o surgimento da imprensa, originou hoje a padronização para livros, facilitando e efetivando o trabalho dos catalogadores.

Atualmente, além das formas padronizadas de apresentação do livro usadas por editoras, existem também normas que definem quais partes um livro deve apresentar¹¹, e que mostram quais elementos devem ser observados em um livro visando a determinação de seus assuntos¹².

Além de normas, autores sugerem quais tópicos da estrutura de um livro podem ser consultados visando conhecer seu conteúdo. Chaumier (1988, p.64) sugere que a leitura de um documento seja realizada dando mais atenção ao título, intertítulos, introdução, conclusão, frases introdutórias de parágrafos e capítulos, legendas de ilustrações, gráficos, tabelas, informações em negrito, entre outras, pois são as partes mais ricas em informação.

Apesar de sua estrutura padronizada, vários fatores de caráter cognitivo podem interferir na leitura documentária do livro, como o conhecimento prévio do profissional que realiza esta tarefa.

Para Dias, Neves e Pinheiro (2006, p. 142):

[...] indivíduos com conhecimento anterior extenso em um domínio mostram mais geração de inferências, construção de hipóteses e capacidade de

¹¹ ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS - ABNT. NBR 6029. Informação e documentação: livros e folhetos: apresentação. Rio de Janeiro, 2006.

¹² ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS - ABNT. NBR 12676. Métodos para análise de documentos: determinação de seus assuntos e seleção de termos de indexação. Rio de Janeiro, 1992.

julgamento da adequação e importância do conteúdo do texto. [...] Além do papel central do conhecimento prévio na compreensão da leitura, a importância do monitoramento da compreensão e do uso de estratégias metacognitivas de processamento de texto tem sido enfocada por vários estudos, e, como resultado, várias estratégias têm sido identificadas.

No tratamento temático da informação, a identificação de conceitos sofre influência da cognição profissional, não existindo um processo ordenado que possua etapas pré-definidas, mas que depende do processamento mental de informações, do conhecimento prévio e de estratégias cognitivas.

Assim, observa-se que o processo de determinação de assuntos envolve variáveis (domínio, conhecimento prévio do profissional, estrutura do documento em análise, etc) que determinam a eficiência de seu andamento, tornando a observação dos processos cognitivos do profissional em ação, um ponto importante a ser observado e fundamental para as análises a serem realizadas nesta pesquisa.

Quadro 1 – Relação entre os objetivos e os capítulos da pesquisa:

SISTEMATIZAÇÃO DA PESQUISA	
Estrutura	Delimitação
Problema	Falta de uma metodologia que indique na estrutura textual as partes em que é possível identificar os conceitos para realizar a catalogação de assunto em um livro científico em contexto de bibliotecas universitárias.
Proposta	Investigação em leitura documentária de catalogadores para a exploração de estrutura textual na catalogação de assunto de livros com abordagem sociocognitiva em contexto de bibliotecas universitárias.
Objetivo Geral	Oferecer contribuições para a área de tratamento temático da informação a partir de investigações dentro da abordagem sociocognitiva visando a adaptação de um modelo contribuindo para o aprimoramento de metodologias para catalogação de assunto de livros científicos em bibliotecas universitárias.
Capítulo 2	Objetivo Específico 1: Realizar investigação teórica e metodológica da leitura documentária para análise de assunto de livros considerando-se sua estrutura e tipologia textual. Título: Tratamento da informação: a catalogação de assunto.
Capítulo 3	Objetivo Específico 1: Realizar investigação teórica e metodológica da leitura documentária para análise de assunto de livros considerando-se sua estrutura e tipologia textual. Título: A leitura documentária em bibliotecas universitárias
Capítulo 4	Objetivo Específico 1: Realizar investigação teórica e metodológica da leitura documentária para análise de assunto de livros considerando-se sua estrutura e tipologia textual. Título: O livro e sua estrutura textual.
Capítulo 5	Objetivo Específico 2: Realizar estudo de observação da leitura documentária para análise de assunto de livros por catalogadores em abordagem sociocognitiva do contexto de bibliotecas universitárias. Título: Metodologia

Capítulo 6	Objetivo Específico 2: Realizar estudo de observação da leitura documentária para análise de assunto de livros por catalogadores em abordagem sociocognitiva do contexto de bibliotecas universitárias. Título: Análise dos dados
Capítulo 7	Objetivo Específico 2: Realizar estudo de observação da leitura documentária para análise de assunto de livros por catalogadores em abordagem sociocognitiva do contexto de bibliotecas universitárias. Título: Resultados
Considerações finais	Título: Considerações finais

Quadro 1 – Relação entre os objetivos e os capítulos da pesquisa

Fonte: Elaborado pela autora

No capítulo 2, intitulado: “Tratamento da informação: a catalogação de assunto” será conceituada a análise de assunto, e delineadas as diferenças conceituais entre o processo de indexação e a catalogação de assuntos.

O capítulo 3 sobre “A leitura documentária em bibliotecas universitárias” apresenta alguns aspectos da leitura, e como este processo pode ser influenciado por algumas variáveis como a interação entre o leitor, o texto e o contexto em que se encontra.

No capítulo 4 “O livro e sua estrutura textual” são apresentados conceitos sobre o livro, e como autores da área sugerem que a exploração de suas estruturas deve ser realizada visando à análise de assunto.

No capítulo 5 é apresentada a metodologia da pesquisa. São apresentadas as bibliotecas universitárias escolhidas para a coleta de dados, bem como uma breve conceituação sobre a técnica escolhida, o protocolo verbal individual.

Na sequência, são apresentados no capítulo 6 a análise dos dados, no capítulo 7 os resultados da pesquisa e finalizando com as considerações finais.

2 Tratamento da informação: A catalogação de assunto

De maneira geral, pode-se considerar o tratamento da informação como uma função de grande importância no desempenho de bibliotecas e sistemas de recuperação da informação. O tratamento da informação pode também ser conhecido como organização da informação e representação da informação (DIAS; NAVES, 2007, p. 9).

Para Guimarães (2009, p.1):

Especificamente no âmbito da organização da informação, atividade de natureza eminentemente mediadora, dois universos de descortinam: o primeiro, ligado ao acesso físico aos documentos e o segundo, de natureza mais complexa, voltado para o acesso ao conteúdo informacional, genericamente denominado de **Tratamento Temático da Informação – T.T.I.** (Foskett, 1973) ou, como prefere Ruiz Perez (1992), análise documental de forma e de conteúdo. Pode-se dizer, assim, que a distinção entre tais abordagens reside na busca do o que (materialização) e do sobre o que (teor) que convivem no âmbito do documento (grifo nosso).

Desta forma, podemos distinguir o tratamento da informação em dois tipos, o temático – ou como define Guimarães (2009) T.T.I. – que analisa o documento do ponto de vista do conteúdo (assunto) e o descritivo, que analisa o documento do ponto de vista físico (da forma do documento). Um exemplo sempre presente em bibliotecas dos produtos do tratamento descritivo são as representações realizadas por meio da catalogação de forma, processo realizado com base em algum padrão, como por exemplo, em alguns casos o AACR2.

O tratamento temático envolve vários processos, como a classificação, a catalogação de assunto e a indexação. A catalogação de assunto e a indexação são processos que podem ser confundidos, por terem em comum, como primeira etapa, a análise de assunto, processo que, de acordo com Dias e Naves (2007, p. 20), é a primeira grande etapa da descrição temática. As etapas seguintes são relacionadas à extração de conceitos, chegando à tradução do assunto do documento para uma linguagem documentária.

Assim, neste capítulo, serão apresentadas as diferenças e semelhanças entre a indexação e a catalogação de assunto, e como ocorre a análise de assunto nestes dois processos. A análise de assunto em muitos momentos pode ser confundida com os processos de indexação e a catalogação de assunto, daí a necessidade de explicar como cada processo é realizado, quais são suas diferenças e os seus produtos.

2.1 Os processos de indexação e de catalogação de assunto

A catalogação de assunto e indexação são processos que fazem parte do tratamento temático da informação. Fujita, Rubi e Boccato (2009)¹³ discutem as diferenças teóricas e metodológicas entre a “indexação” e a “catalogação de assuntos”. Esta discussão também é realizada por Guimarães (2009) em seu capítulo sobre as “Abordagens teóricas de tratamento temático da informação (T.T.I.): catalogação de assunto, indexação e análise documental”.

Na visão das autoras Fujita, Rubi e Boccato (2009, p. 19):

[...] o processo de **indexação, catalogação de assunto**, classificação e elaboração de resumos, que são considerados processos de sumarização da informação dos quais se originam os **índices**, os **catálogos de assunto**, os números de classificação e os resumos que possibilitarão a recuperação da informação pertinente aos interesses dos usuários (grifo nosso).

As diferenças conceituais a respeito desses dois processos estão ligadas ao da história do desenvolvimento conceitual de cada um (FUJITA; RUBI; BOCCATO, 2009, p. 19). Para Fujita, Rubi e Boccato (2009, p. 22), o termo “indexação” (*indexing*) tem origem inglesa, e o termo “catalogação de assunto” (*subject cataloguing*) possui raízes norte-americanas¹⁴.

Na visão de Guimarães (2009, p. 2), a catalogação de assunto:

[...] na medida que remonta à segunda metade do século XIX, apresenta nítida matriz norte-americana, em muito norteada pelos princípios de catalogação alfabética de Cutter e da tradição de cabeçalhos de assunto da *Library of Congress*, cuja ênfase reside no catálogo enquanto produto do tratamento da informação em bibliotecas (*subject cataloguing*).

A catalogação de assunto possui raízes norte-americanas, já a indexação, de acordo com Guimarães (2008, p. 83):

¹³ FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. (Org.). **A indexação de livros: a percepção de catalogadores e usuários de bibliotecas universitárias**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 104 p.

¹⁴ Em seu artigo de 2008, Guimarães observa que “a área de TTI se construiu, ao longo dos tempos, a partir de três distintas linhas de abordagem, que poderiam ser enunciadas como: *subject cataloguing* (de orientação predominantemente norte-americana), *indexing* (de orientação predominantemente inglesa) e *analyse documentaire* (de orientação predominantemente francesa)”.

[...] constrói-se a partir da ótica do *indexing*, abrangendo não apenas a realidade bibliotecária tradicional, mas inclusive os centros de documentação especializados e o universo editorial, na qual os índices, enquanto produtos do TTI, decorrem da utilização de linguagens de indexação, notadamente os tesouros, observando-se uma preocupação de natureza mais teórica acerca da construção de tais linguagens [...]

Nesta pesquisa dá-se foco à catalogação de assunto, porém, considera-se necessário conceituar a indexação antes da catalogação de assunto, já que na área a indexação foi o conceito mais usado e estudado por autores ao longo do tempo (autores como LANCASTER, 2004; CHAUMIER, 1988; GUINCHAT & MENOU, 1994; LANGRIDGE, 1977 estudam o processo de “indexação”, outros como MAI, 2005 estudam o processo de “catalogação de assunto”).

2.1.1 A indexação

Para Lancaster (2004, p. 6), a indexação de assuntos implica na preparação de uma representação do conteúdo temático dos documentos.

Chaumier (1988, p. 63) explica que a indexação é a parte mais importante da análise documentária, “conseqüentemente, é ela que condiciona o valor de um sistema documentário”. Seguindo a mesma linha de pensamento, para Fujita (2003, p. 62), a indexação é a parte mais importante em análise documentária por “condicionar os resultados de uma estratégia de busca”.

Guinchat e Menou (1994, p. 176) definem a indexação como uma das formas de descrição de conteúdo. É a operação pela qual se escolhe os termos mais apropriados para indicar o conteúdo de um documento.

Chaumier (1988, p. 74) entende que a indexação:

[...] é uma operação essencial para que se possam recuperar documentos do acervo documentário e então responder, de forma adequada e eficaz, a todo pedido ou questão dos usuários, sem que haja “RUÍDOS” (isto não corresponde ao que eu procurava), nem “SILÊNCIOS” (o documento existe, mas está perdido).

De acordo com Langridge (1977, p. 105), o termo “indexação” pode ser usado de três maneiras:

- **Como sinônimo de organização do conhecimento em bibliotecas.** Nesse sentido inclui indexação de autor e título e a descrição dos documentos assim como a identificação de assunto;
- **Como o ato de registrar o conteúdo de uma coleção,** em contraposição ao ato de examinar a coleção para dar uma informação ou os documentos solicitados;
- Em seu sentido mais restrito como **provendo uma chave alfabética à uma ordem sistemática:** o índice alfabético para o conteúdo de um livro arranjado sistematicamente, ou o índice alfabético para um catálogo arranjado sistematicamente (classificado).

O processo de indexação de acordo com Naves (2001, p. 192):

Compreende duas etapas distintas: a **análise de assunto**, quando ocorre a extração de conceitos que possam representar o conteúdo de um documento, expressos em linguagem natural, e a tradução desses termos para termos de instrumentos de indexação, que são as chamadas linguagens de indexação (grifo nosso).

A indexação então pode resultar na organização de documentos em bibliotecas, informar sobre documentos solicitados e ser apresentada em índices alfabéticos de assuntos de livros. É um processo importante e que deve ser realizado com cautela.

Mai (2000, p. 270) explica que os principais problemas da representação do conhecimento estão relacionados à linguagem e aos significados. Ainda, na visão do mesmo autor, o processo de indexação é realizado em vários passos que devem ser vistos como interpretações, e não como regras mentais.

É importante destacar que Mai distingue muito bem o processo cognitivo que a indexação envolve e o processo de indexação em si. Para o autor existe uma interpretação com base na descrição da tarefa técnica da indexação enquanto esta é realizada.

Na literatura, alguns autores definem a indexação em dois passos (Chaumier, 1988, Lancaster, 2004), outros a definem em três passos (Mai, 1997), e outros a definem em quatro passos (Chu; O'Brien, 1993).

Pensando no número de etapas do processo, Lancaster (2004, p. 8) considera a indexação como um processo que envolve duas etapas: 1. Análise conceitual, e 2. Tradução. Intelectualmente são etapas totalmente distintas, embora nem sempre sejam diferenciadas com clareza e possam, de fato, ocorrer de modo simultâneo (LANCASTER, 2004, p. 9).

Chaumier (1988) também compartilha da idéia de que a indexação é realizada em dois estágios, o primeiro envolve o conhecimento do conteúdo do documento e o segundo a escolha dos conceitos.

Para Mai (1997, p. 55), a indexação ocorre em três estágios, o primeiro consiste no processo de análise do documento, o segundo consiste no processo de descrição de assunto e o terceiro é o processo de análise de assunto, estágio onde ocorre a tradução dos assuntos para uma linguagem de indexação.

Para Chu e O'Brien (1993, p. 440), são quatro as etapas do processo de indexação:

- Análise de assunto do texto;
- Expressar os assuntos nas palavras dos indexadores (quando os assuntos são passados de sua mente, para o papel ou sistema);
- Tradução para uma linguagem de indexação;
- Expressar os assuntos em termos de indexação.¹⁵

No quadro a seguir (apresentado por SAUPERL, 2005) é apresentada uma visão geral das etapas no processo de indexação, na visão dos autores Chan (1981, 1994), Langridge (1989), Lancaster (1991), Taylor (1999), e ISO 5963 (1985).

¹⁵ Stages of the indexing process: 1. subject analysis of text; 2. expression of the subject content in the indexers' words; 3. translation into an indexing vocabulary; 4. expression of the subject in index terms.

Quadro 2 – Visão geral das etapas no processo de indexação, tal como apresentado por Chan (1981, 1994), Langridge (1989), Lancaster (1991), Taylor (1999), e ISO 5963 (1985):

Chan (1981, 1994)	ISO 5963 (1985)	Langridge (1989)	Lancaster (1991)	Taylor (1999)
1. Exame do livro e determinação do assunto; 2. Identificação dos tópicos principais e diferentes aspectos; 3. Mapeamento do assunto identificado em uma linguagem de indexação.	1. Exame do documento; 2. Identificação dos principais conceitos; 3. Expressar os conceitos principais em termos de uma linguagem de indexação.	1. Identificação do assunto; --- 3. Tradução dos conceitos identificados para termos de uma linguagem de indexação.	1. Análise conceitual; --- 3. Tradução dos conceitos identificados para termos de uma linguagem de indexação.	1. Análise conceitual; --- 3. Tradução dos conceitos identificados para termos de uma linguagem de indexação.

Quadro 2 – Visão geral das etapas no processo de indexação, tal como apresentado por Chan (1981, 1994), Langridge (1989), Lancaster (1991), Taylor (1999), e ISO 5963 (1985).

Fonte: Traduzido de Sauperl, 2005.

No quadro 2, são apresentadas as etapas do processo de indexação na visão de apenas alguns autores sintetizados e apresentados por Sauperl (2005). É importante lembrar que existem autores que pensam na indexação como um processo que envolve quatro etapas e que não são citados por Sauperl em seu quadro, como Chu e O'Brien (1993).

Então, embora a indexação seja entendida como um processo cujas etapas possam variar (duas, três ou quatro etapas), em todas as definições na literatura existe uma análise conceitual, a análise de assunto.

É importante ressaltar que para indexadores experientes, as etapas da indexação podem ser realizadas quase que simultaneamente. Existe um consenso entre os autores da área de que tanto a indexação realizada em dois, três ou quatro etapas começam pelo processo de análise do documento, que segundo Chu e O'Brien (1993, p. 441) engloba várias atividades, isto é, passar os olhos pelo texto, identificação dos conceitos sobre o assunto, e organizá-los por relevância.

O processo de três etapas usado por Mai envolve quatro elementos, que são: o documento em análise; o assunto do documento (presente a princípio na mente do indexador); descrição formal do assunto (quando o assunto é escrito e não existe só na mente do indexador); e a entrada de assunto que fará parte de registros em catálogos (MAI, 2000, p.

277). O processo de indexação explicado por Mai é o conceito escolhido para esta pesquisa, pois é o único que explica em detalhes os elementos e os processos que a indexação envolve, deixando claro a partir do modelo (figura 1) o motivo de possuir três etapas.

Mai (2001, 1997a, 1997b) apresenta um Modelo de indexação, uma adaptação do modelo proposto por Miksa¹⁶ (1983), mostrando como são distribuídas as etapas e elementos do processo de indexação.

Figura 1 – Modelo de Indexação proposto por Mai:

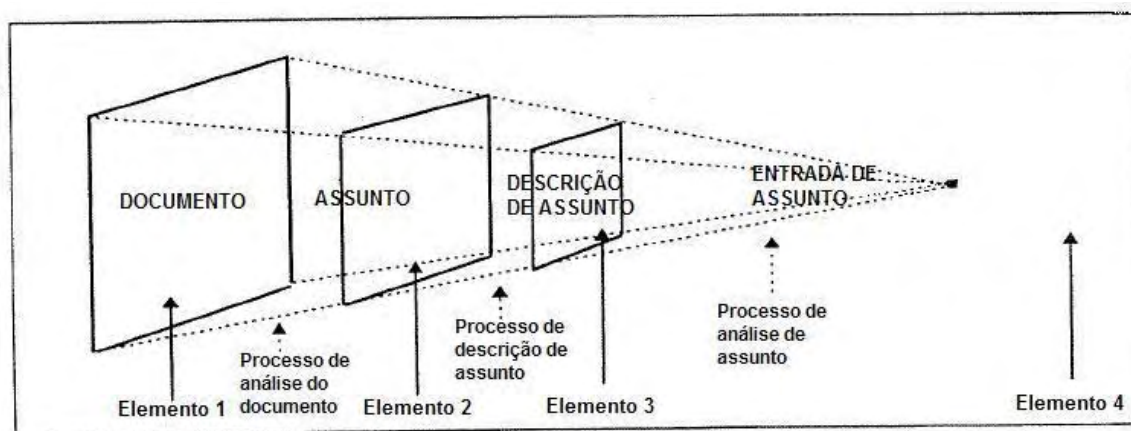


Figura 1 – Modelo de Indexação proposto por Mai.

Fonte: Traduzido de MAI, 1997a.

Mai define o processo de indexação em três etapas, e entre as etapas existem quatro elementos. Diferente de outros autores, ao apresentar o processo de indexação desta forma Mai possibilita que a indexação seja vista não apenas como uma atividade puramente mecânica, mas que demanda a interpretação do texto do documento pelo profissional que a realiza. O profissional em vários momentos poderá não conhecer o assunto do documento indexado, mas terá que interpretá-lo para atingir os objetivos da indexação.

Para Fujita (2003, p. 69):

[...] a seleção do assunto ou informação relevante sofre a influência da política de indexação do sistema de informação ao qual se insere o indexador. A instituição decidirá se o tema extraído do documento será o mais específico, ou se considerará um nível mais genérico, baseando-se no perfil do usuário que estabeleceu atender.

¹⁶ MIKSA, Francis. **The subject in the dictionary catalog from Cutter to the present**. Chicago: American Library Association, 1983.

Desta forma, entende-se que além das etapas e elementos que constituem o processo de indexação, existem outros fatores que afetam como o processo deverá ser realizado. Um destes fatores que influenciam a indexação são concepções que devem ser consideradas ao definir como todo o processo de indexação ocorrerá e que, provavelmente, estarão descritos detalhadamente numa política de indexação da biblioteca.

Mai (2000, p. 287) destaca cinco concepções básicas:

- **Concepção simplista da indexação (Simplistic conception):** enfoca exclusivamente a extração automática e manipulação estatística de palavras, está ligada ao Empiricismo;
- **Concepção orientada ao documento (Document-oriented):** nesta concepção, o indexador investiga partes do documento, está relacionada a uma posição Racionalista;
- **Concepção orientada para o conteúdo (Content-oriented):** busca descrever o conteúdo do documento da forma mais fiel. É uma concepção objetivista, que de forma extrema, prega que existe apenas uma forma correta de realizar a indexação de dado documento;
- **Concepção orientada ao usuário (user-oriented):** o indexador leva em consideração o conhecimento que os usuários têm sobre o assunto. A demanda de usuários de uma biblioteca pública é diferente da demanda de usuários de uma biblioteca universitária, mesmo quando o documento é o mesmo. A análise do documento neste caso é baseada em um grupo em potencial de determinado domínio, ou seja, a análise pode mudar de acordo com os interesses de dada comunidade de usuários;
- **Concepção orientada à demanda (requirement-oriented):** o indexador conhece as necessidades dos usuários. É comum em organizações menores, como por exemplo, uma microempresa com quinze funcionários, onde o bibliotecário conhece as necessidades de cada usuário, tornando possível este tipo de serviço específico.

Três destas concepções (Simplistic conception, Content-oriented, requirement-oriented) são também consideradas por Albrechtsen (1993) como parte do processo de análise de assunto.

Visando não criar confusão com relação às concepções e a qual processo influenciam, considera-se necessário explicar que Mai lista cinco concepções como sendo do processo de indexação, mas a análise de assunto é a primeira etapa deste processo, por isso os dois autores citam três concepções em comum.

Fujita (2003) explica quais são as vantagens e desvantagens que a concepção simplista considerada por Albrechtsen (1993) apresenta. De acordo com a Fujita (2003, p. 70), “a principal vantagem de adotar uma concepção simplista se refere ao barateamento de computadores e de softwares, o que significa uma indexação automática a baixos custos”, porém o “principal inconveniente se refere à impossibilidade de transferência do conhecimento do ponto de vista social (FUJITA, 2003, p. 70)”. Por estes motivos apresentados por Fujita, esta concepção não é considerada vantajosa para os usuários, e, portanto, não é considerada nesta pesquisa.

Para Mai (2004a, p. 603) a concepção orientada ao documento baseia-se na noção de que o assunto de documentos pode ser estabelecido independentemente de qualquer contexto. Nesta concepção, o indexador deve basear a determinação do assunto somente a partir da análise dos atributos do documento, sem a influência de fontes externas. A partir desta concepção, a representação deverá se adaptar aos usuários e ao domínio, de acordo com a figura 2.

Então, nesta pesquisa consideram-se duas concepções, a **orientada ao documento** apresentada por Mai (2000, p. 287) e a **concepção orientada ao domínio**¹⁷ apresentada por Mai (2004a, p. 607), a primeira levando em consideração a importância da exploração da estrutura textual de livros (documento escolhido para análise na pesquisa), e a segunda, considerando o domínio em que o profissional atua (bibliotecas universitárias) como foco principal da análise.

Figura 2 – Concepção orientada ao documento e concepção orientada ao domínio:

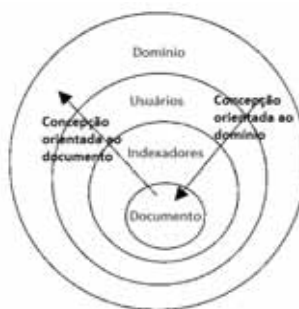


Figura 2 – Concepção orientada ao documento e concepção orientada ao domínio.

Fonte: traduzido de Mai, 2004a.

¹⁷ Domain-centered indexing. Mai (2004, p. 607).

A concepção orientada ao domínio é apresentada por Mai (2004a) visando realizar o movimento inverso da concepção orientada ao documento. De acordo com Mai (2004a, p. 608) a concepção orientada ao domínio segue um caminho diferente da concepção orientada ao documento, pois tem como foco principal o domínio em análise. Nesta concepção, é realizada em primeiro lugar uma análise de domínio, e em seguida, uma análise das necessidades dos usuários onde as perspectivas e funções do indexador são determinadas para finalmente analisar o documento a partir do contexto do domínio e das necessidades dos usuários. A hipótese na concepção orientada ao domínio é que os assuntos e conceitos de um documento podem ser determinados somente a partir do contexto e da compreensão do domínio.

Hjørland (2002) define onze formas específicas para estudar domínios, que juntas apresentam as competências específicas dos cientistas da informação:

- Produção de guias de literatura;
- Produção de classificações especiais;
- Pesquisa sobre indexação e de recuperação de especialidades;
- Estudos empíricos de usuários em campos diversos;
- Estudos Bibliométricos;
- Estudos históricos sobre intercâmbio de informação;
- Estudos sobre documento e gênero;
- Estudos epistemológicos e críticos;
- Estudos terminológicos, de linguagem para fins específicos e sobre discurso;
- Estudos de estruturas e de instituições sobre comunicação científica;
- Análise de Domínio em cognição profissional e inteligência artificial.

Estas onze abordagens proporcionam investigações práticas e teóricas relevantes para a Ciência da Informação. Para Hjørland (2002, p. 451) pesquisas em Ciência da Informação

que combinam várias destas abordagens poderão fortalecer tanto a identidade da área quanto os laços entre sua prática e a teoria.

Portanto, o que se busca nesta pesquisa é determinar em primeiro lugar o domínio em que o documento será tratado, para então focar-se na análise do documento baseada nos detalhes e exigências que o domínio traz (tipo da biblioteca e exigências específicas por determinada área por parte dos usuários).

Lancaster (2004, p. 9) explica que “a indexação de assuntos é normalmente feita visando atender às necessidades de determinada clientela – os usuários de um centro de informação ou de uma publicação específica”. Para o autor:

Uma indexação de assuntos eficiente implica que se tome uma decisão não somente quanto ao que é tratado num documento, mas também por que ele se reveste de provável interesse para determinado grupo de usuários. Em outras palavras, não há um conjunto ‘correto’ de termos de indexação para documento algum. A mesma publicação será indexada de modo bastante diferente em diferentes centros de informação, e deve ser indexada de modo diferente, se os grupos de usuários estiverem interessados no documento por diferentes razões (LANCASTER, 2004, p. 9).

Taylor (2004, p. 41) considera que os índices (produtos da indexação) “proporcionam acesso ao conteúdo analisado de “pacotes informacionais¹⁸” (por exemplo, artigos de jornal, histórias curtas em uma coleção, artigos de conferências e eventos, etc.)”¹⁹ (tradução nossa).

Podemos então considerar que a indexação como prática de construção de índices é antiga, pois quando surgiram as primeiras bibliotecas, já existiam listas dos documentos contidos em seus acervos (FUJITA, 2003).

Assim como os índices, produtos da indexação são considerados antigos, os catálogos, produtos da catalogação também são. A seguir são apresentados conceitos sobre a catalogação tanto descritiva quanto de assunto, e seus produtos, os catálogos.

¹⁸ Entendemos como *information packages* (aqui traduzido como pacotes informacionais), qualquer documento em um acervo que esteja registrado em algum tipo de suporte.

¹⁹ Indexes provide access to the analyzed contents of information packages (e.g., articles in a journal, short stories in a collection, papers in a conference proceeding, etc.)

2.1.2 A catalogação de assunto

Martinho e Fujita (2010, p. 3) fazem algumas considerações sobre a catalogação em bibliotecas que envolve tanto o tratamento da parte descritiva quanto temática do documento. Para as autoras, a “catalogação enquanto forma de representação não é uma atividade recente na nossa história. Sua origem está calcada na construção de catálogos como forma de representar e organizar o conhecimento armazenado nas primeiras bibliotecas da Antiguidade”.

Segundo Chan (1994, p. 12) existem vários procedimentos de catalogação que fazem parte da construção de um registro bibliográfico para uma biblioteca, entre eles estão: (1) a **catalogação descritiva** (que é o preparo de descrições bibliográficas e a determinação de pontos de acesso), (2) a **análise de assunto** que normalmente inclui o uso de cabeçalhos de assunto (chamada de catalogação de assunto, que envolve a seleção de pontos de acesso por assunto), **classificação** (o emprego de números de classe) e (3) o **serviço de autoridade**²⁰ (a determinação de formas padronizadas para descritores e nomes de autores).

Neste capítulo daremos enfoque somente à catalogação de assunto e não aos outros processos que fazem parte da criação de um registro bibliográfico como a catalogação descritiva e classificação.

Para Sauperl (2005, p.713), o principal objetivo da catalogação descritiva e temática é “ajudar as pessoas a encontrar informações sobre os materiais de uma biblioteca por meio de seus catálogos”. Na visão da autora:

A **catalogação de assunto**, uma parte do processo de catalogação, se concentra em fornecer informações sobre o tema de um documento. A representação de assunto é um elemento crítico para garantir o acesso aos documentos. A atribuição inadequada de assuntos pode levar a recuperação infrutífera, insatisfação dos usuários, e necessidades informacionais não atendidas²¹ (grifo nosso).

²⁰ *Authority work* (CHAN, 1994, p. 12)

²¹ The main purpose of cataloging is to help people find information about library materials through library catalogs. Subject cataloging, a part of the cataloging process, focuses on providing information on the topic of the document. Subject representation is a critical element in providing access to materials. The improper assigning of subject headings can lead to unsuccessful retrieval, user dissatisfaction, and information needs left unmet.

Para Martinho e Fujita (2010, p. 3) a catalogação de assunto “é responsável pela extração do conteúdo temático para atribuição de pontos de acesso por assunto, que constituirão os cabeçalhos de assunto”.

Guimarães (2009, p. 8) faz considerações sobre os produtos da catalogação de assunto, que para ele “reside na construção do catálogo em si”, considerando a análise de assunto a etapa preliminar do processo, pois após sua realização é necessária a tradução para a linguagem do sistema.

Martinho e Fujita (2010, p. 4) observam “que o catálogo enquanto produto da representação da informação desempenhou papel decisivo para o estudo e aprimoramento da catalogação”.

Para Mey (1995, p. 5) “em passado recente, a catalogação era vista como uma técnica de elaborar catálogos”. É muito restrito pensar na catalogação apenas como uma técnica de elaboração de catálogos, pois a partir dela torna-se possível “caracterizar os itens, individualizando-os, tornando-os únicos entre os demais, como também de reuni-los por suas semelhanças” (MEY, 1995, p. 6).

O catálogo é um dos instrumentos mais antigos das bibliotecas. A palavra se origina do grego: *kata* (‘de acordo com’, ‘sob’, ‘em baixo’ ou ‘parte’) e *logos* (‘ordem’, ‘razão’) (MEY, 1995, p. 8). Na visão da mesma autora, pode-se definir catálogo como:

[...] um canal de comunicação estruturado, que veicula mensagens contidas nos itens, e sobre os itens, de um ou vários acervos, apresentando-as sob forma codificada e organizada, agrupadas por semelhanças, aos usuários desse(s) acervo(s) (MEY, 1995, p. 9).

O catálogo, em síntese tem como objetivo “veicular as mensagens elaboradas pela catalogação, relativas aos itens constitutivos de acervo(s) determinado(s)” (MEY, 1995, p. 9).

Chan (1994, p. 4) explica alguns aspectos que diferem a catalogação de assunto da indexação. A autora considera que um catálogo de biblioteca é um tipo de documento bibliográfico que difere de um índice de periódico, pois nele estão contidas todas as informações que fazem referência à localização física de um único documento dentro de um acervo. Os índices são listas com vários registros bibliográficos criados com os mais variados propósitos.

Ainda sobre o catálogo de biblioteca, Chan (1994, p. 4) afirma que:

[...] Um catálogo de biblioteca consiste em um conjunto de registros que fornecem dados sobre os itens de um acervo/coleção que o catálogo representa. Os dados em cada registro incluem pelo menos (1) uma descrição bibliográfica indicando a identificação, publicação, e características físicas de um documento, e (2) um número de chamada [...] que indicará a localização do item no acervo. A maioria dos registros – os de ficção são exceções freqüentes – incluem termos/descriptores que determinam de forma sucinta a atinência do documento.

Para Chan (1994, p. 5), quanto mais especializada a biblioteca é, os materiais que coleta e trata, ou os usuários que atende, mais chance seu catálogo terá de variar com relação ao de outras bibliotecas. Mesmo em bibliotecas mais gerais, há várias maneiras nas quais os catálogos se diferenciam uns dos outros, mesmo quando seus registros são produtos de uma prática padronizada. Entre estas diferenças estão: (1) a forma física dada ao catálogo, (2) os pontos de acesso fornecidos, e (3) o princípio que determina como os registros são colocados em seqüência.

Os catálogos podem também se diferenciar consideravelmente a partir da forma como cada registro é formatado individualmente, que significa se eles são registrados em cartões, páginas, computador, entre outros.

Para Taylor (2004, p. 33), os catálogos fornecem acesso a itens individuais dentro das coleções de “pacotes informacionais” (por exemplo, entidades físicas, tais como livros, fitas de vídeo, e CDs em uma biblioteca, obras de artistas em um museu de arte, páginas da Web na internet, etc.) ²² (grifo nosso).

O autor recomenda que o profissional encarregado da tarefa de catalogação de assunto formule perguntas sobre o documento (LANCASTER, 2004, p. 9):

- De que trata?
- Por que foi incorporado a nosso acervo?
- Quais de seus aspectos serão de interesse para nossos usuários?

²² Catalogs provide access to individual items within collections of information packages (e.g., physical entities such as books, videocassettes, and CDs in a library; artists' works in an art museum; Web pages on the internet; etc.)

Ao considerar estes questionamentos no momento de tratar o conteúdo de um documento, acredita-se que o profissional estará apto a realizar uma catalogação de assuntos mais adequada às necessidades informacionais de seus usuários.

Acredita-se que a catalogação de assunto será mais adequada ao realizar estes questionamentos sugeridos por Lancaster, pois os produtos resultantes do processo estarão mais direcionados às necessidades dos usuários específicos de dada biblioteca.

Assim, Sauperl (2005, p. 715) citando Langridge²³ (1989) explica que a catalogação de assunto e a indexação podem ser vistas como a mesma operação quando se trata de definir os principais assuntos de documento ²⁴ (tradução nossa).

Porém, embora os dois processos tenham o objetivo em comum de definir os assuntos de um documento, a aplicação de seus produtos terá destinos diferentes (ou catálogo para a catalogação de assunto, ou índice para indexação).

Assim, observa-se que um dos fatores que diferenciam a indexação e a catalogação de assunto são seus produtos finais e o uso dos mesmos. A indexação é então pensada em alguns momentos como processo voltado à elaboração de índices e a catalogação de assunto é o processo responsável pela seleção de descritores que serão inseridos em um catálogo junto à catalogação de forma de documentos.

A seguir serão apresentados conceitos sobre a análise de assunto, processo inicial tanto na indexação quanto na catalogação de assunto.

2.2 A análise de assunto nos processos de indexação e catalogação de assunto

Existe um consenso no tratamento temático da informação, que tanto na indexação, quanto na catalogação de assunto (não importando quais serão seus produtos e seus destinos), a primeira etapa a ser realizada é a análise do documento. De acordo com Naves (1996, p. 215), “o processo de extrair conceitos que traduzam a essência de um documento é conhecido como **análise de assunto** para alguns, **análise temática** para outros e ainda como **análise documentária** ou **análise de conteúdo**”.

²³ LANGRIDGE, Derek Wilton. **Subject analysis: principles and practice**. Londres: Bowker-sour, 1989.

²⁴ Explains that subject cataloging and indexing can be seen as the same operation when indexing involves summarizing the main subjects of documents.

De acordo com Frohmann²⁵ e Blair²⁶, grande parte da literatura na área, se concentra no passo seguinte a análise de assunto, a tradução, negligenciando a primeira etapa, que seria a mais importante, a de identificar o assunto do documento (ALBRECHTSEN, 1993, p. 219).

Neste trabalho daremos enfoque à etapa de análise do documento e como pode ser influenciada pela leitura técnica das partes do livro que o profissional realiza, já que uma tradução de qualidade depende da representatividade dos termos identificados em um documento.

Para Dias (2004, p. 147):

A análise de assunto é a etapa do tratamento temático da informação em que um determinado documento, a ser incorporado à coleção de um sistema de informação ou de recuperação da informação, é analisado para determinar de qual ou quais assuntos trata e, também, se for o caso, quais desses assuntos deverão ser representados no simulacro (registro catalográfico, metadados etc) que certamente será criado para o documento no sistema.

Dias, Naves e Moura (2001, p. 206) definem a análise de assunto como “processo por meio do qual o classificador, **indexador** ou **catalogador** identifica e determina de que assuntos trata um documento e quais desses assuntos devem ser representados nos produtos – catálogos, índices etc” (grifo nosso).

Os termos “indexador” e “catalogador” que aparecem na citação acima podem ser confundidos, principalmente quando se pensa no local em que os produtos de suas práticas serão inseridos, em índices ou catálogos respectivamente. Sauperl (2004, p. 55) entende que a “descrição de assuntos de documentos em catálogos de bibliotecas é realizada por catalogadores. A descrição de assuntos de documentos em bases de dados bibliográficas é realizada por indexadores”.²⁷ (tradução nossa)

Assim, pode-se entender que normalmente atribui-se o termo indexação para a prática de criação de índices, e de catalogação de assunto para a criação de registros bibliográficos a serem inseridos em catálogos. Embora sejam processos que diferem em vários sentidos, sua primeira etapa é a mesma, a análise de assunto.

²⁵ FROHMAN, B. Rules of indexing: a critique of mentalism in information retrieval theory. **Journal of Documentation**, London, v.46, n.2, 1990, p.81-101.

²⁶ BLAIR, D.C. **Language and representation in information retrieval**. Amsterdam: Elsevier, 1990.

²⁷ Subject descriptions of documents in library catalogs are provided by catalogers. Subject descriptions of documents in bibliographic databases are provided by indexers.

Dias (2004, p. 147) explica que este processo, quando mal feito “pouco adiantam os cuidados para se desenvolver linguagens de indexação e preparar profissionais habilitados no uso dessas linguagens”, pois se algum assunto do documento é esquecido durante a análise de assunto, obviamente não será traduzido para alguma linguagem, e inserido no sistema para representar o documento.

Ainda sobre a análise de assunto, Naves (1996, p. 216) explica que:

É interessante observar que o termo “análise de assunto” aparece na literatura com diversos sentidos. Há uma confusão com relação ao seu real significado, verificando-se que essa situação acarreta dificuldades generalizadas, tanto para os indexadores, quanto para os professores que ministram disciplinas na área, no momento de transmitir aos alunos conhecimentos sobre esse tema. Conseqüentemente, também o usuário pode ser vítima dessa situação, no momento de buscar a informação que necessita.

Devido às variáveis conceituais, considera-se importante explicitar que o termo mais usado por autores na literatura da área é “análise de assunto”. Como primeira etapa da indexação e da catalogação de assunto é um conceito que vem sendo muito debatido na área, considerando-se principalmente a agitação conceitual existente.

A análise de assunto (NAVES, 2001, p. 192) é “o processo de ler um documento para extrair conceitos que traduzam a sua essência”, é realizada pelo profissional com o início da leitura do documento.

Sauperl (2005, p. 714) explica o que é análise de assunto especificamente para realizar a catalogação de assunto. Para a autora é durante a análise de assunto que os conceitos principais do livro são identificados. A análise de assunto é parte do processo de catalogação de assunto, onde a descrição de assunto de livros e documentos é preparada para os catálogos de bibliotecas.

Para Fujita (2003, p. 64), a análise de assunto é um processo importante por abrigar a leitura, e é composto por três estágios:

- **Compreensão do conteúdo do documento:** realizada a partir do título, introdução e as primeiras frases de capítulos e parágrafos; ilustrações, tabelas, diagrama e suas explicações; conclusão; palavras ou grupos de palavras sublinhadas ou impressas com tipo diferente;

- **Identificação dos conceitos que representam este conteúdo:** seleção dos conceitos que melhor representem o conteúdo do documento. Recomenda-se que seja realizada obedecendo a um esquema de categorias existente na área coberta pelo documento, como por ex.: o fenômeno, o processo, as propriedades, as operações, o material, o equipamento, etc;
- **Seleção dos conceitos válidos para recuperação:** escolher entre os conceitos identificados, pois nem todos serão usados.

Como explicado anteriormente, estes estágios não devem ser confundidos com as etapas da indexação ou da catalogação de assunto, pois se referem apenas à primeira etapa dos processos, a análise.

É comum confundir os processos de indexação, catalogação de assunto e análise de assunto, mas deve-se sempre ter em mente que a análise de assunto faz parte dos dois processos. Acredita-se que essa confusão ocorra devido ao fato da análise de assunto ser a etapa inicial e mais importante – pois os passos seguintes dependem diretamente da análise – tanto na indexação quanto na catalogação de assunto.

Taylor (2004, p. 242) lista os propósitos que devem ser alcançados pelo profissional que realiza a análise de assunto:

- Fornecer significativo acesso sobre o assunto de pacotes informacionais através de uma ferramenta de recuperação;
- Proporcionar o arranjo de pacotes informacionais de dada natureza;
- Oferecer uma localização lógica para pacotes informacionais semelhantes;
- Poupar o tempo do usuário²⁸ (tradução nossa).

Em suma, pode-se concluir que a análise de assunto é a etapa onde o indexador e o catalogador de assuntos “identificam” conceitos sobre o conteúdo de um documento a partir de sua leitura. Estes conceitos futuramente serão traduzidos para uma linguagem controlada e inseridos em um sistema de informação ou transformados em um índice no caso da indexação ou inseridos em um catálogo no caso da catalogação de assunto.

²⁸ Provides meaningful subject access to information packages through a retrieval tool; Provides for collocation of information packages of a like nature; Provides a logical location for similar information packages; Saves user's time.

Os aspectos da leitura documentária do profissional que realiza a análise de assunto serão discutidos no capítulo três, sobre leitura documentária. Serão apresentados a seguir conceitos sobre o “*aboutness*” ou “*atinência*” de um documento, aspectos importantes a se considerar durante a análise de assunto.

2.2.1 O “*aboutness*” de um documento

A “*atinência*” ou “*aboutness*” de um documento é um conceito importante quando se pensa na análise de assunto. A análise de assunto está presente tanto na indexação quanto na catalogação de assunto de um documento, portanto é importante explicar o que significa “*aboutness*” e qual sua relação com o tratamento de documentos.

Para Hutchins (1977), entender os processos de indexação e elaboração de resumos não conduz automaticamente à melhoria na qualidade de índices e dos resumos, porém, é certamente discutível que se pesquisadores da ciência da informação buscam avanços teóricos significativos, é necessário entender a área central das atividades de qualquer sistema de informação, entender sobre o **assunto central** do documento.

De acordo com Moraes (2011, p. 31) podem ser encontradas as seguintes traduções para o *aboutness* em português: “*atinência*” (ALVARENGA, 2001²⁹; DIAS; NAVES, 2007³⁰); “*tematicidade*” (MEDEIROS, 1986; FUJITA, 2003; 2004³¹; MORAES; GUIMARÃES, 2006³²). Pode-se até mesmo encontrar o termo sendo usado como um sinônimo para “*assunto*”, embora se deva ressaltar que este último termo também apresenta divergências teóricas e conceituais na área de Ciência da Informação. (MORAES, 2011, p. 31). Nesta pesquisa o termo usado é o original *aboutness*.

²⁹ ALVARENGA, L. A Teoria do Conceito Revisitada em Conexão com Ontologias e metadados no Contexto das Bibliotecas Tradicionais e Digitais. **DataGramaZero** – Revista de Ciência da Informação, Brasília, v.2, n.6, dez. 2001.

³⁰ DIAS, E.W.; NAVES, M.M.L. **Análise de assunto: teoria e prática**. São Paulo: Thesaurus, 2007.

³¹ FUJITA, M.S.L. A identificação de conceitos no processo de análise de assunto para indexação. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 1, n. 1, p. 60-90, jul./dez. 2003.

FUJITA, M.S.L. A Leitura Documentária na perspectiva de suas variáveis: leitor-texto-contexto. **DataGramaZero** - Revista de Ciência da Informação, v.5, n.4, ago 2004.

³² MORAES, J. B. E. ; GUIMARÃES, J.A.C. Análisis documental de contenido de textos literarios narrativos: en busca del diálogo entre las concepciones de about-ness/meaning y de recorrido temático/recorrido figurativo. **Scire**, Zaragoza, v.12, p.71 - 84, 2006.

Sobre o assunto central do documento, Dias (2004, p. 149) explica que o termo “atência”, tradução do termo “*aboutness*”, em inglês, é “aquilo de que trata o conteúdo substantivo de uma obra (não sendo importante, a princípio, aspectos como a forma ou o suporte em que essa obra está registrada)”. Dias; Naves (2007) optam pelo termo *atência*, a mesma opção adotada por Briquet de Lemos ao traduzir para o Português a obra *Indexação e Resumos: teoria e prática*, de Lancaster (2004). Na página 13 da referida obra, o tradutor faz a seguinte observação: *O autor emprega os termos ingleses about e aboutness. O primeiro traduzimos por ‘trata de’ e o segundo por ‘atência’. Outros traduzem aboutness por ‘tematicidade’, ‘temática’, ‘acerca-de’, ‘ser acerca-de’, ‘ser sobre-algo’, etc.* (MORAES, 2011, p. 31)

Naves (1996, p. 6) explica que Medeiros³³ (1986) em estudos sobre terminologia, recomenda que a tradução do termo *aboutness* seja “tematicidade”. Moraes (2011, p. 31) também faz considerações sobre a tradução de *aboutness* para tematicidade e explica a origem desta tradução:

Em estudo sobre questões terminológicas em Ciência da Informação, Medeiros (1986, p.140) recomenda a tradução por *tematicidade*, observando ser esta a tradução mais indicada, pois, apesar de ser um neologismo, “[...] foi criado observando-se os padrões gramaticais da língua portuguesa (derivação do adjetivo temático com o sufixo — (d)ade)”.

Quando se fala somente em “assunto”, podemos pensar em vários conceitos, Fairthorne³⁴ introduziu o termo *aboutness* visando explicar de que trata um documento, sanando possíveis confusões terminológicas.

Para Dias (2004, p. 149), “quando alguns autores usam a expressão para determinar de que trata um documento, estão evitando, propositadamente, o uso da palavra assunto nesse contexto”. Ingwersen (1992, p. 50) refere o termo *aboutness* fundamentalmente a questão: “Do que trata o documento, texto ou imagem?”.

Hutchins (1977, p. 17), buscando responder a este questionamento, afirma que “o tema de um documento é a descrição de assunto em uma entrada de um sistema de informação relativo a esse documento”. Mas, de fato, raramente há uma fórmula correta para a descrição

³³ MEDEIROS, Marisa Bräsher Basílio. Terminologia brasileira em ciência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 15, n. 2, p. 135-142, jul./dez. 1986.

³⁴ FAIRTHORNE, R.A. Content analysis, specification, and control. **Annual Review of Information Science and Technology**, v. 4, p. 73-109, 1969.

de assunto e sobre ‘o que o documento trata’. Hutchins ainda conclui que a descrição de assunto é apenas uma forma de responder sobre o que trata dado documento.

Em contrapartida, o assunto de um documento deve ser considerado como o resumo do seu conteúdo, para efeito de um sistema de informação, independentemente da linguagem documental em que poderá ser expresso. O que queremos dizer com o conteúdo de um documento? Para responder a isso, precisamos ter clareza sobre a distinção entre o “sentido” de uma expressão linguística e sobre “referência” de uma expressão (HUTCHINS, 1977, p. 18).

Assim, o termo *aboutness* está associado a unidades transportadoras de conteúdo geradas pelo autor em um texto, e conseqüentemente, pode representar uma informação por termos simples derivados diretamente do próprio documento, isso é o que Ingwersen considera como o “*aboutness* do autor”.

O “*aboutness* do indexador” é uma forma parecida, porém ligeiramente diferente de abordar o *aboutness*, que terá como foco, o processo de representação. Para Ingwersen (1992, p. 51), no caso do *aboutness* do indexador, a questão sobre o que trata o documento deverá ser respondida por ele mesmo, que por meio da classificação ou indexação de documentos, faça tentativas de sumariar ou descobrir as mensagens passadas em cada documento ou parte de texto.

O *aboutness* do indexador tem vantagem sobre o *aboutness* do autor, pois o papel do indexador é criar interpretações unificadas e representações dos significados dos documentos. Ainda, o indexador deve supostamente possuir conhecimentos sobre o domínio e literatura em questão, aplicação de regras de classificação e indexação que refletem as questões e estruturas terminológicas da área (INGWERSEN, 1992, p. 51).

Seguindo a linha de pensamento de Ingwersen sobre o *aboutness* do autor, Naves (1996, p. 6) explica que quando a intenção é saber sobre que assunto um texto trata, basta perguntar ao autor do mesmo, pois este obviamente saberá responder a este questionamento.

Sobre a atinência do indexador, da mesma forma que é obrigação do autor saber do que o texto fala, é função do profissional da informação determinar de forma precisa o assunto a partir do conteúdo do documento (NAVES, 1996, p. 6).

Moraes (2011, p. 35) comenta sobre o *aboutness* do indexador e do autor de acordo com a visão de Ingwersen (1992):

Apesar de interessante, o conceito de *aboutness* exposto por Ingwersen merece algumas considerações. A rigor, se considerarmos o *aboutness* do autor diferente do *aboutness* do indexador, poder-se-ia considerar que se tratam de duas coisas diferentes, seja porque o segundo não representou corretamente o primeiro, seja porque o segundo vai ser uma entidade diferente do primeiro, sem o estabelecimento de uma relação. Ademais, se considerarmos os dois outros tipos de *aboutness* – do usuário, da solicitação, o mesmo comentário pode ser válido, ou seja, se não há uma relação explícita entre as entidades e suas representações, pode-se afirmar que há uma incompreensão sobre o primeiro, ou algum tipo de desvio ou equívoco na representação.

Para Sauperl (2004, p.56), o que indexadores e catalogadores entendem do documento é de extrema importância para a identificação de assuntos. O que eles não conseguem entender não poderá ser representado em termos de cabeçalhos de assunto, descritores ou notações de classificação.

Fujita (2003, p. 77) considera "relevante nos referirmos à tematicidade³⁵ (*aboutness*) do documento quando se busca pesquisar sobre a problemática da identificação do tema". Na visão da autora, a tematicidade "é pertinente à análise de assunto porque estamos tratando de seu objetivo principal que é a identificação do assunto ou tema mediante análise conceitual composta de identificação e seleção de conceitos" (FUJITA, 2003, p. 77).

Naves (2001) faz uma síntese dos requisitos para uma boa análise de assunto, que acredita contribuir para o trabalho do profissional da informação. Para a autora, o catalogador de assunto deve:

- Conhecer a área de atuação;
- Ter maturidade, vivência;
- Saber um pouco de todas as áreas;
- Saber o que é análise de assunto;
- Gostar do que faz;
- Conhecer as técnicas;
- Respeitar a opinião do autor;
- Ter um bom raciocínio.

³⁵ Assim como Medeiros (1986), Fujita (2003) usa "tematicidade" no lugar de "atenção" ou "*aboutness*".

Assim, a análise de assunto, como primeira e mais importante etapa da indexação e da catalogação de assunto, pode ser feita seguindo uma série de procedimentos pelo profissional que a realiza, de forma a aperfeiçoá-la, nunca deixando nenhuma informação sobre o conteúdo do documento sem ser representada nos catálogos de uma biblioteca.

Pensando no profissional que realiza a análise de assunto, Naves (2001, p. 190) define o indexador, como profissional que põe em prática o processo de indexação é “é definido como responsável por todo o processo de análise de assunto, tendo a sua figura ocupado um papel de destaque neste trabalho, pois a ele é creditado, em grande parte, o sucesso ou o insucesso de um sistema de recuperação da informação”.

Para Dias (2004, p. 147) o profissional responsável pela análise de assunto nos sistemas de informação e de recuperação da informação recebe diferentes nomes dependendo do tipo de sistema e do tipo de documento com que lida. Assim:

[...] a análise de assunto numa biblioteca (inclusive bibliotecas digitais), e quando o material se trata principalmente de monografias e documentos similares, é feita por dois tipos de profissionais: **a) pelo classificador**, cuja função é escolher, no sistema de classificação utilizado pela biblioteca, o número de classificação a ser consignado ao documento; e **b) pelo catalogador**, cuja função é determinar os cabeçalhos de assunto ou descritores a serem utilizados no registro catalográfico que será criado para aquele documento; neste caso, esse catalogador pode ser ainda chamado, mais especificamente, de catalogador de assunto, para diferenciar essa tarefa (catalogação de assunto) da outra tarefa do catalogador, a de identificação dos demais dados bibliográficos (catalogação descritiva.).

Desta forma, entendemos que cabe ao catalogador a análise de assunto para a catalogação, e cabe ao classificador a análise de assunto visando proporcionar a localização física do livro ou outro tipo de documento no acervo da biblioteca. Cabe ao catalogador a função de determinar tanto os assuntos, quanto as características da parte física do mesmo para a representação descritiva no catálogo. Tanto o catalogador quanto o classificador devem estar cientes da existência do “*aboutness*” dos documentos e de sua importância nas representações dos mesmos.

De acordo com Naves (2001, p. 193) durante o “ato de pensar, quando faz abstrações, interpreta e define o assunto de um documento, o indexador sofre influência de diversos fatores pertencentes a vários campos, principalmente oriundos da lingüística, da ciência cognitiva e da lógica”. Aqui, além de fatores cognitivos do profissional que realiza a

indexação ou catalogação de assunto (que serão tratados mais a frente no próximo capítulo) considera-se também o meio em que este profissional se encontra.

No capítulo seguinte, serão apresentados conceitos sobre leitura e leitura documentária, e como este processo tão importante na representação da informação ocorre e é influenciado por diversas variáveis, como o meio em que o leitor se insere. Nesta pesquisa, dá-se foco ao leitor profissional em bibliotecas universitárias.

3 A leitura documentária em bibliotecas universitárias

A análise de assunto ocorre por meio da leitura documentária que o catalogador realiza, é a partir dela que ocorre a identificação de conceitos sem que o leitor realize a leitura completa do documento.

Cintra (1983, p. 5) explica que a análise de documentos com fins documentários (indexação ou catalogação de assunto) pode ser realizada pela leitura do documento processada pelo cérebro humano, ou por máquina.

Portanto, quando a análise de assunto de documentos é realizada por um catalogador, a tarefa deverá ser iniciada com a leitura documentária, que neste caso terá um objetivo específico, o de representar o documento em um catálogo.

Embora seja pela leitura documentária que se inicia o processo de análise do documento, antes de pensar sobre a leitura documentária, deve-se em primeiro lugar explicar o que é leitura.

Pinto e Gálvez (1999, p. 40) definem a leitura de maneira geral como passo inicial para a aquisição de informações textuais. É realizada de forma automática, quase que inconscientemente, por estar muito enraizada em nossa vida diária.

Para Ellis (1995, p. 59) “a extração de propostas do texto é um processo real, que consome tempo. Uma vez que uma representação estruturada tenha sido criada, ela é ligada ao conhecimento existente na memória de longo prazo, desta forma expandindo-se e somando-se a este conhecimento”.

Segundo Ellis (1995, p. 62):

A leitura, portanto, é um processo ativo, no qual o leitor traz toda uma vida de experiências (na forma de esquemas³⁶) para o texto e utiliza essa experiência para interpretar e elaborar sobre seus conteúdos. Os escritores confiam que os leitores farão inferências que lhes permitirão evitar ter de contar tudo em detalhes entediantes.

Para Fujita (2004, p. 2):

³⁶ Os psicólogos usam a palavra “esquema” para descreverem o conhecimento organizado e integrado de uma pessoa sobre um determinado tópico (por exemplo, o conhecimento do que ocorre em um restaurante ou no dentista, que foi acumulado como um resultado da experiência agradável ou dolorosa). (ELLIS, 1995, P. 60)

A **leitura**, apesar da individualidade do ato realizado, é um **ato social** porque existe um processo de comunicação e de interação entre o leitor e o autor do texto, ambos com objetivos estabelecidos anteriormente dentro do contexto de cada um. Apesar de, aparentemente simples e tão natural, o processo de leitura possui uma complexidade que está subjacente porque depende do processamento humano de informações e da cognição de quem lê, de um texto elaborado por um autor e do contexto de ambos, o que determina os objetivos da leitura (grifo nosso).

Entende-se então que a leitura exige que o sujeito faça ligações entre o que está sendo lido com o que já se sabe sobre o assunto. A leitura é então considerada um processo que vai além da simples atividade de decifrar o que está escrito, pois demanda que conexões mentais sejam feitas quando há um objetivo de leitura (no caso da análise de assunto realizada pelo profissional da informação).

Kato (1995, p. 42) explica que o ato de ler e escrever se assemelham aos atos de falar e ouvir. Para a autora, um ato de comunicação verbal, seja oral ou escrito, pode ser caracterizado:

- Por envolver uma relação cooperativa entre o emissor e receptor;
- Por transmitir intenções e conteúdos;
- Por ter uma forma adequada à sua função.

Assim como no ato da fala, é necessário que exista um emissor e um receptor, no caso da leitura documentária, o profissional da informação que realiza a leitura seria o receptor e o texto (que representa as idéias do autor) o emissor, embora existam momentos em que o leitor faz uso de seus conhecimentos prévios e os relacionam ao conteúdo do texto, não sendo visto apenas como um receptor das ideias passadas pelo texto, mas interagindo com as mesmas.

Para Kato (1995, p. 60), o desenvolvimento das teorias sobre leitura acompanha o desenvolvimento da própria lingüística, e de acordo com a teoria estruturalista, a concepção de leitura é a da leitura oral da palavra, isto é, a decodificação sonora da palavra escrita.

Kato (1995) define os tipos de **modelos de leitura** existentes na literatura:

- **Concepção estruturalista:** para os estruturalistas, a leitura é um processo mediado pela compreensão oral, o leitor produz em resposta ao texto, sons da fala (no caso da leitura oral) ou movimentos internos substitutivos (no caso da leitura silenciosa), e é essa resposta-estímulo que é associada ao significado. Na concepção estruturalista, a leitura é um processo *instantâneo* de decodificação de letras e sons, e a associação destes com o significado;

- **Modelo de processamento de dados:** Aqui, supõe-se que qualquer tarefa cognitiva pode ser analisada em etapas ordenadas, começando com um estímulo sensorial e terminando com uma resposta. Este modelo é linear e indutivo, e não faz a referência ao uso de estruturas superordenadas maiores que caracteriza a leitura proficiente;

- **Leitura sem mediação sonora:** A leitura é entendida exclusivamente como uma atividade de reconhecimento e de compreensão, e não como uma atividade que exige uma recodificação sonora, que levaria ao significado. O que se tem então seria o léxico visual, e não fonológico. Apresenta concepção sensível ao contexto, e se assemelha ao modelo da análise pela síntese;

- **Modelo da análise pela síntese:** Envolve a formulação de hipóteses. É um processo linear, pois para conferir um valor a um item qualquer, às vezes o leitor tem de ir até mais adiante e depois voltar. Goodman³⁷, pensando na ênfase dada ao uso da hipótese e da antecipação, define a leitura como um jogo psicolinguístico de adivinhação. Porém, a leitura bem-sucedida não depende apenas do uso de hipóteses e de antecipações, pois um mau leitor é caracterizado pelo uso em excesso de estratégias sintéticas, como adivinhações não autorizadas pelo texto. Ler é uma sequência de processos, cada um dos quais compostos de três processos: formulação de hipóteses, síntese de dados e confirmação/desconfirmação;

- **Modelo das múltiplas hipóteses:** Considerando os três processos do modelo da análise pela síntese, a formação de hipóteses, síntese de dados e confirmação/desconfirmação, neste modelo, o processo pode ocorrer em vários níveis, onde apenas alguns dos processos são selecionados. Em cada nível tomam-se decisões parciais coordenadas com as decisões tomadas em outros níveis. O leitor ora atua conscientemente ora inconscientemente. Acredita-se que esse processamento em vários níveis, em leitura normal, seja eficiente, pois é inconsciente. Porém, quando as alternativas se tornam conscientes, o processamento se torna sequencial e relativamente vagaroso;

³⁷ GOODMAN, K. Reading: a psycholinguistic guessing game. **Journal of the Reading Specialist**, 6:126-135, 1967.

- **Modelo construtivista:** De acordo com Spiro³⁸, o significado não reside em palavras, sentenças, parágrafos ou mesmo textos; o que a língua prevê é um “esqueleto”, uma base para a criação do sentido. Esse esqueleto deve ser preenchido, enriquecido e embelezado, de forma que o resultado se conforme com a visão de mundo e a experiência do leitor. Para os construtivistas, essa visão de mundo vem organizada em estruturas cognitivas, sejam elas esquemas, scripts ou frames.

- **Modelo reconstrutor:** As propostas anteriores de modelos de leitura partilhavam entre si de uma visão formalista da leitura (ato de leitura como uma integração entre o conhecimento do leitor e a informação dada pela forma do texto), a concepção reconstrutora se apóia em pressupostos funcionalistas, que vê o ato de ler como uma interação do leitor com o próprio autor, em que o texto apenas fornece as pegadas das intenções deste último. O que fica claro em propostas inseridas na abordagem funcionalista é que o leitor é encarado como participante de um ato de comunicação, a partir da leitura do texto, ele consegue entender as intenções do autor como em uma conversação;

- **Processos metacognitivos:** As estratégias conscientes, ou metacognitivas, caracterizam o comportamento do leitor maduro, pois derivam do controle planejado e deliberado das atividades que levam à compreensão. Durante a leitura, se o leitor passa de uma leitura automática e fluente para uma leitura pausada e vagarosa, isso pode ser um sinal de que ele detectou alguma falha em sua leitura e passou a usar uma estratégia mais ascendente, mais vinculada ao texto. Essa desaceleração assinala um comportamento metacognitivo.

Sobre os modelos de leitura citados, Kato (1995, p. 74) explica que a leitura pode ser feita usando apenas um dos modelos, e que pode também ocorrer a combinação entre um e outro durante a leitura. Mesmo com o uso de modelos de leitura existentes, alguns fatores podem afetar o processo, as condições de leitura, que Kato (1995) define como: a) o grau de maturidade do sujeito como leitor; b) o nível de complexidade do texto; c) o estilo individual; d) o gênero do texto.

Sobre a maturidade do leitor, Kato (1995) explica que devem ser estabelecidas metas, além do monitoramento da compreensão. A autora considera importante distinguir a leitura

³⁸ SPIRO, R. J.. Constructive processes in prose comprehension and recall. In R. J. Spiro, B. C. Bruce & W. F. Brewer (Orgs.). **Theoretical Issues In Reading Comprehension**, Hillsdale: Erlbaum, p.245-278, 1980.

com *objetivo geral* de compreender o texto (fazer sentido do texto, de forma inconsciente) e ler com *objetivos específicos* de busca de informação (sempre consciente).

O leitor maduro conta com vários esquemas, e a aquisição destes ocorre de forma gradativa e cumulativa, “para cada estágio do desenvolvimento, o leitor conta com um subconjunto diferente, cada vez mais inclusivo” (KATO, 1995, p. 74).

Kato explica que quando pensamos na complexidade textual é necessário considerar se o conteúdo do texto é ou não familiar ao leitor. Um texto familiar possibilita a aplicação de esquemas por parte do leitor, porém, quando o conteúdo do texto não lhe é conhecido, de nada servem seus esquemas. Um texto com muitas palavras desconhecidas dificulta a leitura pelo fato desta ser realizada palavra por palavra (KATO, 1995, p. 76).

Na opinião de Kato, o estilo individual na leitura é a variável mais importante. Alguns leitores fazem mais uso do processamento descendente, esses são mais adivinhadores que outros que fazem apenas uso das informações contidas no texto, estes fazem uma leitura ascendente. A variação individual pode ser descrita em termos da preferência e da frequência de uso dos diversos processos (KATO, 1995, p. 77)

O gênero do texto mostra que podem ocorrer diversas formas de interação (leitura em voz alta, apenas uso da visão, uso de opiniões) entre o leitor e textos de diferentes gêneros, como poesias e textos políticos (KATO, 1995, p. 77).

Assim, considerando a complexidade que envolve tanto a redação como a leitura de um texto, Koch (1998, p. 25) afirma que “o sentido não está no texto, mas se constrói a partir dele, no curso de uma interação”.

Mai (2004a, p. 603) considera que o profissional da informação deve sempre confiar na informação que não é fornecida no próprio documento para determinar seu assunto, pois o assunto não está no documento, pronto a ser descoberto e retirado pelo indexador. O indexador deverá incluir seu conhecimento e/ou suposições sobre o uso potencial e as necessidades dos usuários do documento em sua análise. Em outras palavras, uma indexação centrada apenas no documento pode ser problemática, e a indexação envolverá necessariamente o contexto e conhecimento prévio nas decisões finais do profissional.

Pensando no momento em que a leitura é realizada, o leitor pratica dois movimentos inversos, o **ascendente** (*botom-up* – ler é extrair significado do texto) e o **descendente** (*top-down* – ler é atribuir significado ao texto). As estratégias do leitor dependem destes movimentos de leitura.

Pinto e Gálvez (1999) explicam os modelos de leitura ascendente e descendente.

Os modelos ascendentes se classificam pela direção do fluxo da informação, o processamento da leitura parte de um nível inferior – recursos visuais, decodificação fonológica, etc. – até chegar aos componentes de nível superior – interpretação semântica e representação global do texto (PINTO; GÁLVEZ, 1999, p. 44) (tradução nossa). No movimento *botom-up* ocorre a decodificação das informações contidas no texto para que ocorra a compreensão na mente do leitor.

Nos modelos descendentes, o processamento ocorre em unidades de nível superior – conhecimento de mundo, inferências, esquemas – para os componentes de nível inferior – reconhecimento de letras, palavras, etc (PINTO; GÁLVEZ, 1999, p. 45) (tradução nossa).

O movimento *top-down* é então entendido como o processamento que ocorre na mente do leitor para o texto lido, gerando a compreensão. A partir deste movimento, o leitor formula hipóteses, que serão confirmadas ao longo do texto a partir do uso de estratégias próprias de leitura e de seu conhecimento prévio.

Neves (2007) explica que diariamente, em atividades cotidianas fazemos uso de informações armazenadas na memória. A autora considera que:

A memória é composta por um conjunto de operações efetuadas no cérebro, que através de mecanismos dinâmicos de retenção e recuperação da informação, possibilitam o tratamento da informação a partir da sua codificação, armazenamento e recuperação. Nesse sentido, a cognição humana apresenta-se como uma reprodução dos conhecimentos estocados na memória, acompanhados das interpretações que lhe são associadas e das formas de processamento de informações, como, por exemplo, o processamento textual (NEVES, 2007, p. 1).

Cintra (1983) faz algumas considerações sobre a leitura que o profissional encarregado da análise de assunto deve realizar. Para a autora:

Dada a rapidez com que um documento deve ser processado, não é admissível leitura lenta, nem mesmo do documento integral [...] a leitura proficiente não se processa palavra por palavra, mas como um todo reconhecido instantaneamente, seja a nível de palavras, seja a nível de blocos ou segmentos maiores de informação (CINTRA, 1983, p. 5).

Dias, Neves e Pinheiro (2006, p. 142) fazem considerações sobre a leitura documentária:

Para o indexador, seu cotidiano é concentrado no ato da leitura, de forma a viabilizar o acesso à informação contida nos documentos aos usuários dos sistemas de informação anteriormente mencionados. Como a leitura dos documentos na íntegra demandaria um tempo de que não dispõe, é instruído a ater-se a partes do documento, tais como o título e o resumo.

A leitura documentária é então “entendida como uma atividade de cunho profissional”, sendo que o “objetivo principal da formação do indexador, do resumidor e do classificador seria formá-lo ou capacitá-lo para uma leitura com objetivos profissionais” (FUJITA, 2004, p. 2).

Para Kato (1995), os leitores proficientes empregam uma série de processos de natureza diversa ao realizar a leitura. Explica ainda que este processo depende de várias condições: grau de maturidade do sujeito como leitor; nível de complexidade do texto; do objetivo da leitura; do grau do conhecimento prévio do assunto tratado; do estilo individual do leitor (KATO, 1995, p. 60).

Kato (1995) esclarece alguns de seus métodos para elaboração de um texto científico. Explica como faz a seleção dos materiais bibliográficos (artigos, livros, teses) mais relevantes que irão fundamentar seus argumentos e idéias. Kato (1995, p.60) comenta que realiza a leitura “rápida [...], em diagonal, nos capítulos, seções e resumos de livros e artigos”, concentrando-se praticamente no início e fim de cada uma dessas partes. Ainda, fala um pouco sobre suas estratégias de leitura, grifa partes que considera importantes, faz questionamentos, lê em voz alta alguns trechos mais técnicos e/ou que não compreende bem, além de pular trechos irrelevantes e com conceitos já conhecidos (KATO, 1995, p.60).

Apesar das estratégias citadas por Kato (1995) não serem aplicadas à análise de assunto de um documento (suas estratégias foram usadas visando a seleção de material de referência para redação do capítulo do livro em que faz estas considerações) considera-se importante apresentar como a leitura não completa de documentos é vista por um autor não especialista da área de tratamento temático da informação, e sim da linguística.

É importante lembrar que Kato teve mais tempo para realizar a leitura (mesmo que incompleta) dos documentos selecionados para redigir seu livro. A autora ao fazer uma leitura

rápida dos materiais tinha como objetivo selecionar ideias para redigir um texto científico e não fazer a catalogação de assunto ou indexação do mesmo.

Considerando a relação entre o leitor e o texto, Fujita (2004, p. 3) explica que “a atitude do leitor frente ao texto, anteriormente vista como recepção passiva de mensagens, passou a considerar o processamento mental de informação da compreensão e evoluiu para uma perspectiva de interação entre o leitor e o texto”.

Conclui-se então, que a partir da leitura documentária do texto, deve ocorrer a ligação entre o profissional que realiza a leitura, a partir de seus conhecimentos e estratégias, com o que o autor do texto tinha em mente quando escreveu o texto, os conceitos do texto e o que esperava com os resultados obtidos.

Pensando no catalogador durante a análise de assunto, Dias, Neves e Pinheiro (2006) explicam como um leitor profissional e experiente realiza a leitura documentária. Para os autores, várias atividades são executadas com o fim de garantir que nenhum assunto do documento foi negligenciado. Os leitores:

[...] identificam informações relevantes, lêem as partes aparentemente mais importantes, fazem inferências, lêem em voz alta, repetem e reformulam uma idéia buscando sua correspondência na memória de trabalho. Tomam notas, fazem pausas para refletir sobre o texto, elaboram paráfrases, buscam padrões textuais, fazem predições. Relacionam partes do texto buscando esclarecer dúvidas, interpretam o texto, emitem juízos de valor sobre a qualidade do texto e a veracidade do relato, entre outras (DIAS; NEVES; PINHEIRO, 2006, p. 142).

De acordo com Neves (2007, p. 2), o processo de compreensão na leitura envolve “codificação semântica e episódica, aquisição de vocabulário e representações mentais, que compreendem a criação de modelos mentais e proposições”.

A **codificação semântica** é o processo que abrange o conhecimento geral sobre o mundo, enquanto a **codificação episódica** é o que contém as informações vivenciadas por uma pessoa. A aquisição de vocabulário acrescenta ao nosso vocabulário-base novos termos significativos, seja a partir da interação com o contexto, no qual o usuário (autor ou leitor) está inserido, ou a partir da recuperação da informação contida nos repositórios informacionais, como, por exemplo, consulta a bibliotecas, bases de dados,

obras de referências, dicionários, enciclopédias etc. (STERNBERG, 2000³⁹; KOCH; TRAVAGLIA, 2001⁴⁰ apud NEVES, 2007, p. 2) (grifo nosso).

Desta forma, considera-se a análise do documento como uma etapa exaustiva e que exige grandes esforços mentais por parte do leitor. Fujita (2004, p. 2) explica que existem três variáveis que envolvem o processo de leitura documentária. Em primeiro lugar o leitor que a realiza, em segundo o texto que contém as intenções e idéias do autor e em terceiro o contexto. Em artigo intitulado “A Leitura Documentária na perspectiva de suas variáveis: leitor-texto-contexto” de 2004, Fujita explica o modelo contemporâneo da compreensão da leitura de Giasson⁴¹, que envolve as três variáveis da leitura:

- **Texto:** estrutura textual na leitura documentária;
- **Leitor:** o indexador como leitor profissional;
- **Contexto:** a indexação em sistemas de informação.

De acordo com Fujita (2004, p. 4), o modelo Interativo de Giasson, apresenta visão semelhante à de Cavalcanti⁴². Neste modelo:

[...] **o leitor**, corresponde às estruturas (esquemas) do sujeito e os processos (estratégias) de leitura que ele utiliza. Geralmente essas estruturas referem-se ao que o leitor é (seus conhecimentos e suas atitudes) e os processos referem-se ao que ele faz durante a leitura (habilidades a que ele recorre); **o texto** corresponde ao material a ser lido e apresenta os seguintes aspectos: a intenção do autor, a estrutura e o conteúdo. O autor determina cada um dos aspectos ao organizar suas idéias; **e o contexto** corresponde aos elementos extratexto, que podem influenciar na compreensão da leitura. Giasson destaca três tipos de contexto: o contexto psicológico (intenção de leitura, interesse pelo texto...), o contexto social (por exemplo, as intervenções dos professores e dos colegas...) e o contexto físico (o tempo disponível, o barulho...) (grifo nosso) (FUJITA, 2004, p. 5).

A partir dos estudos realizados em torno da variável de leitura **texto**, Fujita (2004) conclui que quando o leitor faz uso de estratégias com relação à estrutura textual do

³⁹ STERNBERG, Robert J. **Psicologia cognitiva**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

⁴⁰ KOCH, Igedore G. Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **A coerência textual**. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

⁴¹ GIASSON, J. **A compreensão na leitura**. Lisboa: Asa, 1993. 317 p.

⁴² CAVALCANTI, M. C. **I-n-t-e-r-a-ç-ã-o leitor-texto**: aspectos de interpretação pragmática. Campinas: UNICAMP, 1989. 271 p.

documento (que serão melhor discutidas no próximo capítulo sobre estrutura textual de livros), sua leitura e compreensão do conteúdo são agilizadas, pois ele busca pelos trechos que mais lhe interessam sem a necessidade de ler o texto por completo.

Para Fujita (1999, p. 108), “a interação **leitor-texto** durante a leitura é um processo de comunicação. O leitor desenvolverá a interação fazendo uso de estratégias cognitivas ou metacognitivas” (grifo nosso).

As estratégias cognitivas ocorrem de forma inconsciente na mente das pessoas, mas, de acordo com Kleiman (1989, p.35) as estratégias metacognitivas “implicam uma reflexão sobre o próprio conhecimento”, ou seja, são conscientes. Na visão da mesma autora, “a capacidade de estabelecer objetivos na leitura é considerada um estratégia metacognitiva, isto é, uma estratégia de controle e regulamento do próprio conhecimento” (KLEIMAN, 1989, p. 34). Assim, considera-se que a leitura documentária para a catalogação de assunto de livros envolve estratégias metacognitivas dos bibliotecários catalogadores.

Fujita explica que “existe uma lacuna quanto ao conhecimento disponível sobre o processo de leitura e sua influência nos resultados de representação temática da informação” (FUJITA, 2004, p. 22). Seguindo esta linha de pensamento, Neves (2007) explica que a formação de profissionais da informação é geralmente voltada a técnicas, isso ocorre porque as técnicas proporcionam roteiros seguros para a execução de tarefas.

Assim, considera-se importante embasar os “roteiros” a partir de pesquisas que estudam os processos considerados técnicos, neste caso, a leitura documentária para a catalogação de assunto, que apesar de produzir representações em catálogos envolve diversas ocorrências na mente do catalogador.

Pensando em fatores que influenciam a leitura, como apresentado anteriormente neste mesmo capítulo por Koch (1998) e Mai (2004a), um texto não apresenta significado nele mesmo, é necessário que haja uma interação a partir da leitura para que o significado e conceitos que o texto pretende passar sejam compreendidos pelo leitor (MAI, 2005, p. 604).

Fujita e Rubi (2006) apresentam no artigo “Um modelo de leitura documentária para a indexação de artigos científicos: princípios de elaboração e uso para a formação de indexadores” o “**Modelo de Leitura Documentária para indexação de artigos científicos**” (Anexo B) que relaciona as partes da estrutura do artigo (introdução, metodologia, resultados e conclusões) com conceitos que podem representa-lo (objetivo, ação, agente e etc) durante a indexação.

Para Fujita e Rubi (2006, p. 9) o uso do Modelo de Leitura Documentária:

[...] dirige-se, primordialmente, para o ensino de indexação de graduação, pós-graduação e de profissionais que já atuam no mercado de trabalho. Neste sentido, o currículo do Curso de graduação em Biblioteconomia da UNESP – Campus de Marília integra a disciplina obrigatória “Leitura documentária” e no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UNESP – Campus de Marília é oferecida a disciplina “Leitura Profissional” que utilizam o Modelo de Leitura associado aos conteúdos teóricos e metodológicos de seus planos de ensino.

O “**Modelo de leitura documentária para indexação na catalogação de assuntos de livros em bibliotecas**” (Anexo C) apresentado por Fujita (2010) segue a mesma linha de pensamento usada no “**Modelo de Leitura Documentária para indexação de artigos científicos**”, porém, este tem como foco a catalogação de assuntos de livros em bibliotecas universitárias. Ambos os modelos empregam estratégias de leitura (detalhadas no capítulo sobre leitura documentária em bibliotecas universitárias).

Apesar da leitura ser individual e pessoal, a construção de significados sobre o texto não depende somente do leitor, pois de acordo com Mai (2005, p. 604), o significado das palavras e o uso correto da linguagem estão intimamente ligados à comunidade na qual essas palavras e essa linguagem são usadas.

Podemos então verificar que de acordo com a visão de Mai (2005), existe uma interferência do meio em que o leitor está inserido (domínio) na compreensão do texto por meio de sua leitura.

Desta forma, considera-se importante conceituar a biblioteca e a biblioteca universitária, domínio escolhido para análise nesta pesquisa.

Para Mey (1995, p. 2) quando uma biblioteca é criada, tem objetivo e público definidos:

Uma **biblioteca pública** deve atender à comunidade em geral onde está inserida; uma **biblioteca especializada** deve atender ao público especializado em determinada área do conhecimento e assim por diante. Em consequência, tanto seu acervo como seus instrumentos são direcionados e adequados ao público-alvo (grifo nosso).

“A biblioteca tem evoluído muito desde suas origens até os nossos dias, mas há algo permanente nela que permite identificá-la. A biblioteca tem se adaptado às mudanças exigidas pela sociedade, mas sem perder, de modo algum, a sua essência”⁴³ (ORERA ORERA, 2002, p. 64) (tradução nossa).

A “BIBLIOTECA é uma coleção de livros, organizada de modo a conservá-los e guardá-los para serem consultados e lidos com facilidade” (FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, 1995, p. 15)

De acordo com a Fundação Biblioteca Nacional (1995, p. 15), a biblioteca universitária tem como finalidade “atender a estudos, consultas e pesquisas de alunos e professores universitários. Deve funcionar como verdadeiro centro de documentação, e estar integrada à universidade”.

Para Fujita (2005, p. 98), “em seu contexto, a biblioteca universitária é um sistema de informação que é parte de um sistema mais amplo, que poderia ser chamado sistema de informação acadêmico, no qual, a geração de conhecimentos é o objeto da vida universitária”.

Ainda, a biblioteca universitária deve ser considerada “dentro do seu contexto mais amplo – a Universidade ou a Instituição de Ensino Superior – é importante compreender que sua atuação não poderá estar desvinculada do meio-ambiente acadêmico e sua cultura” (FUJITA, 2005, p. 99).

Levando em consideração tudo que foi exposto sobre bibliotecas, Cintra (1983, p. 6) explica que “a prática do indexador numa determinada área do conhecimento amplia seu glossário visual e torna o processo de indexação muito mais rápido”, o que justifica a delimitação de domínio para estudo nesta pesquisa.

Desta forma, é importante revelar a relação entre os acervos em assuntos específicos de bibliotecas universitárias, e como o tratamento destes documentos que a integram é afetado. O bibliotecário terá mais facilidade ao realizar a análise de assuntos de documentos cuja tematicidade lhe é familiar, daí a importância de seu conhecimento prévio adquirido durante os anos de experiência e suas estratégias de leitura documentária em determinada área do conhecimento.

⁴³ La biblioteca ha evolucionado mucho de los orígenes hasta nuestros días, pero hay algo permanente en ella que permite identificarla. La biblioteca ha ido adaptándose a los cambios exigidos por la sociedad, pero sin perder, de alguna manera, su esencia.

Fujita (2004, p. 24) recomenda que para a formação do indexador em leitura documentária sejam considerados conhecimentos sobre: a estrutura textual, o processo de leitura documentária, o contexto sociocognitivo e físico dos serviços e os objetivos da leitura documentária baseada no conteúdo documentário e na demanda da comunidade usuária.

No capítulo quatro, apresentado a seguir, seguindo recomendações de pesquisas como a de Fujita (2004), dá-se enfoque a estrutura textual de livros e como pode influenciar o leitor durante a leitura documentária.

4 O livro e sua estrutura textual

Guinchat e Menou (1994, p. 41) consideram que “um documento é um objeto que fornece um dado ou uma informação. É o suporte material do saber e da memória da humanidade”. Existe uma grande variedade de documentos, e para os autores é papel do profissional da informação identificar cada tipo, visando o tratamento correto das informações contidas nos mesmos.

A NBR 12676 de **Métodos para análise de documentos: determinação de seus assuntos e seleção de termos de indexação** (1992, p. 1) define o documento de um ponto de vista mais técnico e orientado ao tratamento como “qualquer unidade, impressa ou não, que seja passível de catalogação ou indexação”.

Os documentos podem ser diferenciados a partir de sua forma física e de conteúdo. De acordo com Guinchat e Menou (1994, p. 41), com relação ao conteúdo do texto de um documento as “características intelectuais são o objetivo, o conteúdo, o assunto, o tipo de autor, a fonte, a forma de difusão, a acessibilidade e a originalidade, entre outras”. Essas características permitem definir o valor, o interesse, o público a que o documento se destina e a forma de tratamento da informação (GUINCHAT; MENOU, 1994, p. 46).

A parte física do documento, por outro lado, independe das características intelectuais de um documento, porém, influencia em sua forma de tratamento quando o peso, o tamanho, a mobilidade, o grau de resistência, a idade, o estado de conservação, a unidade, a raridade ou multiplicidade são consideradas (GUINCHAT; MENOU, 1994, p. 42).

Koch (1998, p. 28) explica que “o conhecimento superestrutural, isto é, sobre estruturas ou modelos textuais globais, permite reconhecer textos como exemplares de determinado gênero ou tipo”. Isso se aplica às características intelectuais do documento, quando as idéias do autor são distribuídas na estrutura do texto escrito.

Assim, o texto como suporte para as características textuais do documento, é considerado por Koch (1998) como algo que varia conforme o autor e/ou a orientação teórica adotada. Koch (1998, p. 21) explica que desde as origens da Linguística do Texto até nossos dias, este foi visto de diferentes formas, em primeiro momento, concebido como:

- a. Unidade linguística (do sistema) superior à frase;

- b. Sucessão ou combinação de frases;
- c. Cadeia de pronominalizações ininterruptas;
- d. Cadeia de isotopias;
- e. Complexo de proposições semânticas.

No interior de orientações de natureza pragmática, o texto passou a ser encarado:

- a. Pelas teorias acionais, como uma seqüência de atos de fala;
- b. Pelas vertentes cognitivistas, como fenômeno primariamente psíquico, resultado, portanto, de processos mentais;
- c. Pelas orientações que adotam por pressuposto a teoria da atividade verbal, como parte de atividades mais globais de comunicação, que vão muito além do texto em si, já que este constitui apenas uma fase deste processo global.

Koch (1998, p. 21) então explica que o texto deixa de ser visto como uma estrutura acabada (produto), passando a ser abordado no seu próprio processo de planejamento, verbalização e construção.

É importante ter em mente que o texto passa a agregar mais valor, a partir do momento em que é pensado como algo que contém as idéias e informações que o autor pretendia comunicar.

A partir da combinação dos pontos de vista apresentados sobre o texto, Koch (1998, p. 22) esclarece que o texto “pode ser concebido como resultado parcial de nossa atividade comunicativa, que compreende processos, operações e estratégias que tem lugar na mente humana, e que são postos em ação em situações concretas de interação social”.

Sobre o texto, Koch explica que:

- a. A produção textual é uma atividade verbal, a serviço de fins sociais e, portanto inserida em contextos mais complexos de atividades;
- b. Trata-se de uma atividade consciente, criativa, que compreende o desenvolvimento de estratégias concretas de ação e a escolha de meios adequados à realização dos

objetivos; trata-se de uma atividade intencional que o falante, de conformidade com as condições sob as quais o texto é produzido, empreende, tentando dar a entender seus propósitos ao destinatário através da manifestação verbal;

- c. É uma atividade interacional, visto que os interactantes, de maneiras diversas, se acham envolvidos na atividade de produção textual (KOCH, 1998, p.22).

Deste modo, Koch conclui que textos são resultados da atividade verbal de indivíduos socialmente atuantes, suas ações são coordenadas com o intuito de alcançar um fim social, de conformidade com as condições sob as quais a atividade verbal se realiza (KOCH, 1998, p. 22).

Assim, a produção do texto como atividade social depende de habilidades lingüísticas e cognitivas tanto do autor, como do leitor, para que a compreensão do texto ocorra por parte do leitor, e que pelo conteúdo lhe sejam passadas as intenções do autor.

Em bibliotecas existe grande variedade de documentos no acervo, mas o livro especificamente apresenta um tipo de estrutura que difere de outros documentos, como os artigos de periódicos.

Mai considera inadequado e vago instruir catalogadores pedindo para que estes se atenham ao tópico principal do documento em análise, e quase impossível de se definir diretrizes Exatas de como se deve indexar um documento, pois existem muitas variáveis envolvidas neste processo, o que impossibilita o bom funcionamento de um único conjunto de regras para indexar. Por isso é importante determinar pistas fundamentadas na estrutura dos diferentes tipos de documentos em cada área do conhecimento – principalmente o livro, pois é o tipo de documento mais comum e em maior número nas bibliotecas.

Quando se pensa na evolução do livro, tanto em sua forma como em seu conteúdo, observa-se que o que a princípio era uma boa forma de apresentação dos livros para os editores desde o surgimento da imprensa, originou hoje a padronização para livros por meio de normas, facilitando o trabalho dos profissionais da informação.

Guinchat e Menou (1994, p. 54) definem o livro brevemente como um “conjunto de folhas impressas e reunidas em um volume encadernado ou sob a forma de brochura”. Esta é uma visão voltada à parte física do livro, porém, devemos considerar o livro também, e principalmente, como o suporte para um texto, um instrumento mediador das informações que o autor pretende passar para o leitor.

É comum que sejam sugeridas diretrizes para a indexação (normas e sugestões de autores reconhecidos na área), porém, estas diretrizes desamparadas de outras variáveis não são eficazes quando se pensa no produto final do processo. Para Mai (1997⁴⁴; 2000⁴⁵), é praticamente impossível definir diretrizes que guiem o indexador durante a tarefa de determinação de assuntos, porém, o uso de diretrizes (de estrutura textual de documentos) combinadas ao conhecimento prévio do profissional e o contexto em que ele está inserido contribuem diretamente para o processo interpretativo na indexação, resultando em produtos mais adequados às necessidades dos usuários.

Deve-se também considerar o tipo de livro em análise. Comparar livros de áreas diferentes pode ser um exemplo: Um livro científico na área de Exatas ou Biológicas é completamente diferente de um livro de romance ou ficção, tanto em sua estrutura, apresentação do conteúdo, como também em características menos importantes para a análise de assunto, como as características físicas (nível de detalhes e materiais diferentes usados na elaboração da capa, cores, ilustrações, relevos, entre outros).

Atualmente, além das formas padronizadas de confecção de livro usadas por editoras, existem também normas que definem quais partes um livro deve apresentar como a NBR 6029 de Informação e documentação: livros e folhetos, e normas mais específicas para a área, como as que apresentam quais elementos devem ser observados em um livro visando a determinação de seus assuntos, a NBR 12676 de Métodos para análise de documentos: determinação de seus assuntos e seleção de termos de indexação.

A NBR 12676 é uma tradução fiel da ISO (International Organization for Standardization) - Methods for examining documents (1985) feita pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

Além das normas muitos autores sugerem quais tópicos na estrutura de um livro podem ser observados visando conhecer seu conteúdo, essas considerações serão apresentadas mais a frente.

Com relação à estrutura de documentos, Lancaster (2004, p. 24) afirma que:

⁴⁴ MAI, Jens-Erik. The Concept of Subject: On Problems in Indexing. In: **Knowledge Organization for Information Retrieval**. Proceedings of the 6th International Study Conference on Classification Research, 6: 60-67, 1997.

⁴⁵ MAI, Jens-Erik. Deconstructing the Indexing Process. **Advances In Librarianship**, Denmark, v. 23, n. , p.269-298, 2000.

As partes a serem lidas atentamente são as que apresentam maior probabilidade de dizer o máximo sobre o conteúdo no menor tempo: título, resumo, sinopse e conclusões. Os títulos das seções e as legendas das ilustrações ou tabelas também merecem maior atenção. Convém passar os olhos pelo restante do texto, para confirmar se as partes mais condensadas contêm uma imagem exata do que trata o documento.

Algumas partes da estrutura de um documento sugeridas por autores para a leitura documentária devem ser observadas em conjunto a outras partes ou apenas para conferência de um conceito já identificado, pois algumas delas como o título do documento podem dar pistas erradas sobre sua tematicidade se esta for a única fonte consultada. Guinchat e Menou (1994, p. 50) confirmam isto ao afirmar que “os títulos deveriam, em princípio, caracterizar o documento, mas são muitas vezes ambíguos e vagos”.

Mai (2004a) faz algumas considerações sobre o título de documentos. O título é um atributo de documento que, em muitos casos pode dar pistas sobre seu assunto. No entanto, mesmo com os títulos que são bastante descritivos o indexador precisa tomar decisões que vão além do título do documento (MAI, 2004a, p.602). Isso mostra que é imprescindível observar outras fontes de informação além do título.

Para Foskett (1973, p. 23):

Há, naturalmente, uma parte do livro em que o próprio autor comumente procura definir o assunto. Em muitos casos isso nos dará uma indicação bem nítida do tema do livro. Entretanto, existem alguns casos em que o **título** não será de grande valia e outros em que não servirá de nada, pois terá sido escolhido para chamar a atenção e não para indicar o assunto abordado. [...] Os autores costumam escolher títulos genéricos, de modo que a área temática abrangida pelo documento pode, de fato, ser bem mais restrita do que se acha implícito no título. Portanto, os títulos podem ser úteis na procura de certos documentos, desde que o usuário se lembre, mas sua utilidade é mais limitada como base de um sistema completo. Podem sugerir qual é o assunto que estamos tentando especificar, mas carecem, em si, de precisão como especificações.

Mesmo se o título do livro é bastante preciso, como em livros da área de Exatas e Biológicas, o catalogador de assunto recebe apenas uma pista, não o assunto definitivo do documento. Cabe ao profissional tomar uma decisão sobre a representação real do documento com base em mais do que a informação obtida a partir do título.

Uma parte da estrutura do livro que é usada com frequência é a tabela de conteúdos/sumário. Sua função é nomear as diferentes partes do documento, seus capítulos, e as pistas que são fornecidas para o catalogador de assunto nesta parte são menos explícitas e exigem uma análise diferente e mais aprofundada do que apenas a análise do título exigiria (MAI, 2004a, p. 602).

Ainda sobre o título do livro, Fujita (2003, p. 64) adverte que os primeiros itens do texto apresentam, geralmente, as intenções do autor, enquanto que as partes finais comunicam o alcance dessas intenções. Por isso, não se recomenda a indexação **somente** pelo título e/ou pelo resumo.

Langridge (1977, p. 106) comenta a pequena confiabilidade existente nos títulos de documentos, e também sobre a análise da estrutura do documento realizada pelo catalogador de assunto:

Os títulos dos livros certamente ajudam nessa tarefa, mas nem sempre merecem confiança, e raramente são precisos. Por um lado podem conter termos redundantes e por outro lado podem omitir conceitos importantes para a descrição precisa do assunto do livro. É sempre necessário examinar além do título as **listas de conteúdo**, os **cabeçalhos dos capítulos** e as **introduções** para se fazer uma análise de assuntos precisa. (grifo nosso)

Foskett (1973, p. 23) comenta sobre o profissional da informação encarregado da análise de assunto:

Como podemos determinar o assunto de um documento de modo a especificá-lo? A resposta óbvia será ‘ler o documento’, porém, nem sempre isto é tão útil quanto parece. Não dispomos de tempo para ler na íntegra todo item acrescentado ao acervo e mesmo que dele dispuséssemos talvez não compreendêssemos o seu conteúdo. Existem alguns atalhos que podemos tomar: ler o **sumário**, o **prefácio** ou a **introdução**, ou o comentário do editor na **orelha da obra**; talvez o autor haja preparado um **resumo** [...] (grifo nosso)

Taylor (2004, p. 247) lista e explica quais partes da estrutura textual podem ser exploradas durante a leitura:

- **Título e subtítulo:** O título pode ser útil ao dar uma impressão imediata do assunto do documento, mas pode ser também ilusório. Um exemplo prático é o livro “Indexação e

resumos: teoria e prática” de Lancaster, que embora seja da área de Humanas, apresenta um título que representa bem (de maneira geral) do que o livro trata (o bibliotecário saberá rapidamente qual sua tematicidade). Porém, o livro “O Guia do Mochileiro das Galáxias” de Douglas Adams trata de que assunto? Somente pela leitura do título fica um grande vazio em nossas mentes. Este livro faz parte de uma série de ficção científica, um romance com o título abstrato e provavelmente inútil, quando se considera o trabalho de análise de assunto que o catalogador de assunto realizará em uma biblioteca;

- **Tabela de conteúdos⁴⁶:** Uma lista de conteúdos ou sumário pode ajudar a esclarecer sobre o assunto e identificar assuntos relacionados. Uma lista de conteúdos pode ser especialmente útil para itens que são compilações de artigos, trabalhos, de diferentes autores;
- **Termos de indexação, palavras, ou frases impressas em fontes diferentes do resto do texto; hyperlinks; resumos se houver; e outros:** Estes elementos oferecem a confirmação ou oposição de impressões adquiridas a partir do exame do título, tabela de conteúdos, introdução entre outros. Um índice no fim do livro pode mostrar a quais assuntos é dada maior atenção a partir da contagem do número de vezes que aparece nas páginas do livro;
- **Ilustrações, diagramas, tabelas e legendas:** Ilustrações e suas legendas são particularmente importantes para identificar assuntos em áreas como Arte, onde em muitos casos, as ilustrações estão sempre presentes e devem ser examinadas para determinar de que assunto o documento trata. As legendas das ilustrações freqüentemente são bastante representativas quanto ao assunto do documento.

Assim, considera-se a observação da estrutura de textos, tanto em livros como em outros tipos de documentos, uma estratégia de grande importância para a tarefa de análise de assunto para indexação e para catalogação de assunto. Além de facilitar o processo, proporciona maior confiabilidade aos conceitos selecionados para representar o documento, pois o documento é analisado com mais atenção pelo profissional.

A NBR 6029:2006 **Informação e documentação — Livros e folhetos — Apresentação**, da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) estabelece os

⁴⁶ Traduzido de *Table of contents*. Entenda-se aqui “Tabela de conteúdos”, também como “Sumário” ou equivalentes.

princípios gerais para apresentação dos elementos que constituem o livro ou folheto. É destinada a editores, autores e usuários.

É importante indicar de que partes o livro é composto do ponto de vista da norma (NBR 6029:2006), já que muitas dessas partes são citadas em comum por autores reconhecidos na área como recomendações para a exploração da estrutura textual de documentos durante a análise de assunto. Considera-se necessário conceituar a partir da norma as partes da estrutura de um livro em detalhes, já que aparecem em vários momentos nesta pesquisa.

A norma traz as definições das partes da estrutura que um livro deve conter e a ordem em que devem aparecer, alguns itens são obrigatórios, outros opcionais. A estrutura de um livro ou folheto é constituída pelas partes externa e interna:

a. Parte externa:

- Sobrecapa (elemento opcional);
- Capa (elemento obrigatório);
- Folhas de guarda (Elemento obrigatório nos livros ou folhetos encadernados com materiais rígidos e elemento opcional para os livros ou folhetos encadernados com materiais flexíveis.);
- Lombada (elemento obrigatório);
- Orelhas (elemento opcional).

b. Parte interna: A parte interna é constituída de elementos pré-textuais, textuais e pós-textuais.

ELEMENTOS PRÉ-TEXTUAIS: Elementos que antecedem o texto com informações que ajudam na sua identificação e utilização.

- Falsa folha de rosto (elemento opcional);
- Folha de rosto (elemento obrigatório); Composta pelo Anverso e Verso;
- Errata (elemento opcional);
- Dedicatória (elemento opcional);
- Agradecimento (elemento opcional);

- Epígrafe (elemento opcional);
- Lista de ilustrações (elemento opcional);
- Lista de tabelas (elemento opcional);
- Lista de abreviaturas e siglas (elemento opcional);
- Lista de símbolos (elemento opcional);
- Sumário (elemento obrigatório).

ELEMENTOS TEXTUAIS: Parte em que é desenvolvido o conteúdo, antecedida, opcionalmente, por prefácio e/ou apresentação. O prefácio (Texto de esclarecimento, justificação ou comentário, escrito por outra pessoa, também chamado de apresentação quando escrito pelo próprio autor.) e/ou apresentação deve começar em página ímpar, sem indicativo de seção. Em caso de novo prefácio para nova edição (Todos os exemplares produzidos a partir de um original ou matriz. Pertencem à mesma edição de uma publicação todas as suas impressões, reimpressões, tiragens etc., produzidas diretamente ou por outros métodos, sem modificações, independentemente do período decorrido desde a primeira publicação.), este precede os anteriores, apresentados sequencialmente, dos mais recentes aos mais antigos, indicando-se no título o número da edição correspondente (exemplo: “Prefácio à 7ª edição”, “Prefácio à 3ª edição”).

ELEMENTOS PÓS-TEXTUAIS: Elementos que complementam o trabalho.

- Posfácio (elemento opcional);
- Referências (elemento obrigatório);
- Glossário (elemento opcional);
- Apêndice (elemento opcional);
- Anexo (elemento opcional);
- Índice (elemento opcional);
- Colofão (elemento obrigatório).

A NBR 12676, apesar de prática, possui um ponto de vista muito técnico, pois as recomendações apresentadas nela são muito subjetivas, e supõem que o profissional que a consulta já conheça várias etapas do processo de tratamento temático da informação. Alguns pontos da norma caracterizam sua idade, 20 anos em agosto de 2012 (traduzida da ISO em

1992), como a sugestão do título como elemento a ser consultado durante a análise do documento (sem considerar o tipo e área em que o documento está inserido e salientar que não deve ser usado como única fonte para leitura durante a análise de assunto), pois se sabe que a catalogação de assunto realizada **somente** pelo título, **sem qualquer critério**, pode não resultar em produtos confiáveis. O que poderia ser feito é sugerir o título apenas como elemento para confirmar termos já identificados durante a análise, ou para basear uma primeira impressão sobre a tematicidade do livro.

Apesar de suas desatualizações, consideradas também como falhas, a NBR 12676 apresenta pontos interessantes que devem ser considerados.

A NBR 12676, diferente da NBR 6029, não tem como objetivo apresentar as partes dos documentos, e sim como analisá-los. Ela recomenda que a leitura do documento seja feita a partir do: título e subtítulo; resumo se houver; sumário; introdução; ilustrações, diagramas, tabelas e seus títulos explicativos; palavras ou grupos de palavras em destaque (sublinhadas, impressas em tipo diferente, etc.); e referências bibliográficas (1992, p. 2). Sugere que o profissional não use os elementos isoladamente, e sim em conjunto, pois sozinhos podem não ser fontes confiáveis de informação.

Considerando as partes que autores e normas sugerem para explorar a estrutura de um documento com objetivos profissionais, foi elaborado o seguinte quadro comparativo com as sugestões de cinco autores:

Quadro 3 – Quadro comparativo das sugestões de estrutura textual:

Partes do livro: NBR 12676	Autores da Ciência da Informação				Autores de outras áreas
	Foskett (1973)	Langridge (1977)	Lancaster (2004)	Taylor (2004)	Kato (1995)
Título e subtítulo	---	Título	Título	Título e subtítulo	---
Resumo se houver	Resumo	---	Resumo	Resumo	Resumo
Sumário e equivalentes	Sumário	Listas de conteúdo	---	Tabela de conteúdos/ sumário	---
Introdução	Prefácio e/ou introdução	Introduções	---	---	---
Palavras em destaque	---	Cabeçalhos dos capítulos	Títulos das seções	---	Capítulos/ Seções
Ilustrações, tabelas e diagramas	---	---	Legendas das ilustrações e/ou tabelas	Ilustrações, diagramas, tabelas e legendas	---
Partes diversas (incluindo referências bibliográficas)	Comentário do editor na orelha da obra (Elemento opcional pela NBR 6029)	---	Sinopse e conclusões	Palavras, ou frases impressas em fontes diferentes do resto do texto; hyperlinks	---

Quadro 3 – Quadro comparativo das sugestões para exploração de estrutura textual de livros.

Fonte: Elaborado pela autora.

A partir deste quadro, podemos observar a ordem e os elementos sugeridos para uma leitura dita como “técnica” de um documento. A partir destas sugestões de leitura na estrutura textual de documentos foram elaboradas categorias para análise apresentadas no capítulo de metodologia a seguir.

5 Metodologia

Nos capítulos antecedentes foi realizada pesquisa bibliográfica em fontes nacionais e internacionais para redação de revisão de literatura sobre o tema de leitura documentária na análise de assunto de livros científicos.

Para a observação da leitura documentária durante a tarefa de catalogação de assunto de livros científicos, foram selecionados seis bibliotecários catalogadores de bibliotecas de universidades públicas do estado de São Paulo (USP, UNESP e UNICAMP) nas três áreas do conhecimento (Humanas, Exatas e Biológicas) para coleta de dados a partir da técnica de Protocolo Verbal Individual (PVI).

No quadro a seguir, são apresentadas as bibliotecas universitárias selecionadas para coleta divididas por área do conhecimento:

Quadro 4 – Bibliotecas escolhidas para coleta dos PVIs:

Área de atuação	Bibliotecas
Humanas	▪ “Biblioteca Prof. Dr. Octávio Ianni” do IFCH – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP; ▪ Biblioteca “Prof. Dr. José de Arruda Penteadó” do Instituto de Artes da UNESP.
Exatas	▪ “Prof. Carlos Benjamin de Lyra” do IME – Instituto de Matemática e Estatística da USP; ▪ Biblioteca do IMECC - Instituto de Matemática, Estatística e Computação Científica da UNICAMP.
Biológicas	▪ “Biblioteca – Honório Monteiro” da Faculdade de Odontologia da UNESP; ▪ Biblioteca do Instituto de Biociências da USP.

Quadro 4 – Bibliotecas escolhidas para coleta dos PVIs.

Fonte: elaborado pela autora.

O ambiente universitário foi o escolhido, pois é praticamente “restrito” aos docentes e discentes da universidade interessados nos acervos especializados das bibliotecas da universidade. Dificilmente um usuário que busca informações mais gerais (como jornais, enciclopédias ou livros didáticos de nível médio) faria uso de uma biblioteca especializada como a do IMECC - Instituto de Matemática, Estatística e Computação Científica da UNICAMP ou da “Biblioteca – Honório Monteiro” da Faculdade de Odontologia da UNESP de Araçatuba.

As bibliotecas universitárias foram escolhidas nas três áreas do conhecimento (Humanas, Exatas e Biológicas) com o intuito de comparar como o processo de análise de assunto é realizado em cada ambiente, ou seja, como as características e particularidades de cada área interferem na mente do bibliotecário no momento em que este realiza este processo.

Foram escolhidas bibliotecas da USP, UNESP e UNICAMP, pois em todas é realizado obrigatoriamente o processo de catalogação de assunto, que é um dos requisitos organizacionais para as universidades participantes da rede CRUESP⁴⁷ (algumas bibliotecas universitárias não realizam este processo, os termos são geralmente copiados de fichas catalográficas ou copiados de registros de outras bibliotecas).

A técnica escolhida foi o Protocolo Verbal Individual por revelar as estratégias metacognitivas dos bibliotecários com relação à catalogação de assunto. Vários autores contribuem com articulações relacionadas a técnicas introspectivas de coleta de dados, como K. Anders Ericsson em “Protocol analysis and Verbal Reports on Thinking”⁴⁸. No tópico seguinte serão apresentados conceitos sobre a técnica em questão.

Os Protocolos Verbais Individuais foram coletados durante a catalogação descritiva e temática de livros, e o principal ponto a ser analisado neste processo foi a parte de identificação e determinação de conceitos. Isto possibilitou a observação plena da identificação de conceitos por parte dos catalogadores, e as respectivas partes dos livros que foram consultadas para representar o documento.

Foi solicitado a cada bibliotecário que realizasse a catalogação de assunto de no mínimo três livros diferentes dentro da mesma área de assunto (Humanas, Biológicas ou Exatas), pois cada livro pode apresentar uma estrutura textual distinta, mesmo dentro da mesma área.

Desta forma, neste capítulo será apresentada a técnica introspectiva de coleta de dados escolhida para esta pesquisa, denominada “Protocolo Verbal Individual” a partir de conceitos que expliquem sua natureza. Serão descritos os procedimentos que a permeiam, justificando porque foi a técnica escolhida para analisar o processo de catalogação de assunto nas bibliotecas selecionadas.

⁴⁷ O CRUESP/BIBLIOTECAS iniciou suas atividades em 1999, como Grupo de Estudos, instituído pela Resolução do Conselho de Reitores das Universidades Estaduais Paulistas (CRUESP) 149/99, tendo por objetivo a integração dos Sistemas de Bibliotecas da USP, UNESP e UNICAMP. Apresenta como missão: Consolidar o trabalho participativo e integrado dos Sistemas das Universidades Estaduais Paulistas, buscando, principalmente, a cooperação, o compartilhamento e a racionalização dos recursos.

⁴⁸ An updated and extracted version from Ericsson (2002).

Após a coleta e transcrição dos Protocolos Verbais Individuais, a análise dos dados foi realizada considerando o referencial teórico desenvolvido para esta pesquisa e com base em pesquisas anteriores que seguem a mesma linha de pensamento e que basearam o problema para esta pesquisa, como Sauperl (1999), Fagundes (2001), Rubi (2004), Silveira (2006) e Reis (2009). Foi dado maior enfoque às partes da estrutura textual de livros que são observadas com mais frequência no processo de catalogação de assunto.

A análise qualitativa dos PVIs proporcionou a observação do processo de catalogação de assunto de livros de áreas específicas em bibliotecas universitárias, ou seja, como determinada área interfere na análise de assunto de um catalogador em biblioteca universitária. Além da influência do ambiente universitário foi considerada principalmente a exploração da estrutura de livros científicos (entendidos aqui como livros cujos conteúdos são essencialmente científicos, criados a partir de hipóteses, relatos e fatos) durante sua análise.

Os PVIs foram aplicados apenas uma vez com cada bibliotecário tendo em vista fazer uso dos dados analisados para a criação de um “Modelo de ensino de leitura documentária para análise de assunto de livros científicos”, não sendo considerado necessário ou coerente reaplicar outro PVI com o uso do modelo elaborado com os bibliotecários que proporcionaram sua formulação.

Os procedimentos anteriores, durante e após a coleta de dados dos PVIs serão apresentados no tópico 5.2. logo após o tópico conceitual 5.1. sobre Protocolo Verbal.

a. A técnica do “pensar alto” – protocolo verbal

Existe um consenso de que a fala dos indivíduos na vida cotidiana reflete os aspectos de seus pensamentos, e normalmente as pessoas verbalizam apenas uma fração de todos os seus pensamentos (ERICSSON; SIMON, 1998, p. 179).

Pode-se observar então que nem tudo que pensamos é verbalizado durante o ato da fala, principalmente porque se considera impossível uma pessoa verbalizar todo o fluxo de seus pensamentos, pois estes são processados pela mente de forma muito mais acelerada que a fala.

A possibilidade de saber o que cada pessoa está pensando por meio da exteriorização destes pensamentos durante algum processo, pode ser útil por vários motivos. Um destes

motivos são as pesquisas, estudos científicos sobre leitura, e nesta pesquisa, especificamente sobre leitura documentária.

Neste sentido, para Ericsson e Simon (1998, p. 179) na última década, desempenhos proficientes observados na vida cotidiana foram reproduzidos com sucesso em tarefas representativas e, portanto, capturadas em laboratório para uma vasta gama de domínios de especialização, como as habilidades diárias de digitação, memorização, e compreensão de texto (ERICSSON; LEHMANN, 1996 apud ERICSSON; SIMON, 1998).

Desta forma, considerando o nível de semelhança com a última atividade estudada por Ericsson e Lehmann, a compreensão de texto, entende-se que seja possível observar processos como os realizados em bibliotecas, como a catalogação de assunto a partir de estudos que considerem o que a pessoa analisada está pensando no momento de dada tarefa.

Filósofos desde Aristóteles argumentaram que o pensamento é essencialmente um processo sequencial, onde um pensamento leva a outro (ERICSSON; CRUTCHER, 1991 apud ERICSSON e SIMON, 1998). Desde então, as principais questões metodológicas têm se focado em determinar como obter informações sobre os estados de pensamento sem alterar a estrutura e a evolução das seqüências de pensamento que ocorrem naturalmente.

Nesta última citação de Ericsson e Simon (1998) observa-se algo bastante discutido em pesquisas na área, pois acredita-se que pelo fato da técnica do protocolo verbal exigir que o sujeito em análise esteja constantemente verbalizando seu pensamento, isso possa influenciar de maneira negativa a atividade praticada. Em outras palavras, o fato de ser constantemente lembrado pelo pesquisador de que é necessário verbalizar todos os seus pensamentos, pode ser considerado um fator negativo, mas considerado necessário em momentos de total silêncio do sujeito em análise.

Acredita-se que mesmo apesar da “pressão” de estar constantemente falando alto durante uma gravação, e se isso não ocorre, ser incitado a “pensar alto”, a atividade não será influenciada pelo fato de que os sujeitos escolhidos possuem experiência de pelo menos cinco anos nas atividades praticadas (catalogação de assunto) e dificilmente se calarão diante de alguma dificuldade.

Seguindo esta linha de pensamento, para Ericsson e Simon (1998, p. 181), a história está repleta de tentativas de obter informações sobre a estrutura de pensamento a partir da auto-observação de análises introspectivas realizadas por observadores peritos no assunto, e,

mais recentemente, a partir de explicações completas sobre métodos que especialistas afirmam ter usado ao resolver problemas de um determinado tipo.

Talvez a condição mais importante para uma expressão direta e bem sucedida do pensamento é quando os participantes estão autorizados a manter foco ininterrupto na realização da tarefa realizada. Assim, os participantes são explicitamente instruídos a se concentrar na tarefa, enquanto “pensam alto”⁴⁹ e apenas a verbalizar seus pensamentos ao invés de descrever ou explicar a ninguém (ERICSSON; SIMON, 1998, p. 181).

Assim, para Ericsson e Simon (1998), a técnica do “pensar alto” tem ganhado aceitação como um método central e indispensável para estudos que tem como objetivo conhecer e entender melhor como o pensamento humano ocorre.

Sobre estudos relacionados à cognição humana, Kato (1995, p. 42) relata que:

[...] estudos sobre compreensão e produção, tanto da linguagem oral quanto da escrita, são altamente especulativos, dada a natureza não-observável de seus processos. Os métodos usados são em geral dedutivos, embasados em modelos teóricos bastante abstratos. Muitas das conclusões das pesquisas de caráter mais empírico são, em geral, produtos de inferência do pesquisador, que se utiliza de meios indiretos para formular hipóteses sobre o que ocorre na mente inacessível do emissor e do receptor.

Para Sasaki (2003, p. 1), os protocolos verbais foram iniciados e estabelecidos no campo da psicologia cognitiva e têm sido amplamente utilizados como uma metodologia de investigação para obter informações sobre os processos cognitivos de pessoas.

Para Fujita (2009, p. 51), a técnica de Protocolo Verbal:

[...] tem sido empregada como instrumento de pesquisa na coleta de dados que fornecem informações sobre processos mentais utilizados pelos indivíduos na realização de uma tarefa. É freqüentemente usada em psicologia cognitiva e educação para observação e investigação dos processos mentais, especialmente em atividades de representação da informação e de uso de estratégias.

Ainda, na visão da autora, esta técnica “permite a observação do processo de leitura porque o leitor verbaliza o conhecimento processual que possui para o desenvolvimento da atividade” (FUJITA, 2009, p. 51).

⁴⁹ Conhecido como “thinking aloud”.

Assim, quando consideram-se os resultados dos protocolos verbais obtidos por meio do pensar alto, pode-se concluir que são fornecidas evidências detalhadas sobre as seqüências de pensamentos em uma ampla gama de tarefas, e as seqüências de pensamento verbalizado pelos participantes que realizam determinada tarefa são consistentes com as análises das tarefas, e os participantes, com o mesmo nível de habilidade, exibem características semelhantes de pensamento (ERICSSON; SIMON, 1998, p. 182).

Como dito anteriormente, a técnica de Protocolo Verbal foi escolhida para realizar a coleta de dados com os bibliotecários catalogadores por proporcionar a observação de suas estratégias metacognitivas durante a catalogação de assunto.

Estas estratégias de leitura devem ser estudadas e conhecidas, e o que se propõe nesta pesquisa é o estudo detalhado da exploração da estrutura textual de livros a partir dos relatos conscientes coletados nos PVIs.

b. Procedimentos para a coleta dos PVIs

Os procedimentos da coleta de dados com a técnica introspectiva de Protocolo Verbal são esquematizados em três momentos: anteriores, durante e posteriores à coleta de dados. São apresentados a seguir:

A) Procedimentos anteriores à coleta de dados:

- **Seleção do texto-base:** Deixou-se a critério do bibliotecário catalogador a escolha dos livros a serem analisados, lembrando que nenhum dos livros usados na coleta haviam sido tratados (catalogados) anteriormente pelo mesmo bibliotecário; foram selecionados livros específicos (no mínimo três) na área de cada biblioteca (Humanas, Exatas e Biológicas);
- **Seleção dos sujeitos:** Bibliotecários catalogadores responsáveis também pela catalogação de assunto (não só descritiva) de bibliotecas universitárias integrantes da rede CRUESP (USP, UNESP e UNICAMP) nas áreas de Humanas, Exatas e Biológicas;

- **Conversa informal com os sujeitos:** Foi solicitado aos catalogadores a realização da análise e catalogação de assunto de três ou mais livros em cada área, sempre “pensando alto”, revelando assim a exploração da estrutura textual dos documentos analisados;
- **Familiarização com a tarefa do “Think Aloud” (“Pensar Alto”) em sessões individuais:** Solicitou-se que cada catalogador realizasse a atividade como de costume, houve interação moderada por parte do pesquisador, somente quando necessário (quando o sujeito em análise ficava em silêncio).

B) Procedimentos durante a coleta de dados:

- **Gravação do “Pensar Alto” durante a leitura:** Foram gravadas as exteriorizações do pensamento dos catalogadores durante a tarefa de catalogação de assunto de livros. Além da gravação das falas dos sujeitos, foram feitas anotações pela pesquisadora com relação a expressões faciais e outros aspectos não capturados pela gravação, facilitando os procedimentos após a coleta de dados.

C) Procedimentos posteriores à coleta de dados:

- **Entrevista retrospectiva (opcional):** Foi realizada rápida entrevista retrospectiva com os sujeitos, onde se questionou quais partes da estrutura textual são mais usadas pelo mesmo durante o processo de análise de assunto além de outras perguntas consideradas pertinentes pela pesquisadora e/ ou que deixaram de ser comentadas pelo sujeito durante a coleta;
- **Transcrições literais das gravações:** As gravações das exteriorizações foram transcritas na íntegra utilizando algumas notações específicas para Protocolo Verbal adaptadas de Cavalcanti (1989) (Anexo A).

Assim, após as coletas dos PVIs e suas respectivas transcrições seguindo recomendações apresentadas nos procedimentos anteriores, durante e posteriores do PVI, citados por Fujita, Nardi e Fagundes (2003, p. 143), estabeleceram-se alguns modelos de categorias para análise dos dados coletados.

Brown (1980)⁵⁰ lista algumas estratégias de leitura que podem ser observadas no momento da leitura documentária (FUJITA, 2007):

- Explicitação dos objetivos da leitura;
- Identificação de aspectos importantes da mensagem;
- Alocamento de atenção a áreas importantes;
- Monitoração do comportamento para ver se está ocorrendo compreensão;
- Engajamento em revisão e auto-indagação para ver se o objetivo está sendo atingido;
- Tomada de ações corretivas quando são detectadas falhas na compreensão;
- Recobrimento de atenção quando a mente se distrai ou faz digressões.

A análise das falas dos bibliotecários foi realizada com base na categoria “Alocamento de atenção a áreas importantes” de Brown (1980), e apresentada no quadro 5 no capítulo de análise dos dados.

A seguir serão apresentadas as análises dos dados coletados, onde será realizado um exame detalhado de todas as falas de cada bibliotecário que façam menção à exploração da estrutura textual dos livros analisados.

⁵⁰ BROWN, N. Metacognitive development and reading. In: SPIRO et al. (orgs). **Theoretical issues in reading comprehension**. New Jersey : L. Erlbaum Associate Publisers, 1980.

6 Análise dos dados

A análise preliminar e detalhada das falas dos sujeitos foi realizada com base na categoria “Alocamento de atenção a áreas importantes” de Brown (1980). Foram observadas as principais partes consultadas por cada sujeito durante a análise do livro, e como cada uma dessas partes contribui para a catalogação de assunto.

A partir das análises detalhadas de cada um dos sujeitos, apresentadas a seguir e divididas por área do conhecimento (Humanas, Exatas e Biológicas respectivamente) foi elaborado um quadro apresentando uma síntese das partes consultadas na estrutura textual do livro em cada biblioteca (Quadro 5).

ÁREA: HUMANAS

Biblioteca escolhida para coleta do PVI: “Biblioteca Prof. Dr. Octávio Ianni” do IFCH – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP.

6 SUJEITO: A gente usa a página de rosto, a gente vem nessa ficha catalográfica que tem.

8 SUJEITO: [...] quando eu tenho muita dificuldade eu vou traduzindo entendeu? Eu traduzo aqui a parte de final do livro {mostra a contracapa do livro}, geralmente a gente usa também a conclusão. Da conclusão a gente tira muito assunto. [...]

18 SUJEITO: [...] tem que olhar aqui dentro mesmo, aqui ó, isso aqui é **historia da arte**, ó, esse título aqui, esse aqui não tem ficha catalográfica, então o que a gente faz, será que é **filosofia**? {olha o sumário} Isso aqui vai ser “**filosofia**” porque fala de **dialética, identidade**, então a gente vai tirando tudo que tem. Mas aí a gente olha no meio, lê o resumo, a apresentação, a apresentação geralmente não porque a gente lê o sumário. E quando tem conclusão, a orelha.... então esse livro aqui vai ser **dialética**, dentro de **filosofia**. Então a gente dá uma olhada {consulta os capítulos do livro}, [...] esse aqui, [Cogitações sobre o número] {leitura do título}. Do que será isso né? Aí a gente tem que procurar [...] se está falando de cogitações sobre o número, deve ser automaticamente algo sobre o **número**. [...] De repente isso aqui não é nem nada sobre o “número”. Vamos ver, é sobre... **Arte**. Vamos ver se eu acho alguma coisa sobre isso aí. [...] tem aqui atrás ó, é **arte** mesmo. Então não tem nada a ver com o número, então foi um trabalho com arte.

Na biblioteca do IFCH o sujeito consultou a folha de rosto, ficha catalográfica, contracapa do livro, conclusão, título, sumário, resumo, orelha e os capítulos do livro. Na fala 18, ao observar o título de um livro o sujeito pensa que o assunto principal será “número”, pois o título era “Cogitações sobre o número”. Ao consultar outras partes do livro, chega à conclusão de que não será “número” e sim “arte” o assunto principal.

Biblioteca escolhida para coleta do PVI: Biblioteca “Prof. Dr. José de Arruda Penteado” do Instituto de Artes da UNESP.

4 SUJEITO: [...] eu tinha visto que era sobre **estética na Idade Média**, pensando no título [Estética na Idade Média], ele me dá alguma indicação. Aí, eu tava olhando mesmo aqui o sumário, a catalogação na fonte, que ajuda, né? [...] Eu vou ver se tem mais alguma coisa interessante aqui no sumário {examina o sumário com cautela}... Agora eu vou acrescentar umas coisas que eu encontrei aqui no sumário e no título mesmo. [...] Às vezes eu também olho a orelha do livro, a contracapa, porque às vezes tem algum comentário, alguma coisa importante. [...]

8 SUJEITO: [...] Aí de novo tem o assunto já tem o assunto já “música – filosofia e estética”, pelo título [Filosofia e música] parece que tem a ver. Aí também tem a catalogação na fonte, o sumário [...], aí eu achei uma outra coisa no sumário que pode ser interessante pra gente que é/ fala de “**notação musical**”, que eu vou acrescentar também [...] Aí eu dou uma olhada aqui na contracapa que parece que tem uma propagandazinha aqui do livro, e que eu vou dar uma olhada pra ver se tem alguma coisa. [...]

10 SUJEITO: [...] “**música e tecnologia**”, eu olho assim, seu eu concordo né [capturing sound, how technology has changed music] {leitura do título} ah, eu acho que sim porque até no subtítulo ele fala sobre música e tecnologia [...] Aí eu vou dar uma olhada no sumário, pra ver se tem alguma coisa interessante/ aí, ele fala bastante mesmo de **indústria fonográfica** [...]

12 SUJEITO: No livro mesmo eu procura às vezes na apresentação, que fala alguma coisa, você acaba olhando.

14 SUJEITO: [...] com relação ao livro mesmo eu costumo usar mesmo basicamente a catalogação na fonte, e também no sumário na apresentação, o que que o autor tá dizendo né, basicamente é isso, se eu não encontro no Bibliodata, se não tá transparente assim de ver aquele assunto eu procuro pela apresentação mesmo, pela catalogação na fonte também. Uma vez eu peguei um livro que eu fiquei meio ((FR)) desesperada, era um livro em francês, que

falava/ o título era alguma coisa de **funambulismo**, aí eu fui descobrir o que era isso, aí eu descobri que tinha uma termo em espanhol que era funambulismo e em português também, aí eu pensei o que é isso/ aí era o título também, e era tudo muito metafórico no livro daí eu fiquei meio desesperada. [...]

Na biblioteca do IA, o sujeito consultou o título, sumário, catalogação na fonte, orelha, contracapa e apresentação do livro. No final da fala 14 o sujeito explica que em alguns livros, o título pode ser bem autoexplicativo, mas requer pesquisa externa ao seu conteúdo para ser eficaz (Funambulismo = a conhecida arte circense da “corda-bamba”). Neste caso o título foi de grande importância na determinação dos assuntos do livro.

ÁREA: EXATAS

Biblioteca escolhida para coleta do PVI: “Prof. Carlos Benjamin de Lyra” do IME –
Instituto de Matemática e Estatística da USP.

4 SUJEITO: [...] Então o assunto dele, as palavras chave {consultando o título do livro} é linguagem de programação c++ e computer graphic, que é computação gráfica. [...]

8 SUJEITO: Não [...] mais ou menos é sempre dar uma olhada no básico que a gente faz mesmo, mesmo que se fosse eu que fosse fazer, a minha separação quando não tem nenhuma informação pra dar, nenhum referencial, o que eu faço. Vejo o contents {sumário}, vou lendo pelo contents, que os livros são todos em inglês, francês, muito em alemão, aí, por exemplo, quando tem o problema da linguagem, porque tem até russo. [...] Então eu faço assim, vou pelo contents, daí pelo contents, aí os livros de computação são fogo, eles trazem todo, tá vendo? Já entra lá no, quando você pensa já entra no texto, e os textos são tudo quebradinho. Tudo quebradinho. Aí, uma coisa que eu gosto muito de olhar é o prefácio. Porque a parte de prefácio, ela sempre vai me dar informação do livro [...]

10 SUJEITO: [...] o abstract, lembra isso é importante porque ele sempre traz alguma informação sobre livros da área dele, de alguma coisa que tenha familiarizado ao livro. [...] E o contents. [...] Eu dou uma olhada pelo título, porque como é a parte de Exatas, a parte de Exatas é bem direcionada, pelo, focada no título. Pelo tipo de livro que a gente tem, é bem assim mesmo. Porque o título da parte na área de Exatas, o título é bem o referencial. Não é como na parte de Humanas que no título ele vai tá contando alguma história, né? Aqui o título é mais exato. Mas nem sempre também a gente vai pelo título. ((RI)) porque podem existir casos em que eles não, vamos dizer assim, não.....existem casos também que você não pode ir pelo título porque o texto do contents localiza outra informação. [...]

10 SUJEITO: [...] apesar da gente usar muito o título aqui, nem sempre dá pra confiar nele, a classificação é feita pelo conteúdo do livro, não pelo título. Mas na área de Exatas, o título é sempre bem significativo. [...] Eu pelo menos olho muito o título e vou dentro do contents, porque o contents vai me dar bastante informação. E às vezes o prefácio também. O prefácio, ele ajuda bastante. [...]

Na biblioteca do IME o sujeito consultou o título, o sumário, prefácio e o abstract (resumo da obra). De acordo com o sujeito, por ser uma biblioteca da área de Exatas, o assunto dos livros é bem representado em seus títulos, sendo necessária apenas uma conferência nas outras partes mais ricas em informação, que no caso destes livros, na opinião do sujeito, é o sumário e o prefácio.

Biblioteca escolhida para coleta do PVI: Biblioteca do IMECC - Instituto de Matemática, Estatística e Computação Científica da UNICAMP.

2 SUJEITO: [...] Pelo título, eu já vejo mais ou menos onde ele vai se encaixar. Por exemplo, se ta falando de “administração de gigabytes”, é de computação. Da área da computação, então eu já fico esperta pra esse assunto, se ele ta direcionado pra essa área. [...] Porque, geralmente a gente pega palavras que tem assim no título, mas mesmo assim é muito subjetivo porque às vezes a palavra tá constando no título, mas não trata exatamente daquele termo que você acha que poderia ser. [...] Então, como você pode ver, eu to usando o título do livro pra me basear no assunto, fora a área que eu já verifiquei, que é dentro de “computação” [...]

4 SUJEITO: [...] Agora a gente dá uma olhadinha no, dentro dele especificamente, no conteúdo assim {olha o sumário} (...) {folheia o sumário}.

8 SUJEITO: [...] Olha, “compressão de dados – computação”, então, a maioria dos termos que eu usei foi do título [...]

14 SUJEITO: [...] Porque sem você souber o que tá escrito no título não dá nem pra você começar a fazer nada. [...] Então eu acho que, ah, tem uma coisa também que traz a informação do assunto, é a ficha catalográfica, tem uns livros que tem a ficha catalográfica aqui atrás {refere-se ao verso da folha de rosto} [...] aí eu já deixo anotado aqui no papel o termo que vai ser, e o outro é o ((FR)) próprio título do livro quase, você percebeu? Então, aqui, o primeiro livro que eu fiz, eu tirei os dados do título, o assuntos, e um pouco do

conteúdo dele, na verdade o sumário. E desse livro aqui eu tirei da própria ficha catalográfica que tava atrás dele da Lybrary, na pagina de rosto. [...] Então esse daqui já tá definido e eu me baseei pela ficha catalográfica que tá no verso da folha de rosto, e também no título, porque sem eu ver a ficha eu já tinha definido. [...] Prefácio, no prefácio também é bom a gente dar uma lida, uma pesquisada pra saber. [...] Ó, aqui na introdução, na introdução tá mais bacana, porque aqui ta falando assim [...] {faz leitura do início da introdução traduzindo} aqui não me disse nada ainda (~~~) [mistério da hermética], ó, tá dentro de matemática, não to vendo nada de engenharia. [...]

Na biblioteca do IMECC o sujeito consultou o título, o sumário, a ficha catalográfica, o prefácio e a introdução. O sujeito usou o título dos livros para basear sua ideia de assunto principal do livro. Por não acreditar que o título seja confiável em todas as situações, o sujeito também retira informações do sumário e da ficha catalográfica.

ÁREA: BIOLÓGICAS

Biblioteca escolhida para coleta do PVI: “Biblioteca – Honório Monteiro” da

Faculdade de Odontologia da UNESP.

4 SUJEITO: [...] a gente analisa o título né, e o folha de rosto, ficha catalográfica, e introdução e sumário né? E às vezes quando tem a orelha né? A gente avalia, ou a contracapa também né, dependendo se tem alguma informação né, a gente dá uma avaliada do conteúdo né. Vou extrair os assuntos pra colocar no registro, como normalmente. Esse livro aqui por exemplo [Ortodontia] {leitura do título} com o Moyers {autor do livro} aqui, é assim a gente lá, lá a gente/ o dia-a-dia, já é conhecido, é uma obra bem conhecida [...] então, a indexação acaba sendo mais genérica, inclusive dessa livro aqui [...] a gente faz até uma avaliação do prefácio né, do que a obra se trata né. E deixa eu ver aqui, vamos fazer a leitura do prefácio [...] Nesse caso aqui, além da Ortodontia vai lendo aqui o prefácio e algumas partes do sumário né, que né a obra né traz sobre o “diagnóstico de tratamento” né e ultrassom na Ortodontia [...] Agora com relação a esta outra obra né, os mesmos passos né, a gente vai abrir, vai ver a folha de rosto né, como nessa outra também não tem/ o título é [Ortodontia preventiva básica] {leitura do título} do [Alael de Paiva Lima] {leitura do autor do livro} a gente vê a folha de rosto né, daí dá uma olhada no/ faz uma leitura do prefácio né... Como também na contracapa pra ver se tem alguma coisa, e na/ no prefácio tem um prólogo aqui, que eu vou dar uma lida pra ver do que se trata né, em termos de assunto... {leitura breve do prólogo} vou ver o sumário também {consulta breve do sumário} [...] Agora a próxima obra né, [Ortopedia funcional e mecânica dos maxilares] {leitura do título}. [...] Então aquela mesma leitura né, capa, folha de rosto, se tem ficha catalográfica, que no caso também no tem né. É uma, tem até uma pequena biografia do autor que dá uma idéia da especialidade do autor né, que também dá uma ajuda inclusive né. Aí dá uma lida no prefácio né, ver do que se trata a obra né, tem a introdução e o sumário né [...]

ENTREVISTA RETROSPECTIVA:

10 SUJEITO: [...] a gente, como até eu fiz aqui, vi a biografia, porque o pessoal defende tem uma, uma pequena biografia do autor, e nesse caso desse livro aqui, tem né, e isso dá uma, indica uma especialidade né. Então quer dizer já indica que a pessoa vai procurar o termo inclusive, dentro da especialidade do autor inclusive. [...] Então, quer dizer, têm, eles sabem que a gente/ existe uma área em que ele sempre atua né. Até inclusive pra classificar a obra, é isso ajuda que inclusive também facilita essa parte de termos né, que serão procurados. Né? Além do sumário, da introdução, do prefácio próprio título, folha de rosto né, ou contracapa né? Então isso colabora né?

Na biblioteca da Faculdade de Odontologia da UNESP o sujeito consultou o título, folha de rosto, ficha catalográfica, introdução, sumário, orelha, contracapa, prefácio e prólogo. O sujeito explica a importância do reconhecimento do autor no momento da análise de assunto de um livro, pois um autor pode escrever sobre determinado assunto especificamente, e sabendo disso, o bibliotecário saberia qual o assunto principal de um livro só por conhecer seu autor.

Biblioteca escolhida para coleta do PVI: Biblioteca do Instituto de Biociências da USP.

2 SUJEITO: [...] Então o primeiro passo, principalmente você vai nas partes principais do livro, folha de rosto, eu sempre olho a folha de rosto, gosto de olhar aqui a última capa, porque a gente tem uma boa idéia de crítica né, e muito do assunto também. Aí olho/ a nossa maioria dos livros são tudo livros importados. [...] Aí você faz uma leitura técnica né, que você vai ter, tem que ter pelo menos um inglês técnico né? Inclusive, aqui pelo menos a gente sempre tem curso de inglês né, eu acho que nos textos ajuda pra caramba assim. Até inglês instrumental serve, até o básico mesmo, na formação de ortografia mesmo né, pra você ler frase, sabe? [...] nós aqui somos Biociências, é biologia pura, então a gente trabalha com as partes de zoologia, botânica, fisiologia, genética, biologia evolutiva e genética, são cinco departamentos, e ecologia também. [...] Então, só de olhar pelo título você já sabe né mais ou menos qual desses cinco assuntos você vai encaixar. Aí nesse aqui eu vou começar pela página de rosto, pra leitura técnica que eu faço eu gosto de ler todo o conteúdo {refere-se ao contents do livro}, leio o conteúdo, leio o prefácio, porque por mais que/ por exemplo, o título seja bem explícito, né? [...] aqui, a gente gosta de classificar assim o mais específico possível. Só com o título você não consegue ter essa especificidade, esse aqui é sobre “proteínas”, “evolução”, tá vendo? Porque geralmente você vai ter o assunto e você vai ter o qualificador especificando aquele assunto, certo? Então o conteúdo, você lê os contents, o prefácio, lê

muitas vezes a introdução, é muito importante. Porque sempre que eu vou fazer eu leio tudo. Entendeu?

8 SUJEITO: Eu usei a folha de rosto, os contents, aqui também, eu uso bastante essa fichinha, a fichinha catalográfica na fonte, me baseio muito por ela também. [...] Bom, esse daqui tem um contents bem/ tá bem rico. Tá? [...] esse nem precisava ir mais longe. Entendeu? Esse aqui também nem tem aqui atrás né {refere-se a contra capa}. Esse tá bem especificado aqui. Ó, **sementes da civilização**, de **sociedades Humanas**. Esse aqui tá facinho, ((RI)) sobre flores. [Understanding flowers and flowering] {leitura do título}... Tô procurando a ficha agora, mas esse livro aqui não tem. Ele não tem essa ficha na fonte. Não tem a ficha, tem o contents, mas eu iria pelo prefácio. Esse eu iria pelo prefácio, porque tá bem explicativo. Porque alguns prefácios falam em uma linguagem bem mais simples, esse eu iria pelo prefácio.

10 SUJEITO: [...] Geralmente eu vou pela ordem mesmo ó, eu vou seguindo né? Às vezes tenho mania de chegar, pegar o livro e virar, olhar aqui direto, primeiro a última página {refere-se a contra capa}, que também tem um resuminho. [...] quando eu to indexando mesmo, eu dou uma olhada, aí se eu não fico contente ((RI)), daí venho seguindo assim ó, vejo se tem a ficha, de catalogação na fonte, aí vejo o que nas próximas páginas, que geralmente é o prefácio, ou como no caso desse daqui o contents. Entendeu? De curiosidade mesmo assim eu venho aqui no contents, muitas vezes de curiosidade mesmo eu tento ver onde tá o prefácio entendeu? Ó, mas dependendo do assunto, que é bem objetivo, você nem precisa ir até o prefácio entendeu? Pelo contents você já tem uma idéia já, no seu dia-a-dia.

Na biblioteca do IB o sujeito consultou a folha de rosto, contracapa, título, sumário, prefácio, introdução, ficha catalográfica e contracapa. O sujeito explica que a primeira parte da estrutura que observa é o título, pois é a partir dele que definirá o assunto principal do livro dentro das subáreas da Biologia. Explica que consulta as partes citadas em ordem como rotina e não como conferência dos assuntos retirados do título.

ÁREA: HUMANAS

Nas bibliotecas do IFCH e do IA a dificuldade para encontrar o assunto na estrutura textual pode ser grande independente do livro ou outro tipo de documento como partituras ou catálogos de arte. Os bibliotecários encarregados da análise de assunto possuem um esquema de busca que proporciona melhores resultados com relação à complexa estrutura dos documentos da área de Humanas, mesmo que suas estratégias envolvam a leitura de quase ou todas as partes da estrutura textual do livro. O título pode ser uma parte importante a ser

observada para a análise de assunto, mas como foi visto nas duas bibliotecas, quando os livros são da área de Humanas, é importante considerar outras fontes em conjunto com o título dos livros.

ÁREA: EXATAS

Nas bibliotecas do IME e do IMECC, os sujeitos fizeram bastante uso das informações contidas no título e no sumário dos livros. Os livros da área de Exatas, diferente dos livros da área de Humanas, apresentam uma estrutura mais uniforme de maneira geral, com um título bem representativo e um sumário que lista de forma completa todos os conteúdos apresentados nos capítulos do livro. Esses fatores auxiliam o bibliotecário no momento da análise de assunto, mesmo quando os livros estão em outra língua.

ÁREA: BIOLÓGICAS

Nas bibliotecas da área de Biológicas da Faculdade de Odontologia da UNESP e do IB, a rotina de leitura para a análise de assunto é semelhante à das bibliotecas da área de Exatas. Os sujeitos da área de Biológicas observaram partes em comum aos sujeitos da área de Exatas, e deram mais atenção ao título também, porém consultaram mais partes para conferir os assuntos retirados do título dos livros.

A partir da análise das falas dos sujeitos, foi possível observar as partes da estrutura textual mais usadas para a análise de assunto dos livros em cada área. Os resultados desta análise detalhada da estrutura textual dos livros são apresentados no quadro 5.

A análise detalhada que resultou no quadro 5 proporcionou a observação da relevância do uso de cada parte do documento para o processo de análise de assunto em bibliotecas universitárias, evidenciando a necessidade de sua inclusão como parte sugerida para consulta no “Modelo de ensino de leitura documentária para análise de assunto de livros científicos” apresentado no capítulo seguinte.

5 Resultados

Os Protocolos Verbais Individuais foram coletados durante a catalogação de assunto de livros específicos nas áreas das bibliotecas universitárias. As bibliotecas selecionadas são de universidades públicas do estado de São Paulo nas três áreas do conhecimento integrantes da rede CRUESP: a “Biblioteca Prof. Dr. Octávio Ianni” do IFCH – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP e Biblioteca “Prof. Dr. José de Arruda Penteado” do Instituto de Artes da UNESP, na área de Humanas, a biblioteca “Prof. Carlos Benjamin de Lyra” do IME – Instituto de matemática e estatística da USP e a Biblioteca do IMECC - Instituto de Matemática, Estatística e Computação Científica da UNICAMP, na área de Exatas, a “Biblioteca – Honório Monteiro” da Faculdade de Odontologia da UNESP – Universidade Estadual Paulista Campus de Araçatuba e a Biblioteca do Instituto de Biociências da USP, na área de Biológicas.

A partir da análise detalhada das falas foi elaborado o quadro 6, que apresenta uma comparação entre as partes da estrutura textual de livros sugeridas na literatura (Quadro 3) e as partes equivalentes consultadas pelos catalogadores das bibliotecas analisadas (Quadro 5):

Quadro 5 – Partes consultadas na estrutura textual do livro durante a análise de assunto:

PARTES CONSULTADAS NA ESTRUTURA TEXTUAL DO LIVRO DURANTE A ANÁLISE DE ASSUNTO					
UNICAMP – IFCH	UNICAMP – IMECC	UNESP – IA	UNESP – BO	USP – IME	USP – IB
Título; Folha de rosto; Ficha catalográfica; Contracapa; Conclusão; Resumo; Apresentação; Orelha; Capítulos do livro (desenvolvimento).	Título; Subtítulo; Autor (campo de pesquisa do autor); Sumário; Prefácio; Introdução.	Título; Subtítulo; Sumário; Catalogação na fonte; Orelha do livro; Contracapa; Folha de rosto; Introdução; Apresentação .	Título; Folha de rosto; Ficha catalográfica; Introdução; Sumário; Orelha do livro; Contracapa; Prefácio; Capa; Biografia do autor;	Título; Sumário; Prefácio; Resumo/ Abstract;	Título; Folha de rosto; Catalogação na fonte; Sumário; Prefácio; Introdução; Contracapa;

Quadro 5 – Partes consultadas na estrutura textual do livro durante a análise de assunto.

Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 6 - Comparação das sugestões de estrutura textual por autores e das partes consultadas durante a análise de assunto pelas bibliotecas pesquisadas:

Partes do livro: NBR 12676	Autores da Ciência da Informação				Autores de outras áreas	Bibliotecas pesquisadas
	Foskett (1973)	Langridge (1977)	Lancaster (2004)	Taylor (2004)	Kato (1995)	
Título e subtítulo	---	Título	Título	Título e subtítulo	---	Todas.
Resumo se houver	Resumo	---	Resumo	Resumo	Resumo	UNICAMP – IFCH; USP – IME.
Sumário e equivalentes	Sumário	Listas de conteúdo	---	Tabela de conteúdos/ sumário	---	UNICAMP – IMECC; UNESP – IA; UNESP – BO; USP – IME; USP – IB.
Introdução	Prefácio e/ou introdução	Introduções	---	---	---	Todas.
Palavras em destaque	---	Cabeçalhos dos capítulos	Títulos das seções	---	Capítulos/ Seções	UNICAMP – IFCH.
Ilustrações, tabelas e diagramas	---	---	Legendas das ilustrações e/ou tabelas	Ilustrações, diagramas, tabelas e legendas	---	Nenhuma.
Partes diversas (incluindo referências bibliográficas)	Comentário do editor na orelha da obra (Elemento opcional pela NBR 6029)	---	Sinopse e conclusões	Palavras, ou frases impressas em fontes diferentes do resto do texto; hyperlinks	---	UNICAMP – IFCH; UNESP – IA; UNESP – BO.

Quadro 6 – Comparação das sugestões de estrutura textual por autores e das partes consultadas durante a análise de assunto pelas bibliotecas pesquisadas.

Fonte: Elaborado pela autora.

A partir do quadro 6 foi possível observar que o **Título** e a **Introdução e/ ou Prefácio** foram as partes consultadas por todos os catalogadores. O **Título** que embora não seja recomendado para a catalogação de assunto por vários motivos (capítulo 4), provou ser bastante útil em todas as áreas do conhecimento (inclusive na área de Humanas) quando usado em conjunto com outras partes como a **Introdução e/ ou Prefácio** e **Sumário e equivalentes**. Ambas as partes da estrutura foram sugeridas para o modelo.

O **Sumário e equivalentes** foram a terceira parte da estrutura textual mais consultada, não sendo observada apenas pelo catalogador do IFCH da UNICAMP. Isso mostra que o **Sumário e equivalentes** é uma parte da estrutura que deve ser considerada importante na catalogação de assunto em bibliotecas universitárias.

O **Resumo** foi consultado apenas pelo catalogador do IFCH da UNICAMP (Humanas) e pelo catalogador do IME da USP (Exatas). Considerando o fato de que nem todos os livros apresentam um resumo em sua estrutura textual, esta foi uma parte não selecionada para compor o modelo.

Os **Títulos dos capítulos e/ou capítulos** e as **Conclusões** foram partes consultadas apenas pelo catalogador do IFCH da UNICAMP. Acredita-se que este catalogador especificamente tenha consultado partes diferentes de todos os outros sujeitos devido ao fato dos livros estarem em outras línguas que não o inglês, espanhol ou português, dificultando sua análise de assunto. Também, a maioria dos livros catalogados pelo sujeito eram antigos e com uma estrutura completamente diferente dos livros atuais (muitos não apresentavam folha de rosto e dados sobre a publicação em sua estrutura).

As partes diversas consultadas pelos catalogadores do IFCH da UNICAMP, do IA da UNESP e da BO da UNESP são o **Comentário do editor na orelha da obra (Elemento opcional pela NBR 6029)** e as **Palavras, ou frases impressas em fontes diferentes do resto do texto; hyperlinks**. Estas são partes que embora tenham sido pouco consultadas pelos catalogadores, são de rápida absorção e geralmente são informações curtas e significativas, principalmente para a área de Humanas (dois dos três catalogadores que consultaram as partes), portanto foram incluídas no Modelo.

As **Ilustrações, gráficos e diagramas** são partes que não foram consultadas por nenhum dos catalogadores (inclusive os catalogadores que trabalham com catálogos de arte e livros de ilustradores), e portanto não foram sugeridas no Modelo proposto a seguir.

Quadro 7 - Modelo de ensino de leitura documentária para análise de assunto de livros científicos:

CONCEITOS	QUESTIONAMENTO PARA IDENTIFICAÇÃO DE CONCEITOS	PARTES DA ESTRUTURA DO LIVRO
OBJETO e PARTE(S) DO OBJETO (algo ou alguém que está sob estudo do autor)	O documento possui em seu contexto um objeto sob efeito desta ação?	TÍTULO, SUBTÍTULO, SUMÁRIO E INTRODUÇÃO (nesta ordem)
AÇÃO (processo sofrido por algo ou alguém)	O assunto contém uma ação (podendo significar uma operação, um processo etc.)?	TÍTULO, SUBTÍTULO, SUMÁRIO E INTRODUÇÃO (nesta ordem)
AGENTE (aquele ou algo que realizou a ação)	O documento possui um agente que praticou esta ação?	TÍTULO, SUBTÍTULO, SUMÁRIO E INTRODUÇÃO (nesta ordem)
MÉTODO (métodos utilizados para realização da pesquisa)	Para estudo do objeto ou implementação da ação, o documento cita e/ou descreve modos específicos, por exemplo: instrumentos especiais, técnicas, métodos, materiais e equipamentos?	SUMÁRIO INTRODUÇÃO OU METODOLOGIA
TEMPO (ano, período ou época)	O estudo foi desenvolvido em período específico? É relevante representá-los na Catalogação de Assunto?	SUMÁRIO INTRODUÇÃO OU METODOLOGIA
LOCAL OU AMBIÊNCIA (local físico onde foi realizada a pesquisa)	Todos estes fatores são considerados no contexto de um lugar específico ou ambiente?	SUMÁRIO INTRODUÇÃO OU METODOLOGIA
PONTO DE VISTA DO AUTOR [perspectiva, opinião]	O assunto foi considerado de um ponto de vista, normalmente não associado com o campo de estudo (por exemplo, um estudo sociológico ou religioso)?	INTRODUÇÃO E PREFÁCIO
CAUSA E EFEITO Causa (ação+objeto)/Efeito	Considerando que a ação e o objeto identificam uma causa, qual é o efeito desta causa?	CONCLUSÕES OU PARTE FINAL

Quadro 7 – Modelo de ensino de leitura documentária para análise de assunto de livros científicos.

Fonte: Elaborado pela autora com base em Fujita (2010).

De acordo com as instruções de como utilizar o “Modelo de leitura documentária para indexação na catalogação de assuntos de livros em bibliotecas” (Anexo C) os três conceitos **objeto**, **ação** e **agente** (os três primeiros no quadro 7) são principais, estão interligados e são dependentes um do outro e devem ser identificados na estrutura textual em ordem.

Portanto, foi nos três conceitos principais que considerou-se importante fazer sugestões. As partes acrescentadas estão em realce cinza nas linhas correspondentes aos conceitos: objeto, ação e agente.

O **Sumário e equivalentes** foi uma das partes selecionadas na análise dos dados para compor o modelo, mas esta é uma parte da estrutura textual que já faz parte do Modelo de leitura documentária para indexação na catalogação de assuntos de livros em bibliotecas, então, não foi acrescentada.

Outra parte importante observada pelos sujeitos foi a **Introdução e/ ou Prefácio** que também foi selecionada para compor o Modelo de ensino de leitura documentária para análise de assunto de livros científicos, mas assim como o Sumário e equivalentes não foi acrescentada, pois já fazia parte do modelo que serviu de base.

O **Título** foi praticamente a única parte escolhida para compor o modelo, pois foi consultado por todos os sujeitos e mostrou-se bastante útil, mesmo para os catalogadores da área de Humanas. Na análise dos dados, as falas dos sujeitos mostram sua postura quanto ao uso do título para a análise de assunto. Retomando algumas das falas analisadas:

- No IFCH o sujeito ao observar o título de um livro pensa que o assunto principal será “número”, pois o título era “Cogitações sobre o número”. Ao consultar outras partes do livro, chega à conclusão de que não será “número” e sim “arte” o assunto principal;
- Na biblioteca do IA, o sujeito ao consultar o título explica que em alguns livros, o título pode ser bem autoexplicativo, mas requer pesquisa externa ao seu conteúdo para ser eficaz (Funambulismo = a conhecida arte circense da “corda-bamba”). Neste caso o título foi de grande importância na determinação dos assuntos do livro;
- Na biblioteca do IMECC o sujeito consultou o título e por não acreditar que o título seja confiável em todas as situações, também retira informações do sumário e da ficha catalográfica;
- Na biblioteca do IB o sujeito explica que a primeira parte da estrutura que observa é o título, pois é a partir dele que definirá o assunto principal do livro dentro das subáreas da Biologia. Explica que consulta as partes citadas em ordem como rotina e não como conferência dos assuntos retirados do título.

Portanto, a única parte consultada por todos os sujeitos durante a análise de assunto que pôde ser acrescentada ao Modelo de Fujita (2010) foi o **Título e subtítulo** dos livros, pois todas as outras partes consultadas já faziam parte do mesmo.

Mesmo que a análise dos dados resultou na sugestão de apenas uma parte da estrutura textual nova para o Modelo, considera-se importante todo o trabalho de pesquisa envolvido. As partes da estrutura analisadas provam que o Modelo de leitura documentária para indexação na catalogação de assuntos de livros em bibliotecas de Fujita (2010) é muito eficaz e condiz com a catalogação de assunto na realidade das bibliotecas universitárias nas três áreas do conhecimento.

7 Considerações finais

A partir de pesquisa bibliográfica sobre a catalogação de assunto em bibliotecas universitárias, e como a leitura documentária do catalogador ocorre durante a análise de assunto, foram estruturados os capítulos de fundamentação teórica dois e três, atingindo o objetivo geral de contribuir para estudos dentro da área de tratamento temático da informação.

A investigação teórica sobre a estrutura textual de documentos, especificamente de livros apresentada no capítulo quatro apresentou conceitos necessários à elaboração do “Modelo de ensino de leitura documentária para análise de assunto de livros científicos” proposto inicialmente.

A elaboração do Modelo proposto foi realizada com base na estrutura do modelo de Fujita e Rubi (2006), Fujita (2010) e na análise aprofundada das falas dos catalogadores sobre o uso das partes da estrutura textual de livros na síntese apresentada no quadro 5 no capítulo de análise dos dados, e no quadro 6 apresentado nos resultados, levando em consideração também o que autores da área sugerem para leitura em análise de assunto (Quadro 2).

O Modelo de ensino de leitura documentária para análise de assunto de livros científicos (Quadro 7) foi cuidadosamente elaborado pensando nas partes da estrutura textual já sugeridas para a catalogação de assunto no Modelo base. Isso resultou na sugestão de apenas uma parte para o Modelo, incluídas nos três conceitos principais (Objeto, ação e agente), o título dos livros.

Pode parecer contraditório sugerir o título como parte para consulta na catalogação de assunto em bibliotecas universitárias, principalmente considerando tudo que foi discutido anteriormente sobre estrutura textual de livros no capítulo 4. Porém, embora o título possa ser vago e insignificante em alguns livros, em outros, pode retratar de forma simples e direta a tematicidade ou *aboutness* de um documento. É importante lembrar que o título não deve ser consultado sozinho para a catalogação de assunto, deve ser consultado primeiro, seguindo para o sumário e depois introdução de acordo com o Modelo, pois seu papel é guiar o catalogador, dar uma ideia inicial do que esperar ao consultar as outras partes da estrutura do livro.

Recomenda-se que o Modelo de ensino de leitura documentária para análise de assunto de livros científicos seja usado em cursos de graduação. Ao preparar discentes de cursos de biblioteconomia para uma análise de assunto feita com base na estrutura de documentos, ocorrerá uma conscientização de que este é um processo importante na

recuperação pelo usuário (independente dos seus produtos finais, catálogos ou índices), preparando-os desde cedo para uma das práticas profissionais mais importantes da área.

É imperativo que discentes de cursos de biblioteconomia entendam que o tipo de biblioteca (pública, escolar, especializada ou universitária) e seus respectivos usuários definem como será feito o tratamento temático dos documentos, e por este motivo não se deve em hipótese alguma copiar registros importados de outras bibliotecas junto com a catalogação descritiva, pois isso empobrece a representação do documento e impossibilita a recuperação pelo usuário.

Referências

ALBRECHTSEN, Hanne. Subject analysis and indexing: from automated indexing to domain analysis. **The Indexer**, London, v.18, n.4, p. 219-224, oct. 1993.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS - ABNT. **NBR 12676. Métodos para análise de documentos**: determinação de seus assuntos e seleção de termos de indexação. Rio de Janeiro, 1992.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS - ABNT. **NBR 6029. Informação e documentação**: livros e folhetos: apresentação. Rio de Janeiro, 2006.

CINTRA, Ana Maria Marques. Elementos de lingüística para estudos de indexação. **Ciência da Informação**, v.12, n.1, p.5-22, 1983.

CHAN, Lois Mai. **Cataloging and Classification**: An Introduction. 2nd ed. New York: McGraw-Hill, 1994.

CHAUMIER, Jacques. (1988). Indexação: conceito, etapas, instrumentos. Trad.

CHU, Clara M., O'BRIEN, Ann. Subject analysis: the critical first estage in indexing. **Journal of Information Science**, Amsterdan, v. 1, n. 19, p. 439-454, 1993.

DIAS, Eduardo Wense, NAVES Madalena Martins Lopes, MOURA, Maria Aparecida. O usuário-pesquisador e a análise de assunto. **Perspect. cienc. inf.**, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 205 - 221, jul./dez. 2001.

DIAS, E. W. Análise de assunto: percepção do usuário quanto ao conteúdo de documentos. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 9, n. 2, p.146-157, jul./dez. 2004.

DIAS, Eduardo Wense, NEVES, Dulce Amélia de Brito, PINHEIRO, Ângela Maria Vieira. Uso de estratégias metacognitivas na leitura do indexador. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 3, p. 141-152, set./dez. 2006.

DIAS, Eduardo Wense, NAVES, Madalena Martins Lopes. **Análise de assunto**: teoria e prática. Brasília, Thesaurus, 2007

ELLIS, Andrew W. (1995). **Leitura, escrita e dislexia**: uma análise cognitiva. 2 ed. Tradução de Dayse Batista. Porto Alegre: Artes Médicas.

ERICSSON, K. Anders; SIMON, Herbert A. How to Study Thinking in Everyday Life: Contrasting Think-Aloud Protocols With Descriptions and Explanations of Thinking. **Mind, Culture, And Activity**, Califórnia, v. 3, n. 5, p.178-186, 1998.

FAGUNDES, Silvana Aparecida. **Leitura em análise documentária de artigos de jornais**. 2001. 322 f. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Ciência da Informação, Unesp, Marília, 2001.

FOSKETT, Antony Charles. **A abordagem temática da informação**. Trad. Antônio Agenor Briquet de Lemos. São Paulo: Polígono; Brasília: Ed.UnB, 1973.

FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. A leitura do indexador: estudo de observação. **Perspectivas em ciência da informação**, Belo Horizonte, v. 4, n. 1, p. 101- 116, jan./jun. 1999.

FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. A identificação de conceitos no processo de análise de assunto para indexação. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 1, n. 1, jul. 2003. Disponível em: <http://bibli.fae.unicamp.br/revbib/index.html>

FUJITA, Mariângela Spotti Lopes, NARDI, Maria Isabel Asperti, FAGUNDES, Silvana Aparecida. A observação da leitura documentária por meio de protocolo verbal. In: RODRIGUES, G. M., LOPES, I. L. (Org.) **Organização e representação do conhecimento na perspectiva da ciência da Informação**. Brasília: Thesaurus, 2003. p. 141-178. (Estudos Avançados em Ciência da Informação, v.2)

FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. A leitura documentária na perspectiva de suas variáveis: leitor-texto-contexto. **Datagramazero** Revista de Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v. 5, n. 4, 2004.

FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. Aspectos evolutivos das bibliotecas universitárias em ambiente digital na perspectiva da rede de bibliotecas da UNESP. **Informação & sociedade**, João Pessoa, v. 15, n. 2, p. 1-10, 2005.

FUJITA, Mariângela Spotti Lopes, RUBI, Milena Polsinelli. Um modelo de leitura documentária para a indexação de artigos científicos: princípios de elaboração e uso para a formação de indexadores. **Datagramazero**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, p.1-18, 2006.

FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. **A abordagem cognitiva da leitura como prática pedagógica no ensino da disciplina leitura documentária no curso de Biblioteconomia da UNESP - Campus de Marília**: uso do protocolo verbal para metacognição do indexador aprendiz. In: SANTOS, Jussara Pereira Santos (Org.). **A leitura com prática pedagógica na formação do profissional da informação**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2007. p. 101-132.

FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. **O contexto da leitura documentária de indexadores de bibliotecas universitárias em perspectiva sociocognitiva para a investigação de estratégias de ensino**. 2007. 36 f. Descrição detalhada (Projeto Integrado de Pesquisa) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista; CNPq, Marília.

FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. (Org.). **A indexação de livros**: a percepção de catalogadores e usuários de bibliotecas universitárias. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. v. 1. 104 p.

FUJITA, M. S. L. **O contexto da leitura documentária de indexadores de bibliotecas universitárias em perspectiva sócio-cognitiva para a investigação de estratégias de ensino**. Marília: Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP, 2010. 115fls. (Relatório Final de Pesquisa, Bolsa CNPq de Produtividade em Pesquisa – Nível 2)

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. **A Biblioteca pública:** administração, organização, serviços. Rio de Janeiro: O Departamento, 1995. 121 p.

GUIMARÃES, José Augusto Chaves. A dimensão teórica to tratamento temático da informação e suas interlocuções com o universo científico da International Society for Knowledge Organization (ISKO). **Revista Ibero-americana de Ciência da Informação (RICI)**, Brasília, v. 1, n. 1, p. 77-99, 2008.

GUIMARAES, José Augusto Chaves. Abordagens teóricas em tratamento temático da informação: catalogação de assunto, indexação e análise documental. In: GARCÍA MARCO, Francisco Javier. (Org.). **Avances y perspectivas en sistemas de información y de documentación**. Zaragoza: Prensas Universitarias de Zaragoza, 2009, p. 105-117.

GUINCHAT, C.; MENOU, M. **Introdução geral às ciências e técnicas da informação e documentação**. 2. ed. rev. aum. Brasília: MCT/CNPq/IBICT, 1994.

GUIZZARD, Giancarlo. **Análise de domínio e ontologias**. Vitória, 200. 136 f. Dissertação (Mestrado em Informática) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2000. Disponível em: <<http://www.home.cs.utwente.nl/~guizzard/MSc/>>. Acesso em: 23 de setembro de 2007.

HJØRLAND, Birger. Domain analysis in information science: eleven approaches-traditional as well as innovative. **Journal of Documentation**, v. 58, p. 422-462, 2002.

HUTCHINS, W. John. On the problem of 'Aboutness' in document analysis. **Journal Of Informatics**, Norwich, v. 1, n. 1, p.17-35, abr. 1977.

INGWERSEN, Peter. **Information retrieval interaction**. London: Taylor Graham, 1992. 246p.

KATO, Mary A.. **No mundo da escrita:** uma perspectiva psicolinguística. 5ª São Paulo: Ática, 1995. (Fundamentos).

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor:** aspectos cognitivos da leitura. Campinas: Pontes, 1989.

KOCH, Ingedore Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. 2ª São Paulo: Contexto, 1998.

LANCASTER, F.W. **Indexação e resumos:** teoria e prática. 2.ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

LANGRIDGE, Derek Wilton. **Classificação:** abordagem para estudantes de biblioteconomia. Rio de Janeiro: Interciência, 1977. 126 p. Tradução de Rosali P. Fernandes.

MAI, Jens-Erik. Deconstructing the Indexing Process. **Advances in Librarianship**. v. 23, p. 269-298. 2000.

MAI, Jens-Erik. Analysis in indexing: document and domain centered approaches. **Information Processing And Management: An International Journal**, Nova York, v. 41, p.599-611, fev. 2004a.

MAI, Jens-Erik. The role of domains, documents, and decisions in indexing. **Advances in Knowledge Organization**, Washington, v. 9, p.207-213, 2004b.

MARTINHO, Noemi Oliveira. ; FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. La catalogación de materias: apuntes históricos sobre su normalización. **Scire** (Zaragoza), v. 16, p. 61-70, 2010.

MEY, Eliane Serrão Alvez, **Introdução à catalogação**. Brasília: Briquet de Lemos, 1995.

MORAES, João Batista Ernesto De. **A questão do Aboutness no texto narrativo de ficção: Perspectivas metodológicas para a Ciência da Informação**. 2011. 92 f. Tese (Livre-docência em Linguística e Documentação) - Departamento de Ciência da Informação, Unesp, Marília, 2011.

NAVES, Madalena Martins Lopes. Análise de assunto: concepções. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 20, n. 2, p. 215-226, jul./dez. 1996.

NAVES, Madalena Martins Lopes. Estudo de fatores interferentes no processo de análise de assunto. **Perspect. Ciênc. Inf.**, Belo Horizonte, v.5, n.2, p.189-203, jul./dez. 2001.

NEVES, Dulce Amélia de Brito. **Aspectos metacognitivos na leitura do indexador**. 2004. 131 f. Tese (Doutorado em ciência da informação)– Escola de ciência da informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

NEVES, Dulce Amélia de Brito. Leitura e Metacognição: uma experiência em sala de aula. **R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.**, Florianópolis, n. 24, p. 1-9, 2º sem.2007.

ORERA ORERA, Luisa (ed.) **Manual de Biblioteconomía**. Madrid: Síntesis, 2002, p. 509

PINTO, María; GÁLVEZ, Carmen. **Análisis documental de contenido**. Madrid: Síntesis, 1999.

REIS, Daniela Majorie dos. **Estudo do contexto de bibliotecas universitárias pela abordagem da cognição profissional de catalogadores e referente à estrutura do documento livro**. 2009. 116f. Trabalho de Conclusão de Curso de Biblioteconomia (bacharelado em biblioteconomia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2009. Com bolsa de iniciação científica CNPq/PIBIC de janeiro de 2007 a janeiro de 2010.

SASAKI, Tomomi. Recipient orientation in verbal report protocols: Methodological issues in concurrent think-aloud. **Second Language Studies**, v. 1, n. 22, p.1-54, 2003.

SAUPERL, Alenka. Catalogers' common ground and shared knowledge. **Journal Of The American Society For Information Science And Technology**, New York, v. 55, n. 1, p.55-63, 1 jan. 2004.

SAUPERL, Alenka. Subject cataloging process of Slovenian and American catalogers. **Journal of Documentation**, v. 61, n. 6, p.713-734, 2005.

SILVA, Aline Redígolo. **Aspectos sócio-cognitivos da prática de leitura documentária para indexação.** 2005. 107f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2005.

SILVEIRA, Telma Jaqueline Dias. **Leitura documentária para catalogação de assunto em ambiente de biblioteca universitária:** análise de um modelo de leitura. 2006. 86f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2006.

TAYLOR, Arlene G. **The organization of the information.** 2.ed. Westport: Libraries Unlimited, 2004. 417 p.

APÊNDICES

APÊNDICE A - PROTOCOLO VERBAL INDIVIDUAL – IB – Biblioteca do Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo – USP

Caracterização do sujeito da pesquisa: Bibliotecário

Tema da pesquisa: Catalogação de assuntos de livros em biblioteca universitária em área específica

Início: 0:00:00 min

Término: 0:34:14 min

Duração: 0hr34min14seg

Fonte de informação utilizada: Livros da área de Biológicas

Formulário utilizado: Pesquisa Assistida

Campo de pesquisa: Biológicas

Pesquisadora: Daniela Majorie dos Reis

1 PESQUISADOR

O que eu quero ver é como você faz a análise de assunto, onde você procura.

2 SUJEITO

*Então você quer os primeiros passos né? Então o primeiro passo, principalmente você vai nas partes principais do livro, folha de rosto, eu sempre olho a folha de rosto, gosto de olhar aqui a última capa, porque a gente tem uma boa idéia de crítica né, e muito do assunto também. Aí olho/ a nossa maioria dos livros são tudo livros importados. É tipo assim, nosso acervo deve dar uns 80% só de livros importados, nacionais é bem menos. Aí você faz uma leitura técnica né, que você vai ter, tem que ter pelo menos um inglês técnico né? Inclusive, aqui pelo menos a gente sempre tem curso de inglês né, eu acho que nos textos ajuda pra caramba assim. Até inglês instrumental serve, até o básico mesmo, na formação de ortografia mesmo né, pra você ler frase, sabe? Eu acho que facilita bastante assim. Aí depois também com o tempo você tem os assuntos, você já vai se familiarizando com os assuntos e bem de cara já vê o que é. Porque nós aqui somos Biociências, é **biologia pura**, então a gente trabalha com as partes de zoologia, botânica, fisiologia, genética, biologia evolutiva e genética, são cinco departamentos, e ecologia também. E pra/ e nos usamos a LC, que é a classificação da Lybrary of Congress. Então ela vem, ela vem, antes da numeração tem as letras né? O QK é botânica, que QH é biologia da evolutiva e genética, é ecologia também entra no QH, o QL é zoologia e o QP é fisiologia. Então, só de olhar pelo título você já sabe né mais ou menos qual desses cinco assuntos você vai encaixar. Aí nesse aqui eu vou começar pela pagina de rosto, pra leitura técnica que eu faço eu gosto de ler todo o conteúdo {refere-se ao contents do livro}, leio o conteúdo, leio o prefácio, porque por mais que/ por exemplo, o título seja bem explícito, né? Você, aqui, a gente gosta de classificar assim o mais específico possível. Só com o título você não consegue ter essa especificidade, esse aqui é sobre “**proteínas**”, “**evolução**”, tá vendo? Porque geralmente você vai ter o assunto e você vai ter o qualificador especificando aquele assunto, certo? Então o conteúdo, você lê os contents, o prefácio, lê muitas vezes a introdução, é muito importante. Porque sempre que eu vou fazer eu leio tudo. Entendeu?*

3 PESQUISADOR

Você chega a ler a introdução inteira?

4 SUJEITO

Ó, dependendo, por exemplo, esse prefácio aqui é bem pequeno, e também você logo no início já te objetiva o que que é, aí você não precisa ler tudo. Mas muitas vezes o assunto fica um

pouco, quando o assunto é mais complicado aí requer que você leia inteiro entendeu? Mas aqui dá pra ter uma noção boa, você lendo o início do prefácio, tudo, e o conteúdo também, o conteúdo ajuda pra caramba. Porque o conteúdo já especifica né? Ele traz o assunto geral e depois já traz o específico. Depois que você, que você/ ou seja, você descobre que assunto que é, você vai colocar esse assunto, vai transformar ele em descritor. Certo? E nossos descritores, a gente tem um/ uma lista interna. Nós usamos a LC, mas nós formamos uma lista interna pros nossos descritores. Então a gente vai checar naquela lista qual que é o descritor utilizado pra aquele assunto. Pra não ficar solto entendeu? Cada hora descrever de uma forma. Aí vamos lá, vamos esgotar se não tá naquela lista, só vai acrescentar novos se realmente for necessário. Né que de repente você fala olha, o descritor é isso, daí você vai na lista e vê que tem um similar então a gente usa aquele similar porque as vezes vou empregar de outra forma entendeu? Mas é o mesmo significado certo? E depois disso que indexamos/ porque a gente faz o rascunho mesmo em fichinha catalográfica, aquele modelo antigo da fichinha, a gente prefere fazer aquele rascunho. Porque/ porque a gente insere na base Dedalus que é a base, que é a base geral das bibliotecas da USP, só que nós não temos uma base interna nossa né? Em outra linguagem pra inserir. Né? Porque não dá pra você ficar só com o sistema on-line. É ideal você também ter uma base interna porque e se cair o sistema? Se acontecer alguma coisa com o sistema? Você tem que ter tipo um backup, e nós ainda utilizamos o nosso catálogo antigo como backup. Em fichas. Foi a maneira pura, que a gente ainda encontrou de ter de preservar a informação. Porque assim, na USP, é usado o MARC, com os/ os dados são todos colocados dentro de um... Dentro de um... Ele é armazenado tipo dentro de um computador grande, um servidor, isso, é tudo armazenado num servidor. Só que, por exemplo, se der problema no servidor nós não temos nossa base interna, porque é ideal que cada um tenha sua base interna. Tem aquela base que é a geral que tá armazenada no servidor das bibliotecas da USP, mas é ideal que biblioteca também tenha sua base. Porque pode acontecer, e se falta energia, e se falta internet? Vai ter que ter uma base que seja acessada local entendeu? E como nós não temos essa base feita automatizada, né? E como a gente não descartou também as fichas.

5 PESQUISADOR

E vocês continuam fazendo em fichas a catalogação?

6 SUJEITO

Continuamos fazendo em fichas, só que, por exemplo, na base, quando nós indexamos na base, nós especificamos mais, colocamos vários assuntos. Agora na ficha a gente faz mais o geral entendeu? Mas, ou seja, vai ser preservada a busca, vai ser preservada a localização, né? A gente não especifica tanto na ficha, até que eles especificam geral na ficha, e muitas vezes é geral e muitas vezes é específico. Dependendo do assunto a gente já vai não coloca tantos, já específico naquele assunto, entendeu? É que tem muitos trabalhos com espécies, famílias, gêneros entendeu? Quando se trata de determinada família, determinado gênero a gente vai colocar especificamente nele, né? E esse que você coloca um assunto a mais acima, mais geral, ele vai tá ali preservado, então isso vai nas fichas também. Tá? E depois que é feita essa ficha toda né? Que é catalogado, que é classificado, nós temos aquele antigo catálogo de rubrica, que é olhado lá, se não tem número repetido, né, o número de classificação, porque isso tem que ser olhado. Porque o número de classificação ele é único né? É o registro, o RG do livro. Então tudo isso é checado. Depois que é checado com essa fichinha é que colocamos no sistema. A partir dessa fichinha é colocado no sistema. Aí a gente estende mais, especifica mais. Porque como nós fazemos aquela catalogação copiada, muitas vezes você copia e já vem algumas classificações também, e aí, o que a gente acha necessário a gente coloca um pouco mais. Pra abranger mais a busca. Só que pra colocar lá

no sistema, a gente tem uma outra ferramenta que é o SIBIX, que é o vocabulário controlado da USP. O vocabulário usado foi.... foi desenvolvido pelas bibliotecárias da USP, até que participei também no desenvolvimento dele, participei muitos anos, eu participo até hoje né? Na manutenção porque né? Como a indexadora da área eu sempre participo das manutenções, de termos novos né? Porque sempre aparece termos novos. Aí eu sou responsável também por pedir a inserção desses termos quando aparece. Porque tem todo o banco de manutenção do vocabulário, tem até no, você tá acostumada a entrar no Dedalus? Você nunca entrou no Dedalus? Porque tem lá o modo do vocabulário, lá você/ lá tem todos os assuntos, na base geral, interno e externo a USP, e é pra USP toda. Porque daí você consegue procurar pelas palavras do vocabulário. E foi desenvolvido por todas as bibliotecárias. As das áreas foram agrupadas e foram colocados os termos que nós utilizávamos. E foi, é um vocabulário que tem uma hierarquia né? E tem os descritores, tem os qualificadores, as tabelas de áreas, tabela geográfica, tudo especificado, então a gente só indexa no sistema se também, se o descritor estiver lá no vocabulário, se não tiver você tem que colocar ou um similar né? Ou se você achar necessário que é o seu, que você precisa que encaixe ali, tem um termo acima, mas se o seu tá muito específico, porque você sabe que é um assunto que vai usar bastante aí a gente pede, a gente manda pra base de manutenção de vocabulário pra ser colocado esse termo lá entendeu? Mas pra você mandar o termo você tem que explicar porque e você tem que descrever o termo. O que que significa e dentro de que área ele tá. Que hierarquia ele tá. Assim, é um controle mesmo de indexação. E depois, eu acho que é isso, uma vez indexado, o livro tá pronto pra tudo que tem que ser feito nele. Que são os bolsões né? Colocamos uma fichinha só, né? coloca um código de barras, porque agora nós temos o empréstimo automatizado e faz a leitura por aqui. E esse aqui é usado no caso do sistema cair {refere-se a ficha no bolsão no fim do livro}, nós emprestamos mesmo se o sistema cair, por isso que a gente manteve essa fichinha. Porque é de época, o sistema ultimamente não tem caído não. Mas caía muito, depende da rede, né? Da rede da USP e também do instituto. Né? Porque informática é assim, a cada tempo tem que ser trocado né? Principalmente o acesso tem que trocar, trocar os equipamentos, trocar a fiação, né? Depende muito/ agora não, tem até estado estável, assim, mas, por exemplo, se dá chuva, que aconteceu muitas vezes, de queimar os aparelhos, as hubs/ e é engraçado mesmo, é de época, porque teve uma época que era direto, o sistema caía e como a gente tem esse manual que nós mantivemos aí pode ser emprestado. E, o que mais?

7 PESQUISADOR

Bom, nesse livro aqui, no primeiro você procurou em quais partes? Como você faz a análise de assunto nesse livro?

8 SUJEITO

Eu usei a folha de rosto, os contents, aqui também, eu uso bastante essa fichinha, a fichinha catalográfica na fonte, me baseio muito por ela também. Porque esse aqui é bem simples ó, esse aqui sobre **proteínas** ó, **evolução da proteína**, esse aqui tem “**proteína – fisiologia**”, “**evolução molecular**”, esse aqui **proteína** é a base, é bem simples, o próximo. Bom esse aqui de proteína é QP tá. Se você quiser colocar depois o número de classificação. Bom, esse daqui.... Deixa eu ver. Esse daqui eu também creio que vai ser “**evolução**”. Bom, esse daqui tem um contents bem/ tá bem rico. Tá? Esse aqui pelo contents, esse aqui eu já olhei, e já vi que era uma coisa de **origens e sociedade envolvida, sociedade humana**. A gente tem bastante livros dessa área sabe? De **evolução da sociedade, evolução humana**, ligada a **cultura e sociedade**. Mas esse eu vi pelos contents. “**Evolução da sociedade**”. Ó, esse nem precisava ir mais longe. Entendeu? Esse aqui também nem tem aqui atrás né {refere-se a contra capa}. Esse tá bem especificado aqui. Ó, **sementes da civilização, de sociedades**

Humanas. Esse aqui tá facinho, ((RI)) sobre flores. [Understanding flowers and flowering] {leitura do título}... Tô procurando a ficha agora, mas esse livro aqui não tem. Ele não tem essa ficha na fonte. Não tem a ficha, tem o contents, mas eu iria pelo prefácio. Esse eu iria pelo prefácio, porque tá bem explicativo. Porque alguns prefácios falam em uma linguagem bem mais simples, esse eu iria pelo prefácio.

ENTREVISTA RETROSPECTIVA:

9 PESQUISADOR

Agora que eu já vi como você explora a estrutura do livro, deixa eu perguntar. Além das partes que você citou e procurou, você chegar a ir pras partes mais conclusivas, com resultados do livro?

10 SUJEITO

Olha, só se estiver muito difícil, muito difícil mesmo, se não estiver explícito. Mas geralmente no prefácio tá explicado pra você. Acho que é automático também né? Ó, ele da divisão, que tá dividido, em que seções que tá dividido, tá vendo? Então ele tá bem explicativo, geralmente o prefácio explica bem. Esse aqui tá tão explicado que eu nem preciso vir aqui, no contents, ele ainda tá antes do contents, agora tem alguns que o contents vem/ Olha, esse daqui, o contents veio antes tá vendo? Ele já tava bem explicadinho ó. Geralmente eu vou pela ordem mesmo ó, eu vou seguindo né? Às vezes tenho mania de chegar, pegar o livro e virar, olhar aqui direto, primeiro a última página {refere-se a contra capa}, que também tem um resuminho. Porque esse antes não tinha essa parte, esse aqui tinha, mas era crítica, porque o que eu olho mesmo nessa última capa é sobre a obra mesmo, eu não uso o que fala do autor. Tem muitas vezes que, nessa parte, tem alguém dando opinião sobre a obra. Mas geralmente eu procuro sobre a obra mesmo. Se no meu dia-a-dia, quando eu to indexando mesmo, eu dou uma olhada, aí se eu não fico contente ((RI)), daí venho seguindo assim ó, vejo se tem a ficha, de catalogação na fonte, aí vejo o que nas próximas páginas, que geralmente é o prefácio, ou como no caso desse daqui o contents. Entendeu? De curiosidade mesmo assim eu venho aqui no contents, muitas vezes de curiosidade mesmo eu tento ver onde tá o prefácio entendeu? Ó, mas dependendo do assunto, que é bem objetivo, você nem precisa ir até o prefácio entendeu? Pelo contents você já tem uma idéia já, no seu dia-a-dia.

11 PESQUISADOR

Bom, agora que você já esclareceu como você faz a análise de assunto, eu só tenho uma curiosidade, que antes, retomando o que você falou, que vocês fazem primeiro a catalogação na ficha catalográfica como rascunho, e o que eu tenho visto em outras bibliotecas é que os bibliotecários procuram antes na base se existe o registro, e também buscam os termos direto no vocabulário antes de consultar o livro, você pode falar mais sobre isso?

12 SUJEITO

Porque como a gente vai ter que descrever, por exemplo, a questão, se você tá indexando então você já fez a pesquisa, se existe o livro ou não, entendeu? Essa pesquisa já foi feita antes, mesmo pra fazer a ficha, você procura antes, porque se já tiver, se for exemplares a mais que você vai entrar, por exemplo, a gente só coloca mais entradas quando os livros são didáticos, quando nós compramos mais de um exemplar. Entendeu? Agora pro usual a gente, geralmente não compra mais de um exemplar não. Então geralmente a gente olha se existe, por exemplo, se é exemplar, quantas entradas são, que exemplar que vai ser aquele, na hora que nós vamos descrever na ficha né? Isso por exemplo vai olhar se tem, se é uma duplicata, muitas vezes é, dependendo de repente é um livro que é, que o professor vai usar no curso de

pós-graduação, então de repente ele acha interessante que compre mais um exemplar, então daí vai ter mais um exemplar, mas isso é bem pouco de acontecer né? Mas muitas vezes vem doação, aí a gente vai olhar tudo isso se esse processo já foi feito antes, quando chega o livro na mão da pessoa, ela já tá sabendo se é exemplar ou não entendeu? A pessoa que vai descrever, que vai catalogar, depois, vai indexar, já sabe se aquele livro é exemplar ou não. Certo? Aí sim a gente vai fazer fichinha e tal, porque se for exemplar a gente já vai pegar o número dele já, já vai pegar o registro dele tudo direitinho. E se for volume, tem livro aqui que por exemplo vai sendo comprado ao longo da vida, tipo essas coleções seriadas, que vai chegando os volumes aos poucos né? Mas quando chega na mão de quem vai indexar, vai descrever já tá sabendo se o livro tá na base ou não. Então é isso viu. Eu gosto de falar que pelo título você já sabe pelo menos de que departamento que é, que letra que vai entendeu? Tanto é que quando você faz você descreve, você indexa tudo que você vai passar pra preparação final, que tem uma preparação final quem vai colocar as etiquetas, quem vai carimbar, quem vai deixar ele arrumadinho pra ser emprestado, quem vai colocar o código de barras, quem vai fazer as fichinhas, a pessoa que vai fazer a fichinha já faz a fichinha no computador. Então o momento que ela tá fazendo isso ela já tem uma noção, de que departamento que é, que assunto que é, então ela vê que um livro de fisiologia que tá escrito que é QH, na horas ela já sabe que alguém errou entendeu? Porque sabe fisiologia é QP, então isso é com a experiência da área e de tudo assim. Eu falo que quanto mais passa o tempo mais fácil é trabalhar né? Porque você conhece a área então vai mais rápido né? Eu trabalho aqui há 20 anos, em outubro, trabalho aqui na área, mas como bibliotecária já vai fazer 30 anos ((RI)) daqui a pouco eu posso me aposentar.

13 PESQUISADOR

Tem mais alguma coisa que você gostaria de falar, sobre o vocabulário que você ajudou a desenvolver aqui da USP?

14 SUJEITO

Ah, porque eu gosto muito de hierarquia, eu me identifico muito por isso, eu acho interessante você saber de onde vem, onde se encaixa né? Apesar que muitas vezes a gente trabalha com vocabulário e vê que a hierarquia não vem de uma fonte só, daí você pensa assim, são as áreas do conhecimento, você vê que as vezes determinado termo ele nasce de/ não vem de só um lado né? Ele fica interdisciplinar assim, eu acho muito interessante, e eu acho interessante a biologia por isso, ela tem essa hierarquia dentro da vida dela né? Porque ó, tem, dentro da biologia tem ordem, tem que ter a ordem, tem que ter a classe, tem as tribos, tem as famílias, tem os gêneros, as espécies, quer dizer, vai se encaixando assim nessa taxonomia assim. E acho que, eu acho isso interessante assim. Acho que já é uma área organizada né? Porque por exemplo, a área de Humanas já é mais difícil né? Ela é bem mais complexa cada divisão delas é bem complexa. Por exemplo, Exatas você já vê que é bem exato né? ((RI)) Ela não dá voltas, né? A Biológicas também tem essa organização né? E agora já Humanas eu acho que tem uma ramificação muito ampla, né ampla demais assim. Tanto é que quando a gente trabalhava fazendo, criando o vocabulário, tudo, nossa, dava a maior discussão quando juntava todas as áreas, porque cada um tinha sua especificidade né? Daí quando separou por grupos ficou mais fácil. Mas os grupos também brigavam entre si porque cada um queria ser dono do termo, depois vão se conscientizando e vendo que não né? ((RI)) Mas o que eu tenho a falar é mais isso mesmo.

15 PESQUISADOR

E sobre a indexação, você tem alguma coisa pra comentar?

16 SUJEITO

Uma coisa muito importante que a gente tem que saber é aquele velho jargão, que o indexador tem que conversar com o bibliotecário de referência, porque nós indexamos o documento, então a gente tem que saber se da forma que nós indexamos se o pessoal da referência tá buscando, se tá tendo um resultado bom na busca né? Então isso, quando eu fiz o curso a gente bateu nessa tecla, porque que não tão encontrando? Porque o pessoal da referência nem tava usando de uma forma ideal o vocabulário que tá on-line e que também é uma forma que nem estavam utilizando direito, então é uma falha de quem tava indexando. Né? Tinha ferramentas auxiliares, mas que não estavam sendo passadas. Né? Aí quando nós fizemos, nós vimos que nossa indexação tava falha, porque temos os livros normais e os didáticos, e eles são separados nas estantes, os didáticos têm uma tarja amarela, então, começa nas três primeiras estantes, que são livros recomendados pelos professores e usados em aula. Aí depois começa o acervo normal, e muitas vezes na busca, a gente não tinha especificado, não tinha nenhuma notação explicando que tipo de livro que era. Se eram didáticos ou normais, daí eu fiz esse curso e decidimos colocar essa notação, na representação, que ajudaria na busca a identificar se era didático ou não, na busca mesmo você consegue escolher se quer buscar didático ou normal. Já especificava mais a busca né? Porque tem muitos livros que tem praticamente o mesmo título né? Não o mesmo título, mas as palavras se repetem né? Porque uma coisa que diferencia os livros didáticos é que eles são introdutórios né? Porque aí, agora a gente já tem essa opção de procurar por tipo, que enriqueceu a nossa busca agora né? Agora fica mais fácil pro usuário. Mas então é isso mesmo viu, não tenho mais nada.

APÊNDICE B - PROTOCOLO VERBAL INDIVIDUAL – IME – Instituto de matemática e estatística da Universidade de São Paulo – USP

Caracterização do sujeito da pesquisa: Bibliotecário

Tema da pesquisa: Catalogação de assuntos de livros em biblioteca universitária em área específica

Início: 0:00:00 min

Término: 0:46:18 min

Duração: 0hr46min18seg

Fonte de informação utilizada: Livros da área de Exatas

Formulário utilizado: Pesquisa Assistida

Campo de pesquisa: Exatas

Pesquisadora: Daniela Majorie dos Reis

1 PESQUISADOR

Pode começar. Faça do jeito que você faz sempre, finge que eu não estou aqui viu?

2 SUJEITO

*Ok, bom então começando. Bom, aqui, a aquisição é feita pelos professores, existem determinados grupos de assuntos, determinados grupos de pesquisa, então eles compram pra esses grupos. Então por exemplo, já fica, por exemplo, na parte de computação tem o grupo de sinais, então ali já é um diferencial do livro na área da computação. Ele vai ser alguma coisa de **processamento de gráficos**, **processamento de sinais**, alguma parte nesse sentido, quer dizer então já fica separado pro orientador da área fazer a classificação. Então é o orientador da área que faz a classificação, existem quatro, cada um no seu departamento, então eles fazem as classificações.*

3 PESQUISADOR

Mas quando vocês fazem a catalogação vocês colocam os assuntos, os termos?

4 SUJEITO

*Os assuntos, nós temos um esquema de classificação e ele é baseado na LC, na biblioteca do congresso e no Mathematic Reviews. É esse esquema aqui, é daqui que saem os assuntos. E atualmente nós estamos fazendo um trabalho de passar ele pra um programa que a gente tá fazendo aqui de processamento técnico, chamado Colméia, e ele tem esse esquema on-line. Tá vendo, ele tem toda a parte dele aqui ó, se eu mexer ele solta, por exemplo, processamento, então, ele já vai dar todo aqui, **processamento de sinais**. Aí ele vê se é processamento de sinais no departamento de matemática, que é uma outra área nossa, ou se é o processamento de sinais, dentro de **inteligência computacional**, ou **processamento gráfico**, **inteligência artificial**, essas coisas. Aí, nós estamos elaborando junto com meu coordenador essa árvore de assuntos. E tudo isso de acordo com o livro que ele recebeu. Por exemplo dentro do, como esse aqui, por exemplo. Dentro de **computação**. Então o assunto dele, as palavras chave {consultando o título do livro} é linguagem de programação c++ e computer graphic, que é computação gráfica. Então é por aí que sai a informação que eu pego pra separar mais ou menos pra ele que vai fazer a colocação dos assuntos. Eu faço a separação do assunto para o professor e é ele que traz o assunto. É ele que consulta através desse esquema e da a informação do assunto.*

5 PESQUISADOR

Entendi, então primeiro ele faz a busca no vocabulário controlado. Ele não chega a procurar no livro antes?

6 SUJEITO

Tem uns que até gostam. Tem uns que preferem vir aqui na própria sala e ele faz a busca comigo. Tem outros que não, que eu mando a informação via e-mail que o livro chegou, e ele, através desse endereço eletrônico faz a descrição do assunto. O livro fica aqui, ele só recebe as informações, tá? Existem casos que ele também pode pegar o livro, por exemplo, tem um professor, o professor Vitor que pra ele distinguir os assuntos, mesmo que ele consulte na outra base que é o Mathematic Reviews, pra ele fica muito árida a coisa. Ele prefere estar com o livro em mãos, mesmo sendo ele o solicitador do departamento de matemática pura, ele prefere ver o livro. Então às vezes ele leva o livro pra sala dele, faz uns testes, enfim, a quantidade que houver ele leva todos os livros e me devolve. Mas tudo isso é feito um processo de controle, ele não leva aleatório.

7 PESQUISADOR

Será que ele chega a fazer a leitura completa do livro?

8 SUJEITO

*Não, o que eu vejo que eles fazem mais ou menos é sempre dar uma olhada no básico que a gente faz mesmo, mesmo que se fosse eu que fosse fazer, a minha separação quando não tem nenhuma informação pra dar, nenhum referencial, o que eu faço. Vejo o contents {sumário}, vou lendo pelo contents, que os livros são todos em inglês, francês, muito em alemão, aí, por exemplo, quando tem o problema da linguagem, porque tem até russo. ((RI)) Aí quando é russo a gente vai, tem um professor que fala russo, que ele é russo, a gente pede orientações, daí ele dá toda a descrição do livro. Porque uma coisa é a gente traduzir pelo dicionário russo, outra coisa é ele dar toda/ Daí ele faz toda aquela tradução. Então por que... Ah, tá. Então eu to procurando os assuntos. Né? Então eu faço assim, vou pelo contents, daí pelo contents, aí os livros de computação são fogo, eles trazem todo, tá vendo? Já entra lá no, quando você pensa já entra no texto, e os textos são tudo quebradinho. Tudo quebradinho. Aí, uma coisa que eu gosto muito de olhar é o prefácio. Porque a parte de prefácio, ela sempre vai me dar informação do livro, por exemplo, se o livro já foi publicado anteriormente, se eles fizeram um estudo de uma coletânea de vários artigos pra basear esse livro, então o que acontece, você põe na catalogação que esse livro foi publicado anteriormente, que foi traduzido do alemão, ou foi coletado de diversos papers, então você põe esse tipo de informação na catalogação... Que mais. Esse é um livro de computação. Esse daqui, por exemplo, é um livro que eu passei pro professor da matemática, esse daqui é um bom caso. Eu passei pro meu coordenador porque ele é um livro tá vendo, é sobre, pra mim, se eu fosse classificar seria em **cohomologia**, que é um assunto que a gente tem. Mas ele achou o livro extremamente difícil, ele achou o livro completamente difícil, daí ele pediu pra aguardar, deixar o livro aqui que ele vai dar uma estudada pelo livro. E quando é assim, eu costumo fazer a pesquisa, porque quando é pelo MathSciNet eles mesmos fazem. O MathSciNet você conhece? O MathSciNet é uma base na área de matemática, voltado exclusivamente pros assuntos da matemática. Então eu costumo fazer o seguinte, vamos ver aqui, vamos ver aqui o que ele localiza, puxa, eu poderia ter colocado o autor. Nossa, a rede tá ruim, tá ruim, será que vai interferir? Tá vendo, ele aqui não trouxe. Periodic/... Não é o título que eu preciso. Então, eu faço essa pesquisa do MathSciNet. Enfim, eu vou fazendo esses tipos de pesquisas, daí eu informo ao professor quais os assuntos que eu localizei dentro desse/ dentro dessa obra. Aí eu passo pra ele via e-mail, se ele concorda com essa sugestão, daí ele acusa se tudo bem, senão ele continua pesquisando sobre o assunto, ele conversa com outros especialistas*

da área, pra ver mais ou menos. Bom, então eu colocaria “cohomologia” neste livro, daí eu então viria aqui, no vocabulário, e procuraria ó, **cohomologia de grupos**, **cohomologia de campos vetoriais**, eu colocaria no geral, como “cohomologia”. No 612, que é **topologia diferencial**, ou **topologia algébrica**. Tá? E também nós temos alguma coisa pelo “twist”. Deixa eu ver se acho, aqui ó, twist, tá dentro de **física**. Então é um livro que tá mesclando a topologia algébrica mais a parte de física.

9 PESQUISADOR

Então você o título, subtítulo e contents? Tem mais alguma parte que você usa pra buscar os assuntos?

10 SUJEITO

Olha, foi o que eu te falei, o abstract, lembra isso é importante porque ele sempre traz alguma informação sobre livros da área dele, de alguma coisa que tenha familiarizado ao livro. Tá? E o contents. Então já um da matemática aplicada né, computação e nós temos aqui é computação também, livro de computação. Agora tese, a gente, eu não me arrisco. Porque tese é uma coisa muito... é individual mesmo da pessoa. Uma coisa que foi publicada e tal. Então isso sempre vai depender dos orientadores, tá? Quando o orientador não quer dar a sugestão ele manda pro aluno, aí o aluno faz a verificação. Porque tese é sempre coisa nova né? A estatística também é a mesma coisa, é o mesmo sistema que eu faço tá? Eu dou uma olhada pelo título, porque como é a parte de Exatas, a parte de Exatas é bem direcionada, pelo, focada no título. Pelo tipo de livro que a gente tem, é bem assim mesmo. Porque o título da parte na área de Exatas, o título é bem o referencial. Não é como na parte de Humanas que no título ele vai ta contando alguma história, né? Aqui o título é mais exato. Mas nem sempre também a gente vai pelo título. ((RI)) porque podem existir casos em que eles não, vamos dizer assim, não.....existem casos também que você não pode ir pelo título porque o texto do contents localiza outra informação. A gente acaba confirmando, você não pode colocar isso em **mecânica estatística** porque/ pode até ser, mas de repente pode trazer mais coisas que podem trazer um acréscimo maior nos complementos. E em questão de fazer essa classificação de assunto a gente põe assim de três a quatro assuntos. Quando não dá mesmo é um bem geral e põe os outros assuntos. O que mais eu posso falar... Bom a gente trabalha muito com o congresso, mas é mais ou menos o mesmo sistema, têm muitos, tem coletâneas, né? E tem livro normal mesmo que é o autor e título. Uma coisa que a gente não faz é colocar o autor como assunto, a gente coloca como biografia. Né, se o autor for biografado aí entraria. Mas normalmente a gente não coloca autor como assunto, são só os assuntos do material que você ta fazendo a indexação dele. Agora autores como assunto é só no caso de biografia. A gente não trabalha com essa parte de assuntos tipo Arquimedes né? Não, a gente geralmente não usa muito não. Outra coisa também, pra separar pra eles, é essa fórmula que eu uso, por exemplo, tem muitos que chegam aqui que eles fazem a compra só por séries. Então ele quer completar a Oxford Lectures. Então ele quer completar essa série, tá, então quer dizer que tem diversos livros. Sobre diversos assuntos, diversas áreas, da matemática como da estatística como da computação. Então o que que eu faço, faço a separação por departamentos. Olha, uma coisa interessante que tem aqui é que nossos departamentos são separados por assuntos. Eu não tenho nenhum exemplo pra dar agora, mas deixa eu procurar pra te mostrar. Daí você entra aqui em acervo, livros, esquema de classificação. Ai ele ta on-line, daí ele tem matemática, ai você clica aqui, tá todos os assuntos que estão na área da matemática, tá tudo disponível no site do IME, só que não tá muito prático na hora de fazer uma busca por causa desse “próxima página”. Isso daqui ainda vai ser arrumado porque em vez da gente ter aquele, a LC né, a gente colocou tudo na tela pra fazer a pesquisa. Aí você vai pra outra área da estatística, aí tem todos os assuntos

da estatística. Todo o vocabulário da estatística tá aqui. Se você quiser o da ciência da computação tá aqui. Quer dizer, então tá aberto para o usuário, interno, externo, pro professor, eu recebo sugestões, que tem aqui ó. Nessa tela não tem, mas no final tem a opção de deixar sugestão. Que eles podem dar. Por enquanto esses termos desse vocabulário ainda não estão disponíveis pra fazer busca, pros usuários. Mas porventura pretendemos colocar lá. Porque nós estamos começando ainda a fazer. Demora muito pra fazer, não é fácil não. Então nós estamos tentando fazer aquele lá que eu te mostrei, o da biblioteca, esse daqui, esse de assunto, que é isso que a gente tá fazendo, a gente remete pra obra, na obra tem esse termo aqui. Se você for dentro de uma obra...tá vendo, ele tem o assunto. Mas essa junção ainda não estamos fazendo. Porque nos começamos a trabalhar nesse programa, nesse vocabulário controlado faz um ano, em março vai fazer um ano. Tá? A gente tá nisso daí. E agora que a gente tá arrumando esses assuntos, que ficaram prontos a uns dois meses atrás, e agora que a gente tá começando a entrar nele, então a gente vai começar com remissiva, vamos começar a mexer na parte de assuntos. Então é esse tipo de coisa que a gente vai começar a trabalhar, com essas remissivas. Pra um nome adotado, que é esse aqui vamos dizer assim, pra um que seja similar, então você pode procurar tanto por um quanto por outro. Então nós estamos começando a trabalhar esse sistema, a montar esse vocabulário controlado. Leva um tempo e dinheiro também né? No fim a gente faz tanta coisa e no fim se resume a uma coisa só. Com relação a sua pesquisa, apesar da gente usar muito o título aqui, nem sempre dá pra confiar nele, a classificação é feita pelo conteúdo do livro, não pelo título. Mas na área de Exatas, o título é sempre bem significativo. Mas nem sempre é assim também, se eu der esse livro pra um professor ele vai falar que não é da área dele né? Eu pelo menos olho muito o título e vou dentro do contents, porque o contents vai me dar bastante informação. e as vezes o prefácio também. O prefácio, ele ajuda bastante. E aí a gente faz a separação e eu passo pros coordenadores das áreas. Pra fazerem a classificação final, porque nada como um especialista da área pra fazer a classificação. Outro dia eu trabalhei com a professora de **processamento gráfico**. Então, da FAPESP a gente recebeu um carrinho com mais de 300 livros de **processamento gráfico**. Então o que eu fiz, eu tava sem tempo então eu passei um e-mail pra professora dizendo que eu tava agilizando, então eu vou passando os assuntos que eu acho mais ou menos. Aí fizemos toda a parte de assuntos porque agilizamos, porque grande parte ele preferiu mexer, ele falou olha, eu penso diferente, acho que nesse a gente precisa mexer a gente entrava em um pequeno atrito. As outras ele falou que não precisava mexer, que tava dentro do que ele achava também. Outros queriam, por exemplo, criar um assunto novo, ele falava olha, eu não acho que seja válido a gente criar, porque a gente enche a tabela com novos assuntos e não/ acaba não usando. Então acaba tendo uma interação grande com eles. Eu acho isso cansativo, porque é muito mais fácil eu pegar o livro e fazer, do que você marcar uma hora com ele, conversar, discutir, mas enfim, é uma forma daqui da matemática, sempre foi assim, e a gente não muda, então é dessa forma. Eu não tenho muito contato com aluno, eu fico mais nessa parte de processamento. Eu acho que esse contato que a gente tem com os professores influencia na catalogação, e a gente aprende também um pouco com eles. Também sabe? Eu acho muito bom, eu gosto. Aqui, esse livro que eu fiz pra você é da **matemática aplicada**, da **matemática pura**, que tem as quatro áreas. Aqui ó, **geometria algébrica**, [geometria algébrica para computer science] {lê o título}. Então são as aplicações, porque hoje tá tudo entrelaçado. Objeto-orientado, então o livro é básico de geometria algébrica, que é um assunto básico da matemática pura, com aplicações, é um assunto que a gente tem que é objeto-orientado. Então pelo título você já vê uma boa coisa. Agora você vai aqui no contents, perai, deixa eu ver quem solicitou. Ah, tá. É sinais. Geometria algébrica, é a parte de sinais, mas como o livro é básico de geometria, foi pra parte da matemática aplicada. Fundamento da geometria algébrica {leitura do contents}. Geometria diferencial. Bem a parte de **geometria**,

“operators”, “operadores”, tem muito na parte da matemática. Tá muito na **análise funcional**, então daí você já pega. E agora passa pela aprovação do professor. Aí o professor Vitor que vai realmente decidir se ele concorda em deixar ou passa pra outro departamento. É assim que a gente faz. Então, os assuntos que a gente trabalha mais é na parte da, que a gente tá fazendo esse esquema de assunto, que a gente tá trabalhando, então a nossa tabela de assunto, de classificação, que é uma tabela junto, com a, nós fundimos a LC, e o Mathematical Reviews. E agora nós estamos jogando ela aqui na web pra ficar de acesso pra todo mundo olhar, já sabe, por exemplo, vai na estante PN 181, ele vai achar esses livros aqui, então ele já vai direto. E pega os livros que ele quer, no caso das obras completas. Tá? Então isso tem como uma interface da MS classification. Que é da onde eles também tiram os termos pra criar os assuntos. Você trabalha na área ou não? Porque o primeiro estágio que eu fiz foi na área de física. Ué, porque que não tá... Eu ia te mostrar onde a gente faz os assuntos porque é super legal, da MS, ele é uma base da matemática, porque eles usam muito, os matemáticos consultam muito. American Mathematical Society. Nossa o que aconteceu? Ah, abriu, é isso aqui que eles usam muito, pra informar os assuntos, pra fazer pesquisa deles, infelizmente hoje a rede tá péssima. Tá vendo ó, assunto base, **anéis associativos de álgebra**. Então isso daqui ele usam muito também pra dar a sugestão de assunto pra eles. Tá vendo olha, tudo uma hierarquia de assunto. Não chega a ser um vocabulário controlado, porque eu não sei se eles chegam a ter um controle e essas coisas, mas é um vocabulário que eles usam muito e a gente usa muito também pra referenciar os assuntos, mesmo esse aqui eu vou dar uma olhada nele, pra ver o que que pode ser sugerido pra ele. Nós temos muitos subsídios pra informar os assuntos. Bom, eu acho que é isso viu. Se fosse eu pra fazer a classificação, eu vou lá naquela WW que tem o assunto específico que me remete pro número de classificação e faço a classificação. Nós fazemos a classificação e análise de assunto ao mesmo tempo. A gente faz a separação pra análise de assunto e envia pra ele. Quando ele envia de volta, como ele consulta na ww, já vem com o número de classificação. Daí tem aqui, ele já informa o assunto e que é lógica computacional. Esse é o Colméia, que a gente tá trabalhando em cima, ele é um grupo de professores aqui do IME que tão tentando criar um software livre. É um software livre, porque você sabe né? Softwares pra bibliotecas são muito caros, então a gente tá fazendo em cima da nossa biblioteca, porque os softwares pra biblioteca são muito caros, são extrapolados. A gente participa ativamente dessa criação. Tem dois estagiários que trabalham pra eles, pros professores, e agente tá sempre entrando em conversa pra ver a parte de catalogação de livros, como eles fazem, normalização, toda essa parte de cadastramento de obras. É essa parte aqui ó, tá vendo? Os assuntos, as bases de editoras, de observação, enfim, toda a parte de uma catalogação, catalogação de obras né? Descritiva, a parte de descritiva da obra, da matemática. Então é isso, basicamente isso.

APÊNDICE C - PROTOCOLO VERBAL INDIVIDUAL – IFCH – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP “Biblioteca Prof. Dr. Octávio Ianni”

Caracterização do sujeito da pesquisa: Bibliotecário

Tema da pesquisa: Catalogação de assuntos de livros em biblioteca universitária em área específica

Início: 0:00:00 min

Término: 0:28:05 min

Duração: 28min05seg

Fonte de informação utilizada: Livros da área de Humanas

Formulário utilizado: Pesquisa Assistida

Campo de pesquisa: Humanas

Pesquisadora: Daniela Majorie dos Reis

1 PESQUISADOR

Pode começar.

2 SUJEITO

*Ok. Então vou fazer como eu faço. Essa obra aqui, essa obra eu sei que é “Aristóteles”. Então eu sei que, e “dialética”. Então, ela é mais fácil de usar, de colocar o assunto por ter um filósofo, porque então vai ser dentro de **filosofia antiga** e aí eu vejo os outros assuntos, dou uma olhada aqui. Como tá em inglês a gente procura nas bases. Olho aqui, por exemplo, aqui a gente usa o Book Where, por exemplo, essa base aqui, eu importo o registro desse livro. Eu não sei se todas as bibliotecas têm. A gente/ eles assinam isso aqui na UNICAMP, nessa base a gente acessa várias bibliotecas do exterior, geralmente a gente usa a biblioteca do congresso. Então esse registro, praticamente tá pronto, eu só vou acrescentar alguns assuntos e a classificação que aqui no registro tá dentro de “metafísica”, e o assunto desse livro não é metafísica, é **dialética** e eu vou colocar dentro de **filosofia antiga**. Então o que eu faço, vou lá, importo o registro, a gente usa o Marc aqui, vou no meu Sophia... Aqui, então, o registro tá todo aqui. Esse livro tá aqui, então o que eu faço, eu limpo os dados que a gente usa e adapto os assuntos e a classificação. Que aqui eu vou mudar certo? Aqui eu vou colocar 185, vou por o Cutter, vou tirar algumas coisas que a gente não usa, e vou acrescentar aqui no assunto, a **filosofia antiga**.*

3 PESQUISADOR

Então vocês aproveitam o registro?

4 SUJEITO

A gente aproveita o registro, a gente importa o registro que é em formato Marc e vem aqui. Daí eu mudo aqui os indicadores... E esse tá fácil entendeu?

5 PESQUISADOR

E aí no livro você procura onde os assuntos?

6 SUJEITO

A gente usa a página de rosto, a gente vem nessa ficha catalográfica que tem.

7 PESQUISADOR

Pelos assuntos?

8 SUJEITO

*Pelos assuntos. Aí, quando eu tenho muita dificuldade eu vou traduzindo entendeu? Eu traduzo aqui a parte de final do livro {mostra a contracapa do livro}, geralmente a gente usa também a conclusão. Da conclusão a gente tira muito assunto. Aí, o que ajuda muito também é essas bases que a gente usa. Que a UNICAMP usa. E essa daqui, por exemplo, é o Bibliodata, que é o PesqBib. Por exemplo, essa obra aqui não tem. Essa obra não vai ter. Então eu coloco o autor, por exemplo, obra pelo editor a gente não usa, não coloca, entra direto pelo título. Eu vou procurando, entendeu? Até a hora que eu acho. A gente tem a BN, biblioteca nacional, do Rio de Janeiro. Deixa eu salvar aqui. Vou fazer um livro inteiro pra você ver e pra eu não perder o registro. Então quando eu salvo, ele não aparece aqui. Então eu tenho que fazer a busca depois no meu Sophia. Porque eu tenho livros em alemão... Esses aí são mais difíceis, então eu vou deixando... Eu peço ajuda para professor, a biblioteca do IEL ajuda a gente quando a gente precisa... Aqui, achei ele aqui, eu abro o registro, então o que eu faço, eu tiro todos os indicadores que eu não uso. Aqui eu adapto a data, aqui eu tenho que trocar o país, eu acho que é Estados Unidos aqui. Aí a gente tem que ver se o material é ilustrado, aí você tem que folhear, assim, se ele tem mapa, se ele tem retratos a gente não coloca, só coloca se é ilustrado. Aí a gente coloca aqui, especializado, isso aqui a gente não usa, esse também não, a língua tá certo, a gente coloca o ISBN, sempre no material a gente coloca brochura, daí a gente muda aqui ó. Esse Book Where é muito bom. Aqui o 040 é a biblioteca de origem, então a gente muda pra UNICAMP. Como se fosse a gente que tivesse... Agora a classificação aqui eu vou colocar 185 dentro de **Filosofia antiga**, e a gente tem o OCLC do Cutter online. Só que assim, a gente tem que pesquisar, mas às vezes a gente tem que ir no papel porque os artigos, o “s” as vezes vem com número a mais, e a gente tem que tirar. E as preposições, artigos, a gente também tira daqui. Aqui, só que tudo é, a pontuação tem que ser certinha... A gente corrige muito livro, tem muito livro do projeto {projeto FAPESP} que a gente tem que ficar corrigindo muito livro do pessoal do projeto, que agora vai começar outro. Ó, lá embaixo, a data tá 1999. Mas é de copy {copyright}, tá vendo aqui, só que eles não colocaram, então tem que voltar aqui atrás e arrumar. Então a gente tem que estar sempre atento. O tempo todo. Por isso que tem gente que prefere não importar registro. Aí você confere a paginação, se tem realmente 251 páginas, isso aqui a gente não usa. Esse também não usa. **Aristóteles**... Aí a gente coloca, eu vou mudar o lugar aqui da **dialética**, eu vou colocar **Filosofia antiga**, primeiro pra justificar o 185.*

9 PESQUISADOR

Isso no assunto?

10 SUJEITO

Isso, por ordem de prioridade entendeu? Depois eu vou colocar aqui, então eu acrescento aqui no 650 que é o Marc, é, isso aqui você tem que fazer, então o que que eu fiz, eu inverti o assunto. Então aqui eu venho e arrumo os delimitadores, aí esse [Sim May], deixa eu ver quem é ele. Ele é o editor, então ele não aparece aqui em cima. Só como editor, não como autor. Aí a gente tem que dar uma entrada pra ele aqui no 700, e dizer o que ele é. Aqui eu venho e colo o termo relacionador dele, que é editor. Praticamente o registro tá pronto. Esse aqui eu não uso.

11 PESQUISADOR

E quantos assuntos vocês costumam colocar aqui?

12 SUJEITO

Mais de três.

13 PESQUISADOR

E nesse você colocou quantos?

14 SUJEITO

Dois. Porque aqui já fala tudo, **“Filosofia antiga”** e a **“dialética”**. Mas tem lugar que a gente põe muito. Aí tem o conteúdo, tem um monte de, por exemplo, quando tem uma informação local, por exemplo, se é uma reimpressão a gente tem no 590 uma nota local. Agora aqui eu vou colocar o patrimônio do livro. O que eu ponho aqui, o “A” vai ser o lugar, o “D” é a classificação, e o “seis” é o tombo, aqui eu ponho IFCH, eu acho que eu coloquei errado aqui. Peraí. Aqui, IFCH, aí eu vou colocar a classificação, eu não sei se você tá me entendendo... Aqui é o número de tombo que a gente coloca que vem aqui ó. Porque a gente consegue recuperar esse material por ele, e o empréstimo é feito por ele lá na frente. Aí a gente vem aqui e acrescenta. Suporte, ele é impresso, aqui, permite a circulação, e pronto. Depois a gente faz as etiquetas. As etiquetas é... Pra gente gerar as etiquetas é sempre trinta, a gente tem lá as etiquetas, daí a gente vem aqui no programa e gera aqui. Acho que aqui não vai visualizar nada. Porque eu não salvei. Ó, tá vendo? Aqui já sai a etiqueta pronta. Aí eu venho aqui, coloco a classificação do livro, e o código de título que é pra recuperar o material que é esse aqui. Pronto, tá pronto o livro. Por exemplo, vamos ver um livro aqui da **história da arte**. Esse aqui também é outro que o assunto é Aristóteles, entendeu? Por exemplo, esse livro aqui o que seria, o que que a gente faz, a gente dá uma olhada, ó, a gente aproveita aqui, se realmente é “meio ambiente”... A gente dá prioridade no que tá mais em ênfase no documento entendeu? Ó, esse livro aqui é **“historia da arte”**. Aí, o que a gente faz com livros de **“historia da arte”**, às vezes eu tenho muita dificuldade, daí os professores vem aqui e me ajudam. Por exemplo, **“Paisagem”**, por exemplo, eu não sei se ele vai ser um livro de artista, ou se é de uma exposição, porque aqui está na “Pinacoteca de São Paulo”, mas quando é o nome de um artista a gente coloca direto no artista. No **artista**, entendeu? A gente vai direto e... esse daqui tá parecendo uma exposição. {com base na capa do livro} Então a gente coloca tudo, o nome, as paisagens, onde foi também, tem uma nota, “catálogo de exposição”, porque aqui tem muito “historia da arte”. Eu acredito que isso seja uma exposição mesmo. Aqui nem tem a ficha, a fichinha catalográfica ajuda muito. O nosso coordenador aqui prefere que a gente use os dados da ficha. Porque as teses aqui, a gente que faz as fichas catalográficas, para a defesa, porque sem essas fichas não tem a defesa. Entendeu? Só que a gente tem a ajuda do aluno. Porque ele vem, ou manda por e-mail, e coloca o assunto. Daí a gente faz a pesquisa. E às vezes não encontra o assunto. Daí a gente fica tentando até encontrar o assunto que o aluno quer. Às vezes eles ficam bravos. Qual é o assunto evidência que a gente não tem a gente abre. Mas tudo com permissão da biblioteca central. Ó, esse aqui é um livro sobre os [nipo brasileiros] {leitura d título na capa do livro}. Deve ser também **“historia da arte”**. Ó, entendeu? Agora, na dúvida eu pergunto pro professor. Tá? Mas geralmente é exposição. Entendeu? Então, esse aqui é direto em artista. **“Pintores”**, então a gente vê se é francês, coloca... esse aqui é professora daqui {autor}. Então é ele escrevendo sobre esse artista. Então a obra vai sair por ele. Por exemplo, esse aqui, [Mulher na conquista do Brasil] {leitura do título}, então esse aqui é fácil. Vai ser sobre **“mulher”**, então a gente procura saber o que é, mulher, **condições sociais, aspectos sociais**, ó, **historia da mulher**, então já tem uma classificação específica. A gente usa o OCLC online e essa daqui. Às vezes a gente tem no OCLC esse aqui ó, 301... Aqui, on-line, a **mulher** vai ser 305, aqui em papel vai ser 301, porque muda a edição. Então, a gente tá tentando padronizar usando só aquele ali {online}. Então aqui é onde a gente vem procurar os assuntos, e esse daqui é meu inseparável {CDD}, então você pode optar tanto por esse

quanto pelo online, só que esse é a décima oitava edição, aquele ali tá mais atualizado, tem mais extensões da classificação. O que mais você quer saber?

ENTREVISTA RETROSPECTIVA:

15 PESQUISADOR

Com relação ao livro, quais partes da estrutura dele você consulta pra determinar os assuntos? Eu lembro que você falou que usa muito a conclusão. Tem mais alguma parte que você consulta quando tem muita dúvida?

16 SUJEITO

*Então, a gente pede ajuda com os amigos ((RI)), a gente vai lá e pergunta, o que que você entendeu disso aqui? O que que você acha que é, porque as vezes, olha, isso daqui é **historia da arte** também.*

17 PESQUISADOR

Vocês olham as figuras?

18 SUJEITO

*Não, tem que olhar aqui dentro mesmo, aqui ó, isso aqui é **historia da arte**, ó, esse título aqui, esse aqui não tem ficha catalográfica, então o que a gente faz, será que é **filosofia**? {olha o sumário} Isso aqui vai ser "**filosofia**" porque fala de **dialética**, **identidade**, então a gente vai tirando tudo que tem. Mas aí a gente olha no meio, lê o resumo, a apresentação, a apresentação geralmente não porque a gente lê o sumário. E quando tem conclusão, a orelha.... então esse livro aqui vai ser **dialética**, dentro de **filosofia**. Então a gente dá uma olhada {consulta os capítulos do livro}, na dúvida a gente pede ajuda pra alguém, e tem muita ajuda ali também né. Mas às vezes o que tá ali não é o que a gente encontra aqui. Uma vez eu peguei um livro que era de "**lógica**", e tinham colocado "arquitetura" aqui, e não tinha nada ver entendeu? Porque às vezes tem livro na **filosofia** que fala da **arquitetura**, mas não é relacionado à **arte**. Entendeu? Então a gente troca. Ó, esse aqui, [Cogitações sobre o número] {leitura do título}. Do que será isso né? Aí a gente tem que procurar. Aqui, o que que a gente vai ter que fazer, se está falando de cogitações sobre o número, deve ser automaticamente algo sobre o **número**. Aí o que que eu faço, vou procurando. Vou lendo, procuro ali {bases online}, às vezes não tem nada a ver o título com o que tem no livro entendeu? Então é uma coisa de ficar lendo e procurando. E aqui às vezes são as dúvidas que eu vou deixando. Porque é livro em espanhol... Mas uma hora eu consigo fazer. De repente isso aqui não é nem nada sobre o "número". Vamos ver, é sobre... **Arte**. Vamos ver se eu acho alguma coisa sobre isso aí. Aqui eu vou consultar a biblioteca nacional, que tem bastante coisa. Esse aqui nem ficha catalográfica tem, vamos ver... A, tem aqui atrás ó, é **arte** mesmo. Então não tem nada a ver com o número, então foi um trabalho com arte. Então, tem uns livros em alemão que são difíceis de fazer. Esse aqui já tem algumas dicas na página, ó esse aqui é todo sobre "religião", entendeu, porque alguns não tem nada. Aí tem que conseguir ajuda de alguém pra fazer. Alguns deles além de estarem em outra língua, por serem mais antigos, a gente não entende a grafia, daí tem que encontrar um professor que entenda do assunto, que entende de alemão pra gente tratar o livro né. A parte mais chata é mesmo fazer a parte de assunto, a de Marc nem tanto. E então é isso, a gente tem também um manual de Marc aqui das bibliotecas da UNICAMP, se vocês precisarem é só entrar em contato que eu passo. Esse manual a gente sempre usa, a gente tenta padronizar ao máximo as catalogações. Porque algumas coisas a gente nem usa mais, eu uso bastante esse aqui que é mais antigo porque tem umas anotações que fiz, mas é a mesma coisa. Esses livros em*

espanhol a gente quase não acha, tem que procurar na universidade deles, esse aqui é do Peru. A gente usa muito o resumo desses, procura nos capítulos e tenta descobrir o que eles tão falando. E é isso, não sei se você quer saber mais alguma coisa.

19 PESQUISADOR

Não, era isso mesmo.

APÊNDICE D - PROTOCOLO VERBAL INDIVIDUAL – IMECC – Instituto de Matemática, Estatística e Computação Científica da UNICAMP “Biblioteca do IMECC” (BIMECC)

Caracterização do sujeito da pesquisa: Bibliotecário

Tema da pesquisa: Catalogação de assuntos de livros em biblioteca universitária em área específica

Início: 0:00:00 min

Término: 1:15:37 min

Duração: 1hr15min37seg

Fonte de informação utilizada: Livros da área de Exatas

Formulário utilizado: Pesquisa Assistida

Campo de pesquisa: Exatas

Pesquisadora: Daniela Majorie dos Reis

1 PESQUISADOR

Pode começar. Você pode fazer do jeito que você faz normalmente tá? Se você quiser fazer todo o curso da catalogação, pode fazer. O que eu vou observar mesmo é a catalogação de assunto que você faz.

2 SUJEITO

*Então tá, eu acho melhor eu fazer só o assunto dos livros, vou te mostrar como eu faço. Assim fica melhor pra você e pro seu trabalho. O primeiro passo pra definir o assunto... Eu vou ter que ir um pouquinho antes do assunto, porque pra fazer o assunto do livro, eu tenho que verificar se o livro já não consta na base pra que ele não duplique, porque muitas vezes ele pode ser uma duplicata, tá? Então eu vou pesquisar esse livro aqui, [Managing gigabytes]. Pelo título, eu já vejo mais ou menos onde ele vai se encaixar. Por exemplo, se ta falando de “administração de gigabytes”, é de **computação**. Da área da computação, então eu já fico esperta pra esse assunto, se ele ta direcionado pra essa área. Aí eu digito o título e clico em busca... Não recuperou nada. Mas eu não me contento só com essa pesquisa, eu faço outras, porque às vezes o título na base tá errado ou eu digitei errado, daí não recupera. Se eu tiver suprimido uma letrinha, ou na base tiver uma vírgula, um espaço, um ponto, eu também não vou recuperar. Então eu verifico se eu digitei certo, neste caso eu digitei certo, mas não encontrei. Agora, vou fazer uma pesquisa pelo autor, porque o autor também vai me determinar em qual assunto o livro vai ser definido. Porque geralmente os autores, eles escrevem dentro de uma linha né? De pesquisa, de pensamento. E não muda muito, daí eu já me baseio por aí também. É uma outra forma de definir. Eu ainda não tô definindo o assunto, mas ele já ta me dando indícios de onde o assunto, o livro vai ficar, que área pelo menos. Eu sei que é da **computação**. Agora o autor, vamos ver se tem mais algum livro escrito por ele. Aí eu digito aqui no campo de autor, o autor. O nome do autor e clico em buscar. Ó, na nossa base, da UNICAMP, eu encontrei, aqui eu recuperei três obras escritas por ele. Pode ser que não foram escritas por ele, mas foi recuperado o nome dele em algum momento desses registros. Pode ser que não seja como autor, mas como colaborador, ou organizador. No caso, essa obra, eu já observo que assunto que ficou o livro que ele fez ó, “communication with microcomputers”, bom eu não sei pronunciar muito bem o inglês, mas se refere à comunicação com microcomputadores. Então eu to no caminho certo de que essa obra é sobre computação. Inclusive, esse livro aqui que eu to vendo, ficou dentro do assunto **microcomputadores**. Porque, geralmente a gente pega palavras que tem assim no título, mas mesmo assim é muito subjetivo porque às vezes a palavra tá constando no título, mas não trata exatamente daquele termo que você acha que poderia ser. Mas nesse caso coincidiu, do*

assunto dessa obra, dessa primeira obra recuperada aqui na base se tratar de “computadores” e “microcomputadores”, foram esses dois assuntos que ficaram definidos pra essa obra. Aí eu vejo o segundo ó, “data mining”, “processamento de dados” também. “Técnicas de leitura de máquinas”, e o outro é “sistema de reconhecimento de padrões”. Esse é a mesma obra só que de anos diferentes, então são duas obras na verdade que trata de **“processamento de dados”**, e essa obra eu vou, como não tem mesmo, eu já vou aproveitar que to com a obra e o registro pronto, eu vou pegar o Cutter pra eu não ter que fazer a pesquisa do Cutter de novo, daí a letrinha do título vai ser “m”. Agora nos vamos ver o assunto desse livro. “Managing”, geralmente eu traduzo quando eu não sei, eu acho que é “administração”, aqui ó, “compressão e indexação de imagens e documentos”, então provavelmente, esse, o assunto vai ter alguma coisa sobre indexação de documentos e imagem. Disso eu já tenho certeza, daí eu vou procurar um termo na base que trate de “processamento de imagem”, se tem um termo que seja sobre isso. Então, como você pode ver, eu to usando o título do livro pra me basear no assunto, fora a área que eu já verifiquei, que é dentro de “computação”, que o autor já escreveu antes e tá dentro dessa área. E agora eu vou verificar na base, na nossa base, a gente usa uma lista de cabeçalhos de assunto do PesqBib, que foi gerada do Bibliodata Calco quando a gente fazia cooperação com eles. Hoje a gente utiliza só pra informação de assunto e de outras obras que também constem lá, mas nós vamos começar a desenvolver nossa própria lista de cabeçalhos de assunto. Estamos fazendo um estudo aqui na biblioteca, na UNICAMP.

3 PESQUISADOR

E serão com todas as bibliotecas?

4 SUJEITO

Sim, todas as bibliotecas da UNICAMP, cada uma vai ficar responsável por uma parte, por uma área, aí a gente vai fazer nosso próprio Thesaurus. Porque no momento a gente tá usando o PesqBib. Que é um produto do Bibliodata Calco, um produto bem antigo. Acho que nem é da sua época ((RI)) né? Era um programa de cooperação de catalogação, cada uma registrava um livro e se outra tivesse o mesmo livro, puxava o registro e copiava pra sua base. Daí a gente mudava os dados pessoais da biblioteca, que é diferente uma da outra, daí acabava sendo aberto o campo de assuntos, pra você colocar o assunto que mais te interessa, porque você deve ter uma noção que os assuntos, dependem de vários fatores né? Depende do olhar de cada um né? Da especificidade da biblioteca, pra gente poder mudar e definir o assunto. Então a gente tinha essa liberdade de definir os assuntos, mudando, alterando, mas a catalogação em si a gente pegava. Que a gente ainda usa. Eu vou aqui na base de assunto e vejo se tem alguma coisa de “processamento de imagens” ou de “documentos”. Ou “indexação” na verdade. Vamos ver o que tem aqui sobre indexação... “processamento de imagens”, “técnicas digitais”, tem olha, “processamento de imagens”, eu poderia estar usando, mas esse livro não trata das técnicas, mas acho que do sistema que é utilizado pra fazer a indexação de imagens “no do computador, então, poderia ser só “sistema de processamento de imagens”, vamos ver se tem... Não, não necessariamente vai existir as palavras do jeito que a gente quer, mas a gente achando “processamento de imagens” já reflete o conteúdo do livro. Então esse é um termo que eu já anoto aqui como um termo definido de assunto. Tá? Esse termo como assunto desse livro, **“processamento de imagens”**, eu vou ver agora se tem outro que eu também possa utilizar. Agora a gente dá uma olhadinha no, dentro dele especificamente, no conteúdo assim {olha o sumário} (...) {folheia o sumário}.

5 PESQUISADOR

Pelo jeito vocês tem muitos livros em inglês aqui né?

6 SUJEITO

*A maioria, 99% deles. Ó, pelo que eu to vendo, esse livro trata mesmo de “processamento de imagens”, “técnicas digitais” daquilo que eu tinha achado. Aqui, todos eles tão falando de busca, como que é feito, as técnicas usadas pra desenvolver esse sistema de busca, sistema de indexação, ó, modelos de dicionário, mas dentro dessa parte técnica de processamento, que a gente não entende muito bem como faz, como que o profissional, o analista desenvolve um programa de recuperação de imagem e documentos. Mas esse livro realmente trata das “técnicas de processamento dos textos e das imagens” até vou verificar se tem “imagem textual”, então eu vou dar uma olhada se nós temos algum assunto dentro dessa idéia de **processamento de imagens e textos**. Aqui ó, “processamento de imagens, técnicas digitais” porque eu já tinha visto lá no PesqBib.... Agora vou ver se tem de “processamento de texto”, porque esse livro trata tanto da imagem quanto do texto. E aí, seu eu colocar esses dois eu já vou estar definindo todo o conteúdo desse livro.... Como aqui recuperou muitos registros sobre “processamento de texto” que é um termo muito comum, e que vai ser encontrado em qualquer lugar, eu coloquei em termo livre, eu vou pesquisar aqui, pela própria seleção de assuntos, na própria base de assuntos. Tem olha, “processamento de texto – computação”. Vamos ver se tem mais alguma coisa que eu possa {folheia o sumário}.*

7 PESQUISADOR

O sumário desses livros são bem complexos né?

8 SUJEITO

São bem detalhados né, tem bastante informação que ajuda você também... Eu já coloquei assuntos sobre imagens e documentos, queria ver se tem alguma coisa sobre “compressão”. Vou colocar essa palavra aqui pra ver o que tem, talvez... Eu tinha já colocado antes... Ah, deve ser aquela parte que você tem que reduzir, alguma coisa, então vamos ver se tem alguma coisa de “compressão de dados” aqui na nossa base. Olha, “compressão de dados – computação”, então, a maioria dos termos que eu usei foi do título, você pode tá percebendo né?

9 PESQUISADOR

Do título e do subtítulo né?

10 SUJEITO

Título, subtítulo e um pouco do conteúdo {refere-se ao sumário} pra confirmar também as informações. “Compressão de dados”, aí eu vou anotando num papel, porque depois eu vou ter que definir a classificação dele, e qual vai ser o número de classificação, então eu vou anotando pra ficar mais fácil. E também pra checar porque quando eu for fazer esse livro, a catalogação propriamente dita, eu vou pesquisar ele em outras bases como o Book Where. Pra ver se eu encontro o registro, trazer a catalogação já pronta pra não ter que refazer. Aí, eu verifico se os meus termos estão de acordo com os deles. “Compressão de dados – computação”... Eu peguei tudo já, os três assuntos que eu acho que tá refletindo dentro do assunto desse livro.

11 PESQUISADOR

Quantos assuntos vocês costumam colocar nos registros?

12 SUJEITO

Uns três a quatro. Às vezes até um só é suficiente. É, porque um termo já diz tudo, então não precisa mais nenhum outro. Depende do livro mesmo, neste caso eu vi que o livro trata do **processamento, indexação e compressão de documentos de textos e imagens**, e aqui eu já consegui colocar todos em três assuntos, abarcar todos. (...) Agora, eu já vou definir o número da classificação dele também, a gente tem na base pra esses assuntos, a gente baseia a classificação a partir do primeiro assunto. Porque quando eu for lá buscar esse livro eu também checo essa informação se tá coerente. Porque quando eu recuperar esse livro no Book Where eu vou encontrar a catalogação dele pronta com os assuntos e com a classificação. Daí eu coloco aqui no campo de assunto meu primeiro assunto que é “processamento de imagens – técnicas digitais”, enter. Daí ele vai recuperar que tratam desse assunto, aí eu vou verificar a maioria, o que já tem no IMECC que já tem nesse assunto. Eu vou fazer isso agora, eu vou refinar minha busca só para os livros do IMECC, porque pesquisar olhares de outras bibliotecas que não tem outra visão pode atrapalhar. Aí quando eu coloco aqui IMECC, eu recupero todos os livros que tem sobre esse assunto. Ta dando pra você entender? Tá olha, tem esse livro aqui, eu olho direto quando tem a palavra exata que eu to procurando mesmo, porque recuperou muito né, daí eu já parto aqui para “digital image processing” 621.367. Eu não sei se vai ser esse tá, mas eu já vou colocar aqui só pra não perdê-lo. Vamos ver esse outro aqui... Ah, tem o mesmo número, aí eu verifico se o primeiro assunto do livro ta com o mesmo número de classificação. Se vai ser esse número mesmo, “técnicas” é, esse mesmo. 621.367, tá vendo, todos que eu pego aqui, tá no 621.367. Tá, agora eu vou lá no/ aqui nesse mapa mundi, nesse ícone eu vou na pesquisa da obra, no Z39.50 que a gente chama, mas traz todas as obras que estão no Book Where, a única diferença é que no Book Where, é que esta base só recupera assim de trinta servidores que são as bibliotecas que eu posso selecionar aqui pra recuperar só de trinta e não recupera de mais de trinta entendeu? No Book Where não, a gente pode recuperar se quiser, da setecentas, quase oitocentas bibliotecas que tem. Então é um pouco mais restrito, mas também, a pesquisa fica muito lenta quando você busca nessas oitocentas, você leva um tempão pra ver todas. Então, eu prefiro que restrinja um pouco as bibliotecas e coloco só as de peso, as bibliotecas que fazem a catalogação mais certinho, porque tem umas que também fazem incompleta, são bastante diferentes da nossa, e a gente se baseia muito pela da Lybrary, então, pra padronizar a gente pega sempre da Lybrary que é a que a gente sempre adota como padrão. Aqui eu digito o título desse livro, na verdade agora seria a catalogação. Eu vou pular e ir pra outro livro e fazer o assunto dele, porque desse eu já acabei o assunto, desse eu até já coloquei a classificação. Vou pegar outro livro. Vou só checar pra ver se os assuntos que eu coloquei estão de acordo. Então vou procurar aqui. Pelo título e autor também, porque às vezes pelo título recupera muita coisa. Não recuperou nada? Então eu escrevi errado. ((FR)) Ah, eu escrevi “Gigibytes”. ((RI)) Então era isso, por isso que não recuperou nada. Agora sim, aqui aparece várias bibliotecas americanas, instituto da Califórnia, Lybrary of Congress, University of Viriginia, Orford University, Universidade de Ohio. Agora a gente vai ver a data, é de 1999, daí eu escolho um com a mesma data da Lybrary do mesmo registro pra importar. Eu não vou importar agora porque não vou fazer a catalogação agora. Só vou entrar pra conferir os assuntos que são o campo 650. Olha, “image processing” que é “processamento de dados”, “data compression”, coloquei “computação”, e “processamento de textos”, eles inverteram só. Mas é “sistema de processamento de imagens”. Deixa eu ver, esse último eu não coloquei, eles colocaram quatro, e eu três, e esse último aqui deixa eu ver se nós temos, eu copio e colo aqui no Pesq, [sistema imagiadores de documentos], ((FR)) daí eu aproveito e uso. ((RI)) eu dou uma colada aqui. “sistemas imageadores de documentos” e agora, eu vou manter aquele, que eles colocaram “telecomunicação” e eu “computação”. Ó, “telecomunicação” não tá errado porque é um termo que tá relacionado com “computação”. Então não tá tão fora deixar

como “computação” como eu tinha definido. Entendeu? Porque ele tá relacionando os dois, e o resto tava certo. Agora vamos ver a classificação deles, nossa, tá completamente diferente do meu ((RI)), vamos anotar aqui, 651.502255874.... grande o número. Vamos fazer o seguinte, vamos copiar e colar pra pesquisar na base, qual o assunto que esse número traz na nossa base. Eu tiro aqui IMECC porque pode ser que a gente não recupere nada aqui. Nada, a gente não usa esse número, vamos tirar alguns números e deixar só a raiz. É específico demais esse número. Eles foram muito específicos. “Arquivos”? Nossa que estranho. “Arquivos eletrônicos”, tudo bem não tá tão diferente, “Arquivos judiciais”, aqui tá assim, ele tá dentro... “Arquivos empresariais”, não tá, esse assunto não tá, essa classificação não tá adequada pra nossa base, porque todos estão como “Arquivos empresariais” e o meu livro não é sobre isso. Mas sabe por que tá dando essa diferença? Eles não estão errados e nem a gente, é que eles têm um olhar diferente, esses arquivos são eletrônicos então são **arquivo** de certa forma, isso também é administração de arquivos também. Porque tá indexando textos e imagens, são arquivos, então tem essa visão também entendeu? Mas pra gente, o termo processamento de imagens tá dentro do 621.367, então eu mantenho esse, que tá coerente com a base. Porque se eu colocar 651 ele vai entender que é “arquivo”, e aqui não é só arquivo, é maior que arquivo, uma coisa muito mais ampla.

13 PESQUISADOR

Porque quem usa aqui a biblioteca não vai procurar dessa forma né?

14 SUJEITO

Não vai. Aí então, esse livro já tá definido o assunto, então eu vou pegar um outro pra gente fazer. Vou deixar ele aqui do lado pra eu fazer a catalogação depois. [Network Flows] {lê o título}, vamos ver o que é isso. “Rede de fluxos – teoria, algoritmos e aplicações”, as “aplicações de redes de fluxos”. Aí eu já vou verificar na base se nós temos algum assunto que se trata da “aplicação da rede de fluxos”, então vamos ver, pode até ser que a gente já tem esse livro. Porque foi como eu te falei, a gente busca antes pra ver se já não tem na base. Eu acho que vai recuperar muita coisa. “Network flows” vai achar muita coisa, e essa é a minha intenção, não vou colocar ainda o subtítulo, e nem o autor pra recuperar mesmo o que tem na base com esses termos tá? Que já ajuda pra mim também. Olha tem um, vamos ver, “network flows”, olha, tem ele já. “teoria, algoritmos e aplicações”, é o mesmo autor tá vendo, o mesmo título e mesmo ano também, 1993, e agora eu vejo se tem o mesmo número de páginas, porque às vezes é uma impressão diferente. Eu confiro pra ver se bate, 846 páginas, então, esse aí pra gente não interessa. Porque já tem na base, deixa eu pegar outro. Agora esse aqui, deixa eu ver o título, quando eu não sei ler direito, quando o sentido é diferente, eu uso aqui o tradutor pra dar uma noção mais ou menos do que se trata o livro, que já é uma grande ajuda pra definir o assunto. Porque sem você souber o que tá escrito no título não dá nem pra você começar a fazer nada. Olha, todos esses livros são sobre **recuperação e armazenamento de textos**? Eu acho que é “recuperação da informação dentro da computação”, porque não é um livro que trata de como a gente faz a indexação, mas é da área da computação, como os dados entram no computador, no sistema. Então eu acho que, ah, tem uma coisa também que traz a informação do assunto, é a ficha catalográfica, tem uns livros que tem a ficha catalográfica aqui atrás {refere-se ao verso da folha de rosto}, e outros não tem, por exemplo, deixa eu ver se esse aqui tem. É, esse tem. Da Lybrary of Congress, que é biblioteca que a gente se baseia pra tá copiando os dados, porque a gente acha que é uma das melhores catalogações. Aí esse aqui olha, o assunto dele é “Administração de bases de dados” e “recuperação da informação”, que é o assunto que eu ia pesquisar. Aí eu vou aqui na base, no Pesq e já verifico se esse assuntos são adotados pela gente, se eles estiverem aqui a gente pode usar, porque já é um assunto que tá padronizado. Eu coloco ele em inglês

mesmo, porque se ele estiver aqui ele me dá o termo em português.... Só que pra gente não é da mesma forma como pra eles, aqui é “banco de dados – gerência” e é assim que ele vai ser usado, aí eu já deixo anotado aqui no papel o termo que vai ser, e o outro é o ((FR)) próprio título do livro quase, você percebeu? “Information Storage and retrieval”, “sistemas de recuperação da informação”. Esse foi bem mais fácil, eu vou deixar assim. Eu posso usar o subcabecalho ou não, eu no caso, é que aqui tem o “managing”, onde foi que eu vi esse termo? Foi no outro livro né? No primeiro. Eu vou deixar só assim mesmo, “sistemas de recuperação da informação”. Então, aqui, o primeiro livro que eu fiz, eu tirei os dados do título, o assunto, e um pouco do conteúdo dele, na verdade o sumário. E desse livro aqui eu tirei da própria ficha catalográfica que tava atrás dele da Lybrary, na página de rosto. Então eu já copieei os assuntos, mas isso não significa que a classificação vai ser a mesma que eles adotam. Depois com esse assunto, eu verifico na base nossa quais são os números adotados pra esse livro. Bom, esse aqui já tá pronto, agora esse aqui, ((FR)) que eu já vi que tem uma ficha aqui atrás, e a gente vai fazer por ela. Não, vamos supor que eu não vi a ficha, eu ainda não vi, mas olha, é a mesma, olha. [Modern information retrieval] {lê o título do livro} “Recuperação da informação”, então esse com certeza é sobre “sistemas de recuperação da informação”, ó, é isso mesmo, e só tem um assunto, porque, porque esse um já disse tudo, o próprio título já tá falando sobre isso. Esse foi um bom exemplo pra te dizer que não tem necessidade colocar três quatro termos às vezes. O primeiro que eu fiz tratava de várias coisas. Então esse daqui já tá definido e eu me baseei pela ficha catalográfica que tá no verso da folha de rosto, e também no título, porque sem eu ver a ficha eu já tinha definido. Já tinha uma idéia. Aqui já deixo pronto também, que vai ser “sistemas de recuperação da informação” e só tem um. Não tem outro, aqui já é o autor, você conhece essa parte né? Agora vamos pegar outro... Dicionário esse, de **processamento** também, de **imagens e algoritmos**, usando a **linguagem em C**. Então provavelmente vai ser “processamento de imagens – dicionários”, e “algoritmos” ou algo relacionado à “linguagem de programação – dicionário”, provavelmente ó, vou até escrever o que eu acho porque deve ter a ficha catalográfica aqui, e já vai ter.... Ah, tá aqui mesmo, olha, “C”, “linguagem de programação de computadores”, ((FR)) só que eles nem colocaram dicionário. Eu colocaria, a palavra dicionário como subcabecalho de assunto, porque é um manual de linguagem de programação C, do C, um programa de computador, ó, “Algoritmos de computador” e “técnicas digitais”. Pelo título também eu já tinha uma noção, agora eu vou confirmar, mais um que eu me baseei pela ficha que tá no verso. Agora vamos pegar outro. Vou deixar separado. Vamos pegar esse. “Processamento de imagem” também, e esse é uma boa porque não tem ficha catalográfica, mas esse aqui também ó, vamos buscar, primeiro pesquiso ele. Se bem que colocando esses dois termos que já é o título do livro, eu vou recuperar milhares aqui, porque são termos muito comuns e eu vou até colocar aqui a biblioteca do IMECC, porque vai recuperar muitas obras que não vão me interessar. Porque eu posso encontrar coisas que não tem nada a ver. ((FR)) Nada, acho que eu escrevi errado... Não escrevi não, vou tirar isso aqui então da biblioteca do IMECC. Tem alguma coisa estranha aqui, vou limpar tudo, porque não é possível não ter, são termos comuns demais. Não mesmo, não tem nenhum título de livro que tenha essas palavras, mas eu posso colocar elas aqui no campo de palavras chave pra ver os assuntos que tem relacionados a esses termos ó, e não vieram muitos. “Recuperação de imagens”, que aqui também ó, recuperação e busca. Então, os assuntos que tiverem nessa tese, servirão pra esse livro. Então era isso mesmo que eu já tinha pensado. Daí, eu tive essa noção de assuntos, de que o livro se trata de “processamento de imagens”, por causa do título e “sistemas de recuperação” também. Acho que é de “imagem digital”, vamos ver. É, daí eu vou aqui na base e coloco esse termo assim, “recuperação de imagens digitais” pra ver se já tem alguma coisa, ó, não recuperou nada, em lugar nenhum, daí eu limpo e colo só “imagens digitais”, pra ver o que ele recupera. “imagens térmicas” e

“detecção de conteúdo”, não me interessa, agora vou no Pesq. Acho que não vai ter nada. Ah, “processamento de imagens”, então é esse mesmo que a gente vai usar, “processamento de imagens – técnicas digitais” e o outro, “sistemas de recuperação da informação”. Aí, eu verifico aqui, vou nesse mundinho aqui pra gente pesquisar esse livro aqui, porque ele não tem ficha catalográfica. Vou por o editor porque ele não tem autor. Só porque vai vir muita coisa que eu não quero. Meu livro é de 2002, editora ta certa, aí, eu to esperando ele concluir a pesquisa pra eu poder abrir o registro. Abro, e confiro os assuntos, daí, ele me deu outro, “database searching”, deixa eu ver esse, se nós temos “pesquisas em bases de dados” acho que é isso. Vamos ver. Copio e colo no Pesq pra ver esse assunto. “Banco de dados - busca”. Olha, tem um outro, cadê? Aqui, “sistema multimídia”, copio e colo. É, ampliou minha pesquisa, minha visão de determinação de assunto. Que eu só tinha recuperado dois que não tava tão fora, mas ele me indicou mais dois que poderiam ser usados, daí eu aproveito porque sempre é bom ter outros termos que ampliem a busca do usuário. E o numero de classificação eu vou colocar aqui no livro. 621.367, que é o que a gente usou aquela hora pra “processamento de imagens”. Esse livro já tá pronto também. Vamos ver esse. [Curves and fractal dimensions] {lê o título} “Dimensões fractais”, eu acho que é isso, vamos ver. Aí eu vou ver aqui na nossa base, não tem mesmo esse livro ou eu digitei errado. Vou procurar pelo autor, na base pra ver se tem algum livro dele pra ajudar no assunto. Achei um, tem a ver com esse, é do mesmo autor, mas ele tá como editor nesse, um dos editores, mas vamos ver os assuntos que foram usados. Tá dentro de “fractais”, de **engenharia**, “modelos matemáticos”. Não sei ainda se eu usar isso, ainda não sei se esse tem alguma coisa a ver com esse. Primeiro vou verificar, se tem aquele termo de “curvas e dimensão fractal”, porque são duas coisas, e eu acho que os dois que eu encontrei não vão ter. Então se olha primeiro se tem “curvas”, “dimensão de curvas” e “fractais”. Pra ver se encontra alguma coisa nesse sentido. Vou ver no Pesq o que tem de “curvas”, porque ele vai recuperar tudo que tiver sobre isso, com “curvas”, tanto no singular quanto no plural. Recuperou esses, mas nenhum me interessa. Coloco no plural, agora achei o que eu quero. “curvas em engenharia”, “curvas de frequência”, são assuntos relacionados. O que eu vou fazer vou ter que dar uma lida no “foreword”, que é o.... Prefácio, no prefácio também é bom a gente dar uma lida, uma pesquisada pra saber. Eu acho que esse livro é sobre “curvas fractais” porque a gente, o cabeçalho de assunto não é muito específico, que a Lybrary utiliza. Aqui eu to vendo que tem uma fichinha, eu sei que vai ser “curvas”, mas qual delas é que eu não sei. É, eu posso tá olhando aqui no prefácio que tipo de assuntos eles usam. Ó, aqui na introdução, na introdução tá mais bacana, porque aqui ta falando assim [esse livro contém a ciência da matemática antiga e moderna, escrito para cientistas e especialistas de ciências experimentais]{faz leitura do início da introdução traduzindo} aqui não me disse nada ainda (~~~) [mistério da hermética], ó, tá dentro de matemática, não to vendo nada de engenharia. Ó, ta aqui as curvas que eu preciso saber, olha [de fato, não há nada mais desconhecido que curvas e sua geometria e propriedades analíticas, e o assunto precisa ser restrito a noção de curvas simples, desenho de curvas simples e planas] {faz leitura do início da introdução traduzindo} olha, aqui fala de “curvas planas”, aqui tem. Então, como aqui se refere a curvas, e tem esse termo de “curvas planas e simples” é um termo que eu posso tá usando pra ele. Tem a ficha dele, mas eu to te mostrando como seria sem olhar a ficha, porque eu não vi. “Curvas planas”, de “fractais” vamos ver o que tem. Eu sei que tem. Tá vendo, essa dimensão de fractais, porque tá se referindo... Esse fractais tá dentro de “teoria da dimensão” então, também eu posso estar usando, vou colocar ele como segundo assunto. E esse terceiro aí também, “teoria da dimensão”. Porque aqui tá falando de **dimensão e fractais**. Então fica os três, e eu acho que os três tão contemplando todos os assuntos do livro. Daí, depois eu vou olhar a ficha catalográfica pra conferir. Vamos ver. Eles não colocaram “teoria da dimensão”, mas não fica fora, porque tá dentro de “fractais”, e assim, ele ta relacionado

com “fractais”, então se eu deixar os três não vou estar saindo e nem vai estar errado. Só que eles deixaram em dois.

15 PESQUISADOR

Você fez sete né? Eu acho que a partir disso nós podemos terminar, deu pra ver bem como vocês fazem aqui.

16 SUJEITO

Ok então, eu mostrei mais ou menos como eu faço, esses livros que eu fiz são pedidos de um professor só, por isso que tratam mais ou menos do mesmo assunto, mas é assim que a gente faz p determinar os assuntos para os livros daqui, que são bem específicos.

APÊNDICE E - PROTOCOLO VERBAL INDIVIDUAL – IA – Instituto de Artes da UNESP – Biblioteca “Prof. Dr. José de Arruda Penteado”

Caracterização do sujeito da pesquisa: Bibliotecário

Tema da pesquisa: Catalogação de assuntos de livros em biblioteca universitária em área específica

Início: 0:00:00 min

Término: 0:43:47 min

Duração: 43min47seg

Fonte de informação utilizada: Livros da área de Humanas

Formulário utilizado: Pesquisa Assistida

Campo de pesquisa: Humanas

Pesquisadora: Daniela Majorie dos Reis

1 PESQUISADOR

Pode começar. Vou começar a gravação.

2 SUJEITO

*Bom, aqui, a gente procura os cabeçalhos de assuntos, os assuntos pelo/ pelo Bibliodata, e pela nossa base, é... Na nossa base a gente já tem bastante cabeçalho de/ a gente teve aqui é... A gente tinha um cabeçalho básico, assim, de música, estudo, ensino, música – instruções, um cabeçalho bem básico, que já vinha definido na catalogação na fonte, que é quando o autor/ como é música, como é teatro, então o autor já define uma indicação dos assuntos básicos, e quando a gente colocou na base/ quando a gente... Pois o acervo no Aleph, isso foi em 2003, a gente tinha que por dois anos, três anos mais ou menos um estagiário que era de música. E ele reviu muitos cabeçalhos pra gente, e ele fazia a pré-catalogação pra gente né, preenchia as planilhas, ele definiu muita coisa, ajudou muito. E mais a gente não usa outro instrumento, a gente pesquisa na base Athena, no Bibliodata, na Library e... Mais a gente não tem um vocabulário aqui, escrito. Então, a gente baseia muito o Bibliodata. Apesar da gente muitas vezes não encontrar, principalmente da área de Artes. O que a gente tá precisando, que os alunos daqui usam exatamente sobre os termos, é que é pobre (...) nós temos catálogo de exposição, às vezes eu acho que a parte de música mesmo que a gente tem mais dificuldade de encontrar os assuntos, quando a gente vai fazer a catalogação de catálogo de arte até às vezes é mais simples, porque geralmente é **exposição de arte**, então geralmente a catalogação de assunto de catálogo de exposição não chega a ser muito difícil não/ não é muito complicado não. Agora esses termos de música, principalmente música moderna, contemporânea, que é bem diferente, que a gente encontra né? Daí a gente não encontra no Bibliodata, não tem né?*

3 PESQUISADOR

Bom então eu deixo a seu critério, se você quiser fazer a catalogação completa mesmo pra não perder o registro pode fazer, mas eu vou observar mesmo a catalogação de assunto tá?

4 SUJEITO

*Tá bom então, esse aqui eu já tava no meio, ((FR)) então eu vou terminar ele, deixa eu ver em que parte eu tava. ((RI)) Eu tava bem na parte de assunto mesmo desse livro. Então eu vou terminar esse daqui, eu tava no meio, eu tinha visto que era sobre **estética na Idade Média**, pensando no título [Estética na Idade Média], ele me dá alguma indicação. Aí, eu tava olhando mesmo aqui o sumário, a catalogação na fonte, que ajuda, né? ((FR)) Muitas vezes. Deixa eu colocar aqui, eu tinha colocado “estética medieval”, “Arte e filosofia”, deixa eu*

ver se tem mais algum. Eu vou ver se tem mais alguma coisa interessante aqui no sumário {examina o sumário com cautela}... Agora eu vou acrescentar umas coisas que eu encontrei aqui no sumário e no título mesmo. Agora que eu coloquei aqui, vou localizar no sistema pelo F3 se tem esses termos no vocabulário controlado. Porque assim você acaba vendo o que tem na base, também acho que também, acaba ajudando apesar de não ser 100% confiável ((RI)) porque às vezes é colocado aleatoriamente né... Então eu digito os termos nos campos de assunto e dou F3, daí aparece os termos que já existem, que estão disponíveis na base, assim, teoricamente, o que tem no F3 seria baseado no Bibliodata... Às vezes eu também olho a orelha do livro, a contracapa, porque às vezes tem algum comentário, alguma coisa importante. Bom, acho que nesse é só. Aí, você vai só, a partir da indexação?

5 PESQUISADOR

Sim, mas pode terminar o livro.

6 SUJEITO

Ah, então tá, vou terminar então... Vou deixar ele por aqui, eu acho que vou começar por esses que eu já pesquisei na base. Pra ver se já tinha. ((FR)) Você nunca viu uma biblioteca tão barulhenta né? Tem uns caminhões, ônibus passando aqui embaixo... Olha, eu não sei, se você quiser eu posso fazer só a parte da indexação.

7 PESQUISADOR

Não, não precisa o que eu tô pedindo nas bibliotecas que eu vou é que vocês façam do jeito de sempre.

8 SUJEITO

Ah tá, porque eu costumo fazer a catalogação e a indexação direto mesmo, então vou continuar assim... Então, uma coisa que eu acho que eu acabo fazendo é, que eu resgato é que quando eu resgato assuntos de outras bibliotecas, da LC do Bibliodata, eu acabo usando, pelo menos tendo como base também o que as pessoas colocam lá como assunto. E eu sempre concordo com o que eles colocam, os assuntos que eu coloco acabam sendo um pouco iguais também. Pra saber se eu concordo com os assuntos que eu recupero, eu dou uma conferida, eu acabo conferindo no livro também, tanto que/ é às vezes não que o assunto não seja pertinente, mas às vezes não é pertinente dentro da sua biblioteca né? Eu acho que/ o que a gente imagina que o usuário procure e tal, às vezes acontece, ou complementa também, acrescenta outros. Pra conferir os assuntos eu geralmente olho o título [Estética e música], a primeira folha, o sumário... A catalogação na fonte se tiver algum, alguma outra coisa, às vezes, quando o assunto é muito obscuro eu vou pra introdução, apresentação, até mesmo pra catalogação às vezes a gente só encontra na introdução, apresentação onde que tá se é tradução de que/ como título traduzido, às vezes eles não colocam logo de cara assim, explicitamente. O título original, mas eu acho que é uma coisa das ciências Humanas né... Ah, por exemplo, aqui eu concordaria com esse cabeçalho de assunto que fizeram, tem o mesmo pra “filosofia e estética”, eu acho que é o assunto principal mesmo coloquei também “música”. Né, aqui, por exemplo, já não tem mais ((FR)) assuntos. Eu ainda tô procurando pra ver se tem mais. Ah, aqui eu já vi que é uma série, ((FR)) coisa que eu não tinha visto e que eu vou colocar aqui. Bom, nesse aqui eu acho que é só, já coloquei os assuntos que eu acho que são principais. Em média a gente coloca uns três assuntos às vezes um, depende muito do livro né, varia bastante. Deixo pra olhar depois o número de classificação desse aqui. Aí eu aproveito pra olhar também a classificação de distância, na maioria dos livros pra não ficar muito distante... Tem umas coisas curiosas que a gente encontra, é um livro ((FR)) mas tem ISSN também. Quando tem ISSN a gente não coloca não quando é livro

*mesmo, eu acabo ignorando né, é que é meio estranho, eu não sei se é ISSN da coleção... Aí de novo tem o assunto já tem o assunto já “música – filosofia e estética”, pelo título [Filosofia e música] parece que tem a ver. Aí também tem a catalogação na fonte, o sumário... Acho que esse daqui eu vou adotar, esse que já tá aqui esboçado, deixa aqui “estética”, aí eu achei uma outra coisa no sumário que pode ser interessante pra gente que é/ fala de “**notação musical**”, que eu vou acrescentar também... Aí ele tem outro assunto aqui que eu acho que tem a ver também que é “música no século 20” que eu vou colocar. Aí eu dou uma olhada aqui na contracapa que parece que tem uma propagandazinha aqui do livro, e que eu vou dar uma olhada pra ver se tem alguma coisa. Apesar de eu não ler francês né, ((FR)) apesar de ter um pouco de dificuldade às vezes na hora de catalogar né, acho que tem bastante outras bibliotecas universitárias que tem títulos/ obras em outros idiomas, em francês, mas sei lá, não tenho assim, nunca estudei francês, mas acho que ainda tem alguma relação com o português, né? Então ainda dá pra entender alguma coisa... É, mesmo quando a gente tem, quando aparece alguma coisa/ às vezes aparece muita coisa em alemão, mas são todos ((RI)) mas a gente tem sorte, esses de alemão/ geralmente partitura tem muito né, muita coisa em alemão, em húngaro, mas já vem em outros idiomas também, vem um em inglês, alemão, húngaro então sempre tem algum que você consegue ((FR)) entender. É o mais familiar que você usa, tinha outro dia/ eram uns livros de Arte mesmo, de arte da América Latina em japonês, mas é, ((FR)) era estranho ((RI)), aí pelo menos um era edição bilíngüe japonês-inglês, outra era japonês-espanhol, então geralmente dá pra aproximar alguma coisa, ou então o velho/ acaba partindo pro recurso do Google às vezes pra traduzir alguma coisa, até mesmo em francês né, existe ali o título, né, que é uma coisa importante e aquele termo pra mim é obscuro. A gente acaba tentando achar em dicionários, no Google, em algum lugar pra tentar decifrar, o que que é aquilo.*

9 PESQUISADOR

Vocês conseguem ter ajuda de professores que entendem da língua?

10 SUJEITO

Às vezes, às vezes, quando muito necessário, eles não são muito disponíveis assim, mas chegou no fim do ano passado também uma leva de partituras alemãs, assim, foi uma quantidade bem considerável, e eu acabei perguntando algumas coisas pra um professor, é, não só sobre o idioma, mas também pelo/ mas também por ser música experimental e tal, então tinha umas coisas que eu achava estranhas, que eu não entendia muito bem, acabei perguntando. Até pra saber se a gente/ era melhor colocar como partitura ou como livro, que a gente separa as partituras dos livros, e pra não ficar uma coisa ambígua eu acabei perguntando pra ele. Pra partitura a gente faz a catalogação normal, inclusive a parte de assunto mesmo. Eu mesma não entendo muito de música, aí a gente costuma colocar, dar privilégio até pro instrumento, ah, então é partitura pra violino, né então você acaba recorrendo a/ colocando música para violino, violino-partitura, né, pra que a pessoa encontre/ em parte a gente destaca bem a parte do instrumento mesmo né, ou quando é música pra orquestra, ou pra outras coisas, às vezes música sacra. Tinha um termo que eu acabei usando, que nem tinha no Bibliodata, um exemplo, música aleatória, música aleatória que eu acabei encontrando na LC, eles tinham esse termo, eles usavam que é algo como, é/ tem um que de improvisação né, às vezes tem ali a partitura mas a idéia é que quem executa improvise uma parte, então é um termo que eu não encontrei, mas acabei colocando no 690, mas pra pessoa poder recuperar também né, enfim, a gente pensa assim, no instrumento e se tiver alguma coisa assim que a gente acha que é importante mesmo, que é música sacra, música contemporânea, experimental, mas a gente tem bastante partitura, e a gente cataloga bastante também. Então eu vou voltar aqui pra ver se tem mais alguma coisa importante que

*eu acho, que da pra colocar como assunto... Bom, acho que é só, acho que tá na média dos três assuntos ((RI)) ah, uma outra coisa, a gente também acaba recorrendo quanto as partituras, de vez em quando eu pergunto pros estagiários daqui, porque tem uns estagiários que trabalham específicos de um acervo de partituras que a gente tem aqui, em um acervo especial que tá sendo catalogado, foi comprado pela UNESP a muitos anos e aí vai ser digitalizado também e aí eles trabalham nesse acervo, então como eles são alunos de música, eu pergunto também, ((FR)) pergunto o que eles acham, dá uma ajuda, principalmente na área de música... Como alunos de música, com certeza eles entendem muito mais do que a gente... Aí eu dou uma olhada pra ver se não esqueci nada no geral... Bom, aqui também eu já tenho dois assuntos, que devem ser sobre “**música e tecnologia**”, eu olho assim, seu eu concordo né [capturing sound, how technology has changed music] {leitura do título} ah, eu acho que sim porque até no subtítulo ele fala sobre música e tecnologia... Então, aqui já não tem, na nossa base o termo “música e tecnologia”, aí eu não sei, ou eu tento adaptar ((FR)) como uma coisa que existe, vou no Bibliodata pra ver se lá existe, no momento não tem. Aí tem um assunto mais genérico no Bibliodata, tem que é **Arte e tecnologia**, que a gente tá vendo... Aí eu vou dar uma olhada no sumário, pra ver se tem alguma coisa interessante/ aí, ele fala bastante mesmo de **indústria fonográfica**, é então, como ele fala bastante de música e tecnologia, acho que pode ser interessante, não tem então eu vou colocar no 690 que é o assunto local, porque eu acho que é um assunto atual porque eu acho que pode ser importante pros alunos daqui, então eu vou colocar mesmo assim. Ah, eu acho que é isso, então eu vou salvar. Deixa eu achar uma classificação aqui. Tem umas ilustrações aqui que eu esqueci de olhar.*

ENTREVISTA RETROSPECTIVA:

11 PESQUISADOR

Deixa eu perguntar agora, como você já catalogou quatro livros, depois de ter visto como você faz mais ou menos, é assim, em geral, quando você sente muita dificuldade em definir o assunto do livro onde você procura? Como último recurso na estrutura dele?

12 SUJEITO

No livro mesmo eu procura às vezes na apresentação, que fala alguma coisa, você acaba olhando.

13 PESQUISADOR

E alguma referência externa?

14 SUJEITO

Ah, é verdade, eu já cheguei a consultar internet, Google, pela questão do idioma, às vezes pelo livro mesmo, com assuntos obscuros, tem umas coisas de arte, que você joga todos os dados e acaba procurando na internet, ou pergunto pra alguém, porque de vez em quando eu sei que tem gente aqui que se interessa por determinado assunto, eu acabo perguntando. Mas é mais em caso de partitura mesmo, peço ajuda pra um professor. Mas livro mesmo a gente consegue fazer sempre mais fácil do que partitura, porque é sempre mais técnico, e a gente imagina uma coisa, supõe alguma coisa e não é aquilo. Mas com relação ao livro mesmo eu costumo usar mesmo basicamente a catalogação na fonte, e também no sumário na apresentação, o que que o autor tá dizendo né, basicamente é isso, se eu não encontro no Bibliodata, se não tá transparente assim de ver aquele assunto eu procuro pela apresentação mesmo, pela catalogação na fonte também. Uma vez eu peguei um livro que eu fiquei meio ((FR)) desesperada, era um livro em francês, que falava/ o título era alguma coisa de

funambulismo, aí eu fui descobrir o que era isso, aí eu descobri que tinha um termo em espanhol que era *funambulismo* e em português também, aí eu pensei o que é isso/ aí era o título também, e era tudo muito metafórico no livro daí eu fiquei meio desesperada. Daí eu descobri que era, perguntando pra Clarisse que entende um pouco mais de espanhol, enfim, olhando pela internet que *funambulismo* mesmo que em português era a arte de andar em corda bamba. Aí ((FR)) era um sujeito famoso que percorreu uma corda bamba entre as duas torres gêmeas quando elas ainda existiam, daí ele escreveu um livro sobre/ não só sobre isso, mas como/ num sentido mais metafórico mesmo, como isso podia ser aplicado pra vida, em geral, de andar na corda bamba, mas eu fiquei um ((RI)) desesperada mesmo, daí eu recorri a Clarisse, e a gente acabou descobrindo isso, ela sabe um pouquinho de francês também, mas o problema não era só isso, não só o idioma, mas o assunto mesmo. Ah, e eu acho que é só.

APÊNDICE F – PROTOCOLO VERBAL INDIVIDUAL – "Biblioteca – Honório Monteiro" da Faculdade de Odontologia da UNESP – Universidade Estadual Paulista Campus de Araçatuba

Caracterização do sujeito da pesquisa: Bibliotecário

Tema da pesquisa: Catalogação de assuntos de livros em biblioteca universitária em área específica

Início: 0:00:00 min

Término: 0:29:21 min

Duração: 0hr29min21seg

Fonte de informação utilizada: Livros da área de Biológicas

Formulário utilizado: Pesquisa Assistida

Campo de pesquisa: Biológicas

Pesquisadora: Daniela Majorie dos Reis

1 PESQUISADOR

Eu quer ver mesmo como você faz, em que partes você procura, aí você pode falar, e quando você terminar eu só vou fazer algumas perguntas. Tá?

2 SUJEITO

É/ é... Indexação ou somente pra atribuir cabeçalho de assunto?

3 PESQUISADOR

Assim, na linguagem natural mesmo né, como você identifica os termos, mas sem passar pro vocabulário né, que é até quando você procurasse em determinada parte eu gostaria que você falasse em que parte você tá. Que parte que é, e é basicamente isso.

4 SUJEITO

*Por exemplo, então eu abri a planilha, abro o livro e como que eu faço a leitura do livro, quando eu chego no campo de assunto então. Bom então vamos lá, assim normalmente né, na unidade a gente abre a catalogação e tal/ tal preenche os campos lá e quando chega no/ atribuir os assunto né/ é, a gente analisa o título né, e o/ folha de rosto, ficha catalográfica, e introdução e sumário né? E às vezes quando tem a orelha né? A gente avalia, ou a contracapa também né, dependendo se tem alguma informação né, a gente dá uma avaliada do conteúdo né. Vou extrair os assuntos pra colocar no registro, como normalmente. Esse livro aqui por exemplo [Ortodontia] {leitura do título} com o Moyers {autor do livro} aqui, é assim a gente lá, lá a gente/ o dia-a-dia, já é conhecido, é uma obra bem conhecida, né a do, como to a quase 18 anos lá na unidade, então, a indexação acaba sendo mais genérica, inclusive dessa livro aqui, um exemplo né, é que na época que foi, que a gente foi recém contratado, a leitura, todos os passos né, a gente lia o sumário né, e atribuía tudo que é assunto né, mas que atualmente a gente dá uma avaliada né na obra, mas nesse caso aqui, é um livro bem genérico na área de **Ortodontia**. Então você, a primeira palavra né, “Ortodontia” né? Que a gente já identifica nesse caso aqui. E que outras que têm né é... Relação né, a gente faz até uma avaliação do prefácio né, do que a obra se trata né. E deixa eu ver aqui, vamos fazer a leitura do prefácio, {leitura breve do início do prefácio}... Nesse caso aqui, além da Ortodontia vai lendo aqui o prefácio e algumas partes do sumário né, que né a obra né traz sobre o “diagnóstico de tratamento” né e ultrassom na Ortodontia né, mas em cima disso a gente faz uma busca na linguagem controlada no caso né. Na UNESP a gente usa o Bibliodata Calco né pro campo 650 que a gente tem como padrão né e os termos*

que a gente vê que não existe no Bibliodata Calco, a gente procura no DeCS, descritores em ciências da Saúde da Bireme né. Pra/ nesse caso a gente coloca no campo 690 né. Acho que seria isso né, pra esse livro seria isso. Nesse caso desse livro aqui, pra fazer a leitura, fazer a indexação dos assuntos né. Tem que indicar as palavras-chave pode falar? É fora a experiência trabalhando né, na biblioteca, com relação aos assuntos que são sempre pertinentes que a gente procura né, né que nem, “diagnóstico” na área de “ortodontia”, “tratamento” né? Tem a parte de “oclusão” né, que o pessoal procura bastante né, que existe, e acho que só. Agora com relação a esta outra obra né, os mesmos passos né, a gente vai abrir, vai ver a folha de rosto né, como nessa outra também não tem/ o título é [Ortodontia preventiva básica] {leitura do título} do [Alael de Paiva Lima] {leitura do autor do livro} a gente vê a folha de rosto né, daí dá uma olhada no/ faz uma leitura do prefácio né... Como também na contracapa pra ver se tem alguma coisa, e na/ no prefácio tem um prólogo aqui, que eu vou dar uma lida pra ver do que se trata né, em termos de assunto... {leitura breve do prólogo} vou ver o sumário também {consulta breve do sumário}... Ah, bom a gente olha no Bibliodata Calco, na seqüência aqui, geralmente trabalhando junto o Bibliodata Calco com o DeCS pra avaliação dos termos né, nesse caso aqui né, o/ a princípio aqui, o/ trata como uma obra voltada pro **ensino** né, especificamente pra **área de Ortodontia** né. Aí, no caso os termos que podemos identificar aqui são “Ortodontia” né, que é o principal, e variantes, não sei se vai ter “Ortodontia preventiva”, teria que avaliar pra ver se existe no Bibliodata Calco, com o DeCS né, se na falta a gente recorre né. Acho que seria isso né, basicamente, fecharia essa obra aqui. Agora a próxima obra né, [Ortopedia funcional e mecânica dos maxilares] {leitura do título}. Esse caso aqui já seria um livro mais específico, da área de **Ortodontia**, e uma experiência a gente já/ seria um livro bem mais específico do que os dois anteriores né, quer dizer, fosse bibliotecário/ começando, a gente acharia que é tudo igual né. Mas assim, pela experiência que eu já tenho, a gente já conhece as áreas e as subáreas né da Odontologia né. Então aquela mesma leitura né, capa, folha de rosto, se tem ficha catalográfica, que no caso também no tem né. É uma, tem até uma pequena biografia do autor que dá uma idéia da especialidade do autor né, que também dá uma ajuda inclusive né. Aí dá uma lida no prefácio né, ver do que se trata a obra né, tem a introdução e o sumário né. Que a gente vai dar uma lida a respeito pra localizar os termos né... Neste caso aqui, é, vou ter que dar uma lida aqui no prefácio. {leitura breve do prefácio} Vou dar uma lida também na introdução {leitura breve da introdução}... É, o autor fala muito dessa “ortopedia funcional – maxilar” né, o livro se tratando de uma área específica da Ortodontia é... Observando os capítulos, tem um tópico dedicando a Ortodontia né, que é ortodôntico. Então, porque quem pega pela primeira vez pensa que é Ortopedia né, só uma leitura assim, simples. Esse a gente faria a mesma situação né, de, de/ inclusive né, nesses, tanto a introdução como o prefácio, é, não tem muito assim, fala um pouco do assunto, do título, mas não chega é/ a descrever o conteúdo do livro né. Vamos analisar então com calma, um espaço que a gente não traria... É assim, traz termos mais gerais né. Discute o assunto tal, que na verdade consta no sumário né? Então, que nem, as palavras que poderiam ser extraídas daqui, aí teria que pegar o Bibliodata Calco pra ver o termo “ortopedia funcional de maxilares” né e como também trata da **oclusão** né, ou da **má oclusão** né, problema com a oclusão né, então a gente vai ter que buscar essa palavra nos termos... E além de também né, é/ ressaltar o termos “ortodontia” né indicado também como assunto né. Colocando uma/ na catalogação de assunto. Só basicamente.

ENTREVISTA RETROSPECTIVA:

5 PESQUISADOR

Bom, então, agora que você terminou a análise de assunto dos livros, eu vi que você observa bastante as partes iniciais né, em algum momento você chega a procurar por exemplo em conclusão, resultado?

6 SUJEITO

Ah, isso aí/ geralmente quando tem conclusão, geralmente é/ fala assim/ a gente vê que na área de Biológicas né assim, a gente até vê que no sumário não tem conclusão essas coisas assim, então a gente nem procura muito no final. Esses detalhes, conclusão e tal. Normalmente tem livros que assim, quando ele é mais fruto de tese/ tem muito livro que é fruto de tese, que inclusive o autor coloca lá, considerações finais ou conclusões da pesquisa que ele fez, uma coisa bem diferente né, que sai publicado, que a gente de vez em quando recebe a tese né/ porque tem livro que é assim, que é/ tese que virou livro mas sem a característica da tese, mas tem autor que deixa um pouquinho da característica, mas é/ são muito poucos.

7 PESQUISADOR

Então, não tem/ livro assim é difícil você encontrar conclusão?

8 SUJEITO

É, é difícil, somente quando é baseado em dissertação ou tese, mas existe, a gente tem lá uns casos, que a gente chama de teses transformadas em livros. Que inclusive a gente vê até na ficha catalográfica ou no prefácio a indicação, mas mesmo com a indicação você vê que a estrutura ele transformou já pra ser livro, não ser a cara de tese né. A gente vê que é bem diferente, a gente já viu o livro, até já pesquisei um exemplo de livro que virou tese né/ até cheguei a pesquisar a tese, inclusive tava on-line né, e houve toda uma modificação né, pra ser um livro texto não ser tese mesmo, pra aplicação, então até alterei mesmo, a alteração de tese pra livro vem explicada no prefácio, já indica alteração pra aplicação, né? Pra que o texto não seja né, no resultado de pesquisa né, porque da forma como é apresentado é um resultado de pesquisa. E na hora que é feita a conversão né, o autor/ mas tem uns casos que quase se mantém a característica né enxugado, mas se mantém. Mas tem livros que a gente vê que o autor já deu a cara de/ realmente de livro. Né, até já suprimiu o/ essa parte de considerações finais ou conclusão né? Mas tem, já trabalhei, já fiz a catalogação de título que era teses e virou livro e manteve as características da tese.

9 PESQUISADOR

E aí pelas partes que você consultou, logo nas primeiras partes do livro, vocês conseguem encontrar o número suficiente de termos, de assuntos?

10 SUJEITO

Olha, é assim, que nem, o/ a gente trabalha com lá aberto o Bibliodata e os conhecimentos da área né, e demanda e procura de, de/ a gente conhece como o usuário procura, então já tem uma familiaridade com o tema do assunto. Então se a gente falar assim, olha, é diferente quando na época que eu entrei na faculdade, da faculdade, parecia que tava falando grego né, o assunto você chegava e falava, que que é isso? Hoje chego aqui e falo, ó, a gente/ chega, quase a falar até igual assim a linguagem, a comunicação com o docente, com o aluno e eles até se confundem né, o aluno chega e fala ué, você é dentista? ((FR)) Não, é que com o passar dos anos, com a experiência, você acaba assimilando o vocabulário né, do que é conversado, então você passa até pro/ facilita né, inclusive o, dos assuntos dentro da/ fazer a catalogação né. Quer dizer, a gente, como até eu fiz aqui, vi a biografia, porque o pessoal defende tem uma, uma pequena biografia do autor, e nesse caso desse livro aqui, tem né, e

isso dá uma, indica uma especialidade né. Então quer dizer já indica que a pessoa vai procurar o termo inclusive, dentro da especialidade do autor inclusive. Tem obras que não traz, nesse caso trouxe né, porque a gente vê em vários casos né, odontologia uma pequena biografia né do autor inclusive. Então, quer dizer, têm, eles sabem que a gente/ existe uma área em que ele sempre atua né. Até inclusive pra classificar a obra, é isso ajuda que inclusive também facilita essa parte de termos né, que serão procurados. Né? Além do sumário, da introdução, do prefácio próprio título, folha de rosto né, ou contracapa né? Então isso colabora né?

11 PESQUISADOR

E a última pergunta. Vocês costumam importar registro? Pra aproveitar?

12 SUJEITO

Então, esse é um, eu diria que tem o pessoal que importa, e que a gente, mas é assim, tem registro que a gente importa que dependendo do período do ano, que se tem, se o volume de trabalho é muito grande, então a gente faz sim, ou já existe o registro né, ou eu diria que dá uma olhadinha pra ver se está tudo certo, porque existe uma recomendação digamos que é um protocolo com relação à importação né, a gente tem então que seguir pra ver se tá correto né e fazer uma correção né. Inclusive, até as palavras-chave a/ o assunto, eu tenho que verificar se tá correto ou não né, porque a gente dá uma verificada né, porque como uns registros já foram feitos a importação sem a verificação né, dar uma checada tal, tá correto e se ta faltando acho interessante né, como a gente conhece a comunidade acaba até acrescentando alguma coisa, se não precisa a gente acaba não acrescentando, mas é sempre bom dar uma olhada, se quando a catalogação tá correta né. Inclusive a entrada de autor, de editor, edição e tal, né, se tá tudo certo né e a verificação né se o cabeçalho tá correto né, no protocolo né, pra colocar os assuntos de acordo com o Bibliodata Calco no campo 650 né, se caso não for se a gente quiser complementar com algumas palavras aqui que não estão no Bibliodata Calco, vamos usar o DeCS no campo 690.

13 PESQUISADOR

Então era basicamente isso viu, você tem mais alguma coisa pra comentar, pra falar?

14 SUJEITO

Bom, é assim, existe também a similaridade de obras do autor né, ele escreve também/ a gente leva em conta também, não só a obra em si, mas também o que o autor publica. O histórico do autor se tem outros títulos dele na biblioteca, a gente vê que são similares na, então a gente dá uma analisada inclusive né. Porque em alguns casos a gente vê que mudou um pouco o título, é uma edição mais nova, mas olhando o sumário a gente vê que é a mesma obra, atualizada, só que com o título diferente. Tem alguns casos que a gente percebe isso mesmo.

15 PESQUISADOR

Seria como uma edição nova só que com o título diferente?

16 SUJEITO

É, o título é novo, com modificação, ou às vezes com enfoque/ de repente a gente vê que tem umas coisas que apareceram que são novas, que de repente ele modificou um pouquinho o subtítulo porque acrescentou algum subtema né, então a obra atualizou né? Ele manteve o título, mas o subtítulo foi modificado, que basicamente ((FR)) é outro livro né? É aquele negócio que tá no protocolo, é um livro novo mas não faz a importação, a gente faz um

registro aproveitado, aí tem um detalhe, que além daquilo que a gente percebe, então acrescentou-se mais um assunto novo, ou subtraiu-se. Se determinado assunto não é mais usado, o autor vai lá e tira, subtrai da obra né, mas a gente acaba encontrando né, no livro novo a gente vê que teve um acréscimo no subtítulo e teve um acréscimo e um assunto novo. Porque se fosse pegar do jeito que tá lá, aproveitar o registro e atualizar edição, ano e se alguma coisa de tradução, trocar, alguma coisa assim né, a gente acaba analisando né, mas é outra obra. Se tem a gente compara, se não a gente nem faz essa comparação. Então é basicamente isso.

ANEXOS

ANEXO A – Notações para a transcrição de Protocolos Verbais adaptadas de Cavalcanti (1989) – retiradas de (FUJITA, NARDI e FAGUNDES, 2003)

.... Pausa e continuação da leitura

(<-) releitura

(>-) Trecho do texto-base “saltado” (ignorado) na leitura

/ auto-interrupção de um pensamento

((FR)) fala rindo

((RM)) resmunga (em tom de ironia)

((RI)) Ri

(>->->) acelera o ritmo da leitura

(~~~) leitura desacelerada, atenta

“...” palavra ou expressão comentada pelo sujeito

[...] trecho do texto-base vocalizado pelo sujeito à primeira leitura, durante o Protocolo Verbal

itálico: fala do sujeito mostrando sua compreensão

MAIÚSCULAS: trecho do texto-base repetido pelo sujeito, no protocolo, no resumo ou entrevistas

{ } inclusão nas transcrições, de descrições de gestos significativos do sujeito ou de comentários

analíticos do pesquisador

(....) omissão de trecho não relevante da transcrição

NEGRITO: trechos que melhor expressam o fenômeno em descrição

SUBLINHADO: relevância-sujeito

ANEXO B – MODELO DE LEITURA PARA INDEXAÇÃO DE TEXTOS CIENTÍFICOS

REFERÊNCIA DO TEXTO:

PASSO-A-PASSO:

1º Observação da estrutura textual e localização do conteúdo do artigo científico: localizar no texto científico os elementos que o compõem, tal como, introdução, metodologia, resultados, discussão dos resultados e conclusão. Verifique o conteúdo pertinente a cada parte do texto.

2º Identificação dos conceitos: considera-se importante, observar as partes da estrutura textual e realizar o questionamento, indicados na grade do modelo de leitura, para que a identificação dos conceitos seja correta.

Observações importantes:

- Para maiores explicações referentes à utilização do modelo de leitura, volte ao manual explicativo;
- os três conceitos ação, objeto e agente são principais, estão interligados e são dependentes um do outro;
- o conceito objeto deve ser o primeiro a ser identificado e a partir dele deverão ser identificados a ação e, em seguida, o agente, nesta ordem;
- os três conceitos principais deverão ser representados **por apenas um termo cada**;
- termos vazios de significado, como “avaliação”, “estudo”, “análise” e etc, não devem representar os conceitos principais e os demais conceitos;
- o conceito ação pode ser representado por termo que denomina uma doença ou um fenômeno, mas, na maioria dos textos é um substantivo, como “coagulação”;
- nem todos os conceitos serão, necessariamente, identificados por termos.

CONCEITO (ANÁLISE CONCEITUAL)	QUESTIONAMENTO (NORMA 12.676)	PARTE DA ESTRUTURA TEXTUAL
OBJETO	O documento possui em seu contexto um objeto sob efeito de uma atividade?	INTRODUÇÃO (OBJETIVOS)
AÇÃO	O assunto contém um conceito ativo (por exemplo, uma ação, uma operação, um processo etc)?	INTRODUÇÃO (OBJETIVOS)
AGENTE	O documento possui um agente que praticou esta ação?	INTRODUÇÃO (OBJETIVOS)
MÉTODOS DO AGENTE	Este agente refere-se a modos específicos para realizar a ação (por exemplo, instrumentos especiais, técnicas ou métodos)?	METODOLOGIA
LOCAL OU AMBIÊNCIA	Todos estes fatores são considerados no contexto de um lugar específico ou ambiente?	METODOLOGIA
CAUSA E EFEITO	São identificadas algumas variáveis dependentes ou independentes?	RESULTADOS; DISCUSSÃO RESULTADOS DE
PONTO DE VISTA DO AUTOR; PERSPECTIVA	O assunto foi considerado de um ponto de vista, normalmente não associado com o campo de estudo (por exemplo, um estudo sociológico ou religioso)?	CONCLUSÕES

ANEXO C – Modelo de leitura documentária para indexação na catalogação de assuntos de livros em bibliotecas

REFERÊNCIA DO TEXTO:

PASSO-A-PASSO:

1º Observação da estrutura textual e localização do conteúdo do livro:

- Verifique o conteúdo pertinente a cada parte do livro através de exame das partes externas e internas da estrutura textual;
- Localize no livro os elementos que o compõem, tal como:
 - parte externa: contracapa e orelhas;
 - parte interna pré-textual: folha de rosto (título e subtítulo e no verso a série e a ficha catalográfica que fornecem pistas sobre o conteúdo do livro), listas de ilustrações e tabelas, prefácio, resumo e sumário, se houver;
 - parte interna textual: introdução, metodologia, desenvolvimento (com resultados se houver) e conclusão;
 - parte interna pós-textual.

2º Identificação dos conceitos: considera-se importante, observar as partes da estrutura textual e realizar o questionamento, indicados na grade do modelo de leitura, para que a identificação dos conceitos seja correta.

Para explicações detalhadas referentes à utilização do modelo de leitura, volte ao manual de ensino;

Observações importantes:

- os três conceitos objeto, ação e agente são principais, estão interligados e são dependentes um do outro;
- o conceito objeto deve ser o primeiro a ser identificado e a partir dele deverão ser identificados a ação e, em seguida, o agente, nesta ordem;
- os três conceitos principais deverão ser representados **por apenas um termo cada**;
- PODE SER TERMO SIMPLES OU COMPOSTO JAMAIS FRASES/SENTENÇAS;
- termos vazios de significado, como “avaliação”, “estudo”, “análise” e etc, não devem representar os conceitos principais e os demais conceitos;
- o conceito ação pode ser representado por termo que denomina uma doença ou um fenômeno, mas, na maioria dos textos é um verbo no substantivo, como “coagulação”;
- nem todos os conceitos serão, necessariamente, identificados no conteúdo do livro a não ser que o tema os contemple, por exemplo os conceitos de causa e efeito, serão representados por termos desde que o livro contenha conclusões ou que apresente parte específica sobre metodologia para identificar o conceito de método.

CONCEITOS	QUESTIONAMENTO PARA IDENTIFICAÇÃO DE CONCEITOS	PARTES DA ESTRUTURA DO LIVRO
OBJETO e PARTE(S) DO OBJETO (algo ou alguém que está sob estudo do autor)	O documento possui em seu contexto um objeto sob efeito desta ação?	SUMÁRIO E INTRODUÇÃO
AÇÃO (processo sofrido por algo ou alguém)	O assunto contém uma ação (podendo significar uma operação, um processo etc.)?	SUMÁRIO E INTRODUÇÃO
AGENTE (aquele ou algo que realizou a ação)	O documento possui um agente que praticou esta ação?	SUMÁRIO E INTRODUÇÃO
MÉTODO (métodos utilizados para realização da pesquisa)	Para estudo do objeto ou implementação da ação, o documento cita e/ou descreve modos específicos, por exemplo: instrumentos especiais, técnicas, métodos, materiais e equipamentos?	SUMÁRIO INTRODUÇÃO OU METODOLOGIA

TEMPO (ano, período ou época)	O estudo foi desenvolvido em período específico? É relevante representá-los na Catalogação de Assunto?	SUMÁRIO INTRODUÇÃO OU METODOLOGIA
LOCAL OU AMBIÊNCIA (local físico onde foi realizada a pesquisa)	Todos estes fatores são considerados no contexto de um lugar específico ou ambiente?	SUMÁRIO INTRODUÇÃO OU METODOLOGIA
PONTO DE VISTA DO AUTOR [perspectiva, opinião]	O assunto foi considerado de um ponto de vista, normalmente não associado com o campo de estudo (por exemplo, um estudo sociológico ou religioso)?	INTRODUÇÃO E PREFÁCIO
CAUSA E EFEITO Causa (ação+objeto)/Efeito	Considerando que a ação e o objeto identificam uma causa, qual é o efeito desta causa?	CONCLUSÕES OU PARTE FINAL

Quadro 1: Versão do Modelo de Leitura Documentária para catalogação de assuntos de livros